

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**Sheroll Bernardi Meira**

**A ELITE AMADORA, FORA DOS PELOTÕES DE ELITE: um estudo etnográfico  
em uma assessoria esportiva para corredores amadores.**

**Porto Alegre  
2019**

**Sheroll Bernardi Meira**

**A ELITE AMADORA, FORA DOS PELOTÕES DE ELITE: um estudo etnográfico  
em uma assessoria esportiva para corredores amadores.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre  
2019

#### CIP - Catalogação na Publicação

Bernardi Meira, Sheroll

A elite amadora, fora dos pelotões de elite: um estudo etnográfico em uma assessoria esportiva para corredores amadores. / Sheroll Bernardi Meira. -- 2019.

117 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. etnografia. 2. corrida de rua. 3. assessorias esportivas. 4. associativismo esportivo. I. Stigger, Marco Paulo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sheroll Bernardi Meira

**A ELITE AMADORA, FORA DOS PELOTÕES DE ELITE: um estudo etnográfico  
em uma assessoria esportiva para corredores amadores.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Aprovada em Porto Alegre, agosto de 2019.

---

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

---

Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias - UFMG

---

Prof. Dr. Johannes Doll - UFRGS

---

Prof. Dra. Raquel da Silveira - UFRGS

Dedico este trabalho ao meu filho que ainda não nasceu, mas que entre um enjoo e outro já tornou este momento ainda mais especial. Espero que um dia ele possa ler este trabalho e saber que contribuiu de alguma forma.

## AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, como em todos os meus trabalhos acadêmicos, agradeço em primeiro lugar aos meus pais. Eles tiveram, mais do que nunca, um papel decisivo na conclusão do meu mestrado: me acolheram novamente e me deram suporte financeiro. Somente agradecer é pouco para expressar minha gratidão por tudo, espero um dia poder fazer mais.

Agradeço também ao meu orientador, Stigger, pelo apoio, orientação, suporte e puxões de orelha. Apesar de alguns momentos difíceis, sempre lembro com carinho dos nossos encontros.

Agradeço ao professor Mauro Myskiw pela ajuda em diversos momentos. Pelo estágio docente, pelas contribuições que foram feitas e pela presteza de sempre. Sem dúvida nenhuma é uma referência do que é ser 'professor' para mim.

Ao grupo GESEF, obviamente, agradeço por viabilizar este trabalho. Sem as nossas discussões e debates não surgiriam metade das minhas ideias e *insights* para esta pesquisa.

À equipe Azul, em especial ao coordenador, por me receber e me acolher como uma Azul!

Às minhas amigas, Gi e Carol, pelos momentos de descontração (festas, risadas, conversas e apoio) e pela força nas traduções!

Ao Milton e ao Nelson, pela companhia em todos os momentos de reclusão, eu e meu trabalho. Vocês tornam os momentos muito mais bonitos e menos penosos, meus amores.

Ao meu companheiro, Manoel, por tornar a minha vida mais leve e prazerosa!  
Te amo!



## RESUMO

### **A ELITE AMADORA, FORA DOS PELOTÕES DE ELITE: um estudo etnográfico em uma assessoria esportiva para corredores amadores.**

**Autora: Sheroll Bernardi Meira**  
**Orientador: Prf. Dr. Marco Paulo Stigger**

Este trabalho teve como objetivo aprofundar os estudos acerca do fenômeno urbano da corrida de rua, ocorrido nos últimos anos. Neste fenômeno estão inseridas as assessorias esportivas, surgidas em sua grande maioria a partir dos anos 2000. Desta forma, este trabalho buscou compreender como se constituem e como se mantêm as assessorias esportivas para corredores amadores. Para tanto, optei por realizar uma investigação etnográfica com um grupo de corredores amadores formados por uma assessoria esportiva da cidade de Porto Alegre. Esse grupo, com mais de 150 integrantes, foi observado durante dez meses. Realizei 52 idas a campo e 12 entrevistas com alunos, professores e estagiários. Além disso, como se mostrou relevante para a investigação, foram analisados conteúdos publicados no aplicativo *Instagram*. Constatei, então, a partir das observações, análises e entrevistas, que o grupo estudado, apesar de se constituir através de uma organização empresarial, é mantido principalmente pelos laços sociais estabelecidos entre os integrantes da equipe, pelo forte sentimento de pertencimento e pela identificação com o universo da corrida. Ainda, as estratégias de posicionamento de mercado praticadas pela empresa estudada atuam no sentido de atrair clientes com os mesmos objetivos e com interesses semelhantes na corrida de rua, favorecendo a permanência na equipe. Essas equipes, formadas a partir de assessorias, podem ser entendidas, apesar de não haver outros trabalhos com essa abordagem, como uma nova forma de associativismo esportivo. Essas organizações se mostram eficazes como forma de organização social, sendo um meio de satisfação de necessidades na prática esportiva em comunidade. Por fim, destaco como principal contribuição deste trabalho a apresentação de informações empíricas que confrontam com alguns consensos acerca da prática da corrida de rua e do associativismo esportivo.

**Palavras chave:** corrida; assessorias; associativismo; empresas.

## **ABSTRACT**

### **THE AMATEUR ELITE, OUT OF THE ELITE SQUAD: an ethnographic study at a sports consultancy for amateur runners.**

**Author: Sheroll Bernardi Meira**  
**Adviser: Dr. Marco Paulo Stigger**

This research aims to deepen the studies about the urban phenomenon of road running, that has been occurring for the past years. This phenomenon includes sports consultancy, which appeared mostly in the 2000s. Therefore, this study seeks to understand how this sports consultancy are constituted and supported for amateur runners. For that I chose to conduct an ethnographic research with a group of amateur runners composed by a sports consultancy from the city of Porto Alegre. This group, formed by more than 150 runners, was observed for ten months. I conducted 52 field trips and 12 interviews with students, teachers and interns. Moreover, as it became relevant to this investigation, content published on the app Instagram, was also assayed. From the observations, reviews and interviews, that the related group, despite being formed by a business organization, it is kept mainly by social relations established among the group members, by a strong sense of belonging and identification with the race's universe. Yet, the marketing position strategies, used by the researched company, acts to attract costumers with the same goals and similar interests in road running, favoring the permanence on the group. These groups, formed from sports consultancy, can be known, although there is no other research with this approach, as a new way to sports associations. These organizations are shown as an effective way of social organization, being a mean to satisfy the necessity of sports practice in a community. In conclusion, I highlighted as the main contribution of this study the submission of empirical information that confront some consensus about the practice of road running and the sports associations.

**Key words:** race; consultancy; associations; companies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Foto do Longão pré Maratona da equipe Azul .....	40
Figura 2 Planos da CUCA.....	52
Figura 3 Plano da Azul .....	52
Figura 4 Cinco motivos para correr.....	60
Figura 5 Stories com Garmin no Instagram.....	64
Figura 6 Perfis no Instagram.....	66
Figura 7 Feed no Instagram de um corredor da equipe Azul .....	67
Figura 8 O valor do corredor.....	70
Figura 9 Imagem da Maratona de Porto Alegre .....	71
Figura 10 Propaganda equipe Azul .....	75
Figura 11 Treino no CETE .....	76
<i>Figura 12 TTT de 2019</i> .....	79
Figura 13 Campeões da Amarela.....	81
Figura 14 Campeões da equipe Amarela .....	82
Figura 15 Equipe Azul reunida.....	82
Figura 16 Parte da equipe Azul .....	83
Figura 17 Perfil de aluno equipe Amarela .....	84
Figura 18 Perfil de aluno da equipe Amarela.....	84
Figura 19 Perfil de aluno equipe Amarela .....	85

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. A TRAJETÓRIA ATÉ O PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	17
2.1 A CORRIDA DE RUA: DO TESTE DE COOPER AOS DIAS ATUAIS.....	17
2.2 O SURGIMENTO DOS GRUPOS DE CORRIDA .....	24
2.3 ALGUNS TRABALHOS ACERCA DO FENÔMENO ‘CORRIDA DE RUA’ E DEMARCAÇÕES DESTE ESTUDO.....	29
<b>3. OS CAMINHOS METOLÓGICOS</b> .....	32
3.1 COMO FOI DESENVOLVIDA ESSA PESQUISA: ESCOLHA DO GRUPO E PROCEDIMENTOS.....	35
<b>4 COMO FUNCIONA A EQUIPE AZUL: COMO EMPRESA E COMO EQUIPE</b> .....	45
<b>5. O QUE É CORRER NA EQUIPE AZUL</b> .....	59
5.1 OS INVESTIMENTOS NECESSÁRIOS.....	60
5.2 A VITÓRIA PARA ALÉM DAS PISTAS: A PERSEVERANÇA E O ESFORÇO. ....	70
5.3 “VAI AZUL”: O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO .....	74
5.4 O DIFERENCIAL DA AZUL: SUA POSIÇÃO NO MERCADO E NAS PISTAS.....	79
<b>6. EMPRESA, EQUIPE, GRUPO, ASSOCIATIVISMO: AFINAL, O QUE SÃO AS ASSESSORIAS ESPORTIVAS PARA CORRIDA DE RUA?</b> .....	86
6.1. ASSESSORIAS ESPORTIVAS: UMA NOVA FORMA DE ASSOCIATIVISMO? .....	86
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107
<b>APÊNDICES</b> .....	112
<b>1.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	113
<b>1.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS</b> .....	115
<b>1.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES/ESTAGIÁRIO</b> .....	117

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que apresento aqui surgiu com uma simples e inusitada vontade de estudar a corrida de rua amadora. Refiro-me a ela como inusitada porque imaginamos que o interesse em estudar um esporte específico surja da afinidade do pesquisador com essa prática. No meu caso, o interesse surge do completo oposto: a total falta de afinidade com a corrida de rua.

Falando um pouco sobre as minhas oportunidades e da minha trajetória acadêmica, sou graduada em Administração, ou seja, minha formação tem origem nas ciências sociais aplicadas. Em toda minha graduação as disciplinas que sempre detiveram maior parte da minha atenção foram as ligadas à sociologia e à filosofia. Para conclusão do curso, realizei uma pesquisa sobre a cultura organizacional de três órgãos públicos e como as diferentes culturas interferiam no atendimento à sociedade. Minha migração para outro curso, a Educação Física, se deu pela vontade de mudar de profissão e de trabalhar com o que mais gostava de praticar: a dança, o *Pilates* e a musculação. Contudo a minha vontade de estudar as culturas e as sociedades não cessaram com o ingresso no novo curso.

Assim que iniciei no curso de Educação Física me deparei com uma realidade diferente da que eu imaginava, estando eu, agora, em um curso da área da saúde. Logo no primeiro semestre em uma disciplina ministrada pelo meu atual orientador, Estudos Socioculturais I, percebi que eu poderia conciliar meus interesses: a sociologia e as práticas corporais. Foi assim que ingressei no Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física – GESEF – no qual permaneço até hoje.

Foi no GESEF que eu comecei a me aproximar de uma outra forma de fazer pesquisa, a etnografia. Apesar de ter realizado algumas pesquisas de cunho qualitativo na área da administração, a etnografia não fazia parte da tradição da área. Foi a partir de discussões, de estudos e de diálogos nesse grupo de pesquisa que o presente estudo foi possibilitado.

Ainda que eu tenha escolhido o que queria estudar muito no início do ingresso no Mestrado Acadêmico – corrida de rua – o problema de pesquisa foi construído e desconstruído diversas vezes. A aproximação com o campo e com o universo social da corrida de rua me trouxeram novos questionamentos, diferentes dos que me levaram a estudar esse esporte. Se no início intrigava-me o fato de eu ver todos os

dias dezenas de corredores pelas ruas de Porto Alegre e ficava espantada por estes dedicarem tantas horas e tantos esforços para a prática da corrida de rua, ao me aproximar do campo e ao ler outros trabalhos sobre a temática, comecei a perceber o papel dos grupos de corrida e suas diferentes formas de constituição. Se por um lado esses grupos representavam uma forma de associativismo esportivo, por outro, eles eram formados por clientes e funcionários de uma empresa, apresentando interesses diversos daqueles formados por outros grupos voluntários que se unem para a prática esportiva.

A leitura de alguns trabalhos acadêmicos, em especial, a tese de doutorado de Martha Dellari (Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo) que tenta compreender a corrida como um fenômeno atual fortemente ligado a valores e estilos de vida da sociedade, contribuíram para que eu buscasse compreender uma das facetas dessas mudanças que são retratadas no universo da corrida de rua: as assessorias esportivas. A escassez de trabalhos que tratam da corrida de rua como um fenômeno sociocultural me deu um estímulo adicional para o desenvolvimento dessa dissertação de mestrado. Apesar de algumas pesquisas (Balbinotti e colaboradores, 2015; Marcellino, 1999; Linck 2018) apontarem o papel dos grupos de corrida nas transformações ocorridas no universo da corrida de rua, não encontrei respostas para algumas perguntas que se fazem importantes para compreensão desse fenômeno, como, por exemplo, compreender o que são e como se constituem esses grupos.

Vale ressaltar que eu não estudei a corrida de rua como uma prática homogênea. A corrida de rua praticada pelos profissionais que integram os pelotões de elite é diferente da praticada pelas senhoras da 'elite'<sup>1</sup> no parque Moinhos de Vento em Porto Alegre, por exemplo. Em um dia de observações no Parcão (como é chamado o parque Moinhos de Vento pelos portalegrenses), conversando com as senhoras que fazem parte do grupo de corrida que eu acompanhava, perguntei o motivo de uma delas estar treinando para uma meia maratona e a resposta foi: "não

---

<sup>1</sup> O termo 'elite' está sendo utilizado como sinônimo de classe social elevada. Segundo Barnabé (1999), o termo 'elite' começou a ser empregado no século XVII designando produtos de qualidade excepcional, a 'nata' das mercadorias oferecidas à venda. Por volta do século XVIII, seu uso ampliou-se, incluindo a ideia de distinção em outros contextos, inclusive no social, denotando assim pessoas e grupos sociais superiores.

tem como viajar para Nova Iorque para fazer uma prova de 5 quilômetros, no mínimo a meia maratona eu preciso correr para justificar”<sup>2</sup>.

O grupo que eu observei apresentava razões e formas de praticar a corrida de rua diferentes daquelas que pautam o esporte profissional, por exemplo. A prática desportiva é heterogênea e pode ser apropriada a partir dos sentidos atribuídos pelos praticantes (STIGGER, 2000). Ainda que o esporte seja o mesmo, a maneira como ele é praticado e o significado que lhe é atribuído podem ser completamente distintos.

A resposta relatada acima, juntamente com a leitura de outros trabalhos que retratam as mudanças ocorridas no universo da corrida de rua, aliado aos discursos coletados em campo, fizeram com que eu olhasse para as questões de consumo atreladas à prática da corrida de rua. Nesses meses de trabalho de campo não foram poucas as referências ao surgimento de uma ‘corrida elitizada’. Ao contrário do que ocorre com os atletas de alto rendimento no atletismo, em especial os fundistas, normalmente oriundos de classes sociais menos favorecidas, como Haile Gebrselassie<sup>3</sup>, atleta etíope vencedor de 108 provas, a corrida de rua no meio amador tem atraído a adesão de um outro perfil de praticantes:

Marchi Júnior (2015), compreende que não existe um único perfil de corredor, e o esforço para tentar caracterizar todos acaba se tornando uma tarefa altamente complexa. Contudo, no que tange às transformações que ocorreram em relação à figura dos agentes corredores, busca-se agora abordar o tema em uma vertente socioeconômica, pois como indicam Oliveira (2010), Rosa (2013) e Rojo (2014), anteriormente ao *boom* das corridas de rua no cenário brasileiro, a maioria dos corredores eram provenientes de classes sociais menos abastadas. Porém, nos dias atuais, conforme lembram Rojo e colaboradores (2017) a constatação é um pouco diferente. (ROJO, STAREPRAVO, MAZZADRI e SILVA, 2017, p. 88)

Ainda que alguns trabalhos apontem para a mudança no perfil socioeconômico dos praticantes de corrida de rua, como um dos motivos para o surgimento de novos formatos de eventos e uma nova forma de praticar a corrida de rua, meu interesse nesse trabalho foi entender como essa ‘nova forma’ de praticar a corrida de rua é vivenciada pelos seus praticantes (os ‘nativos’), visto que as assessorias esportivas se inserem nesse novo contexto. Conforme meu contato com

---

<sup>2</sup> Diário de campo nº 27, 04.02.2019.

<sup>3</sup> Atleta vencedor de diversas maratonas e provas de longa distância, nascido no interior da Etiópia, iniciou no esporte em virtude da distância que percorria entre a sua casa e a escola, de 10km. O atleta, inclusive, mesmo nas competições profissionais, corria como se carregasse livros no braço direito, visto ter se adaptado a correr dessa forma.

este universo, essa nova forma é percebida por alguns nativos, aqueles que já praticavam o esporte, como uma ‘corrida elitizada’ ou, como retratada por um ex-atleta, com quem conversei em uma das minhas idas a campo, as corridas são “gourmetizadas”:

Eu lembro quando comecei a correr que o investimento era mínimo, poucas pessoas praticavam corrida, a inscrição muitas vezes era um quilo de alimento. Hoje, a inscrição em uma corrida quase sempre é mais de 100 reais, sem contar o GPS, o tênis, o deslocamento. A corrida hoje tá muito elitizada, a galera quer participar dos eventos, todo mundo ganha a medalha e fica feliz, sem se importar muito com o tempo. Sabe ‘gourmetizada’? Tudo é corrida no final das contas, mas o pessoal inventa, coloca um nome bonito, dá camiseta, squeeze e não sei mais o quê, todo mundo paga. (Diário de campo 32, dia 14 de fevereiro de 2019).<sup>4</sup>

Ainda sobre o perfil dos corredores:

Segundo a investigação o perfil dos corredores que praticam a modalidade é bem diferente do dos corredores de anos atrás. Em relação à escolaridade, a grande maioria (75%) possui nível superior e 60% deles têm salários superiores a 5.000 reais. A pesquisa apresenta também que a renda familiar de 60% dos corredores ultrapassa 5.000 reais por mês, sendo que 31% dos corredores pesquisados possui renda mensal superior a 8.000 reais (OSSE, 2009). Pode-se observar, a partir dos dados levantados em Osse (2009), que a tendência atual é de que o perfil da parte majoritária dos corredores seja de indivíduos com uma melhor condição social (ROJO, STAREPRAVO, MAZZADRI e SILVA, 2017, p. 89)

Ao que tudo indica, pelas contribuições dos autores citados, os perfis dos corredores são diversos, havendo uma mudança na predominância, de corredores com um poder aquisitivo mais baixo, para corredores com um poder aquisitivo mais elevado. Os grupos de corrida orientados por assessorias esportivas surgem nesse novo contexto oferecendo serviços para esse novo perfil de corredor amador.

Dessa forma, passando a acompanhar um grupo de corrida, orientado por uma assessoria, com mais de cento e cinquenta corredores amadores da cidade de Porto alegre, em seus treinos e participações em competições, eu tive contato com esse novo perfil de corredor, os praticantes de uma ‘corrida elitizada’: uma forma de praticar a corrida de rua pouco pautada pela competição e bastante orientada por questões que extrapolam a prática esportiva: as viagens, o consumo, as festas e os eventos.

---

<sup>4</sup> Fala de um corredor, ex atleta de triatlo, não integrante da equipe objeto da pesquisa.

No meu contato com o campo, percebi que a forma como aqueles indivíduos praticavam a corrida de rua, relacionava-se com a forma como aqueles indivíduos viviam: com seus círculos de convívio, com seus interesses culturais, com seus hábitos de consumo, com os valores por eles compartilhados. O grupo que eu passei a observar apresentava algumas características que confrontavam com o senso comum e até mesmo com algumas pesquisas na área: a) a competição não pautava os encontros diários do grupo; b) temas como saúde, emagrecimento e estética, pouco apareciam nas conversas entre os participantes e entre participantes/professores; c) os investimentos feitos pelos amadores para a prática da corrida de rua, tanto de tempo, quanto financeiros, eram elevados; d) as redes sociais virtuais representavam elementos importantes para manutenção do grupo e, e) se constituía e era organizado por intermédio da contratação de uma assessoria esportiva.<sup>5</sup>

Nos capítulos que seguem, procuro demonstrar a trajetória dessa pesquisa quase na mesma ordem cronológica como ela ocorreu de fato, passando pela contextualização do esporte e do surgimento das questões de pesquisa, pelos caminhos metodológicos que foram escolhidos a priori e durante o desenvolvimento do trabalho, passando para a descrição do grupo e do campo observado e, em seguida, apresentando as coletas de campo e os diálogos teóricos.

No capítulo 2 trato da trajetória percorrida desde a escolha do tema até a chegada ao problema de pesquisa, passando pelas transformações no universo da corrida de rua, pelo surgimento dos grupos de corrida e das assessorias esportivas para corredores amadores. A seguir, apresento alguns trabalhos que tratam sobre o universo da corrida de rua e apresento os problemas de pesquisa.

No capítulo 3 apresento os caminhos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento dessa pesquisa. Dessa forma, apresento a minha experiência etnográfica e a forma como foram feitas as coletas de dados para concretizar este trabalho.

A análise dos dados foi categorizada em três partes. No capítulo 4 procuro responder como funciona a equipe Azul, como empresa e como equipe. Tentando evidenciar a sistemática dos grupos orientados por assessorias olhei para a Azul como uma empresa que oferta serviços, mas também como um grupo de corrida formado por pessoas que tem interesse na prática da corrida de rua.

---

<sup>5</sup> Essas questões serão discutidas ao longo do trabalho, a seguir.

No capítulo 5 procuro responder como é correr na equipe Azul. Dessa forma, procuro mostrar elementos importantes para a permanência dos integrantes na equipe Azul e a forma como a corrida de rua é praticada e compartilhada por eles.

No capítulo 6 procuro responder o que são os grupos de corrida orientados por assessorias esportivas, dialogando com autores que tratam do associativismo esportivo, tentando fazer um exercício de aproximação e distanciamento das características da equipe Azul com as formas de associativismo já exploradas na literatura.

## **2. A TRAJETÓRIA ATÉ O PROBLEMA DE PESQUISA**

Neste capítulo pretendo descrever como se desenvolveu a problematização deste estudo, mostrando a construção do problema de pesquisa. O primeiro subcapítulo tem como objetivo demonstrar as transformações do universo cultural da corrida de rua, contextualizando o panorama atual do esporte. No segundo subcapítulo trato de evidenciar alguns aspectos importantes para o surgimento dos grupos de corrida e como esse surgimento se relaciona com as transformações no universo da corrida de rua. No terceiro e último subcapítulo apresento o problema de pesquisa, buscando demarcar este estudo.

### **2.1 A CORRIDA DE RUA: DO TESTE DE COOPER AOS DIAS ATUAIS.**

A corrida de rua é um fenômeno relativamente atual. Pode parecer estranho falar da corrida de rua como um fenômeno recente, pensando que o esporte apresenta seus primeiros registros há centenas de anos. Contudo, neste trabalho, considero como 'fenômeno da corrida de rua', o fenômeno urbano, ocorrido nos últimos anos, de uma maior adesão à prática por amadores que circulam pelas ruas e parques das cidades. Ainda que o esporte exista há centenas de anos, a sua prática no meio amador inicia com maior força a partir dos anos 70 e, a partir dos anos 2000, observa-

se um aumento significativo no número de praticantes e de provas. Segundo Rojo (2014):

A partir da leitura e análise dos estudos, chegamos à conclusão que as transformações ocorridas nas corridas de rua são muitas. A princípio a modalidade que apenas contemplavam os atletas chamados “profissionais”, pertencentes à elite do esporte, após a década de 1970 passa a contemplar também todos os demais cidadãos, que são os chamados atletas “amadores”. Com o aumento de pessoas praticando a corrida, houve também o aumento no número de provas. (ROJO, 2014, p. 7)

Falo da corrida de rua, como apresentarei mais adiante, como um fenômeno urbano, ocorrido nos últimos anos. Fenômeno este que tornou comum avistarmos dezenas de corredores todos os dias praticando o esporte nas ruas de Porto Alegre e também o surgimento de um amplo calendário de provas de todos os tipos, crescente ano após ano. Tratando-se de uma prática cultural, a maneira como ela é praticada e os significados que são atribuídos a essa prática estão relacionados a um dado momento histórico e a determinada realidade social.

A primeira coisa que precisa ser esclarecida: a corrida de rua é uma modalidade esportiva específica do atletismo. Digo isso porque, ao longo do meu trabalho de campo, muitas pessoas não reconheciam a corrida de rua como uma modalidade institucionalizada, referindo-se à corrida de rua como qualquer tipo de corrida praticada ao ar livre. Apenas a título de esclarecimento, segundo as regras oficiais da Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF), a modalidade ‘corrida de rua’, refere-se a corridas de pedestres, de caráter competitivo, praticadas por homens e mulheres, realizadas exclusivamente em ruas pavimentadas, podendo ocorrer a saída e a chegada em estádios. Suas distâncias podem variar de 5 a 100 quilômetros, sendo as medidas padrões os percursos de 10 quilômetros, 15 quilômetros, Meia Maratona (21 quilômetros) e Maratona (42,195 quilômetros)<sup>6</sup>.

A prática da corrida de rua, passou por algumas transformações no que diz respeito à prática amadora. Salgado e Chacon – Mikahil (2006) ressaltam que por volta de 1970, ocorreu o “*jogging boom*” baseado na teoria do médico norte-americano Kenneth Cooper, criador do método Cooper. A prática da corrida nas ruas começa a

---

<sup>6</sup> ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS FEDERAÇÕES DE ATLETISMO, manuais e diretrizes. Disponível em <https://www.iaaf.org/about-iaaf/documents/technical#manuals-guidelines> Acesso em junho de 2018.

crescer de forma mais acentuada em todo o mundo. Também na década de 70 surgiram provas onde foi oportunizada a participação popular junto aos corredores de elite, porém com largadas separadas para os respectivos pelotões.

Marinho (2017) sugere que as abordagens acerca do crescimento da corrida de rua no mundo, que ocorrem a partir da década de 1970, passam pelas referências do papel de William Bowerman, com a invenção/popularização do *joggin* e de Kennet H. Cooper, criador do método Cooper, nessa sucessão. Bowerman foi treinador de atletismo da universidade de Oregon e coautor do livro *Jogging: A Physical Fitness Program for All Ages*. Esse livro propunha um programa de treinamento para corredores que não tinham a pretensão competitiva (MIRANDA, 2007).

Segundo Cleber Dias (2017), autor que faz uma análise histórica sobre o rápido crescimento de adeptos à modalidade após a década de 70 e busca reconstituir e analisar a história da corrida de rua no Brasil, Cooper realmente desempenhou um papel importante no processo da popularização da corrida de rua no Brasil, mas só pôde fazê-lo, associado a vários outros fatores, em razão de um conjunto de circunstâncias que lhe antecederam e que conformaram previamente um ambiente cultural favorável à assimilação de suas propostas. O mesmo autor defende que costumes culturais não surgem repentinamente, mas são o resultado cumulativo de ações sociais que vão se sucedendo ao longo de um dado período de tempo. Dentre essas ações sociais, o autor cita a participação histórica do treinamento físico dos jogadores da seleção brasileira, através da figura do treinador Coutinho, que após ter estudado os métodos de Cooper fora do Brasil, traz a corrida como forte elemento para o condicionamento físico dos atletas de futebol da seleção Brasileira que participariam da Copa do Mundo de Futebol de 1970.

A vitória do Brasil na Copa de 1970 teve boa parte dos créditos atribuídos aos novos métodos de treinamento de Cooper introduzidos por Coutinho. Em pouco tempo, os métodos de Cooper foram difundidos pelo Brasil, com a ajuda da mídia, como métodos que eram benéficos para toda população brasileira. Dessa forma, os livros de Cooper tiveram grande repercussão. Em apenas dois anos após o lançamento do primeiro livro de Cooper no Brasil, este mesmo livro já alcançava sua sexta edição traduzida, o que estimulou a vinda de outras obras do autor sobre o mesmo tema para o Brasil. Até o final da década de 90, Cooper tinha mais de dez livros publicados, todos com ótima aceitação do público. Segundo Dias, 2017:

Nessa época (década de 70), o já famoso teste para aferição da capacidade física criado por ele, chamado simplesmente teste de Cooper, que estabelecia parâmetros de avaliação do condicionamento físico através da medição da distância percorrida em uma corrida de 12 minutos, tornou-se sinônimo de atividade física aeróbica no Brasil. Mais que isso, o crescimento do interesse pela prática da corrida de rua seria, dali em diante, sempre e inevitavelmente associado pela opinião pública brasileira com as ideias de Cooper, consolidando, assim, uma memória social que até hoje o identifica como principal responsável pela difusão do hábito de se praticar regularmente a corrida ou a caminhada. Já em 1972, o cronista esportivo Armando Nogueira, relacionava o crescimento do número de praticantes de corridas e caminhadas na Zona Sul do Rio de Janeiro às propostas de Cooper. (DIAS, 2017, p. 14).

Foi assim que, segundo Dias (2017), os novos métodos de treinamento, introduzidos por Coutinho, ganharam forte repercussão na mídia brasileira. Na época, a corrida aparecia com certo ar de excentricidade, como método inovador e embasado cientificamente. Vejamos que a corrida de rua era vista como algo inovador na década de 70, ou seja, há menos de 50 anos a prática da corrida de rua ainda não era difundida nem mesmo para treinamento no esporte de alto rendimento. Uma reportagem publicada pela CBN em 2017, sugere que esse cenário ainda era presente na década de 80, como um dos entrevistados comenta: “Eu corria com 13 anos de idade. Então, nos anos 80, quando a gente corria na rua de *short* causava uma perplexidade nas pessoas. As pessoas ‘metiam’ a cara pra fora do restaurante e do bar pra ver o que estava acontecendo. Por que aquele cara estava correndo no meio da rua?”<sup>7</sup>

No entanto, não foram somente as ideias de Cooper que influenciaram a “mania da corrida no Brasil”, como sugere Cleber Dias (2017, p.16). Há também algumas mudanças no paradigma médico que influenciaram a modificação dos hábitos dos brasileiros, relacionados à atividade física. Dentre as décadas de 40 e 50, houve a iminência de novas drogas que reduziram significativamente as mortes por doenças infectocontagiosas, deslocando a preocupação da área médica para outras doenças, tais como hipertensão, diabetes e cardiopatias, doenças que eram, e continuam sendo, associadas ao sedentarismo. Porém, nessa época, pouco se sabia

---

<sup>7</sup>Corridas de rua crescem no Brasil e geram um mercado milionário, CBN, Portal O Globo disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/economia/2017/07/24/CORRIDAS-DE-RUA-CRESCEM-NO-BRASIL-E-GERAM-UM-MERCADO-MILIONARIO.htm> Acesso em junho de 2018.

sobre as doses e quais práticas deveriam ser adotadas para minimizar os problemas de saúde citados.

Na década de 60 surgem os primeiros estudos mais sólidos sobre a influência da atividade física sobre as condições de saúde dos indivíduos. Segundo Dias (2017), esses estudos começaram a ganhar repercussão nos jornais e revistas de grande circulação no Brasil, difundindo a ideia de que a prática de atividade física era essencial para uma boa saúde física e mental. Em pouco tempo, um novo e sólido consenso a respeito do importante papel da atividade física para saúde estaria estabelecido.

Juntamente com o panorama médico da época, surgem algumas mudanças no mercado de trabalho brasileiro, o setor de serviços passa a crescer, e as pessoas que antes trabalhavam em serviços 'braçais' passam a executar serviços em que a atividade física é quase inexistente. Entre 1950 e 1980, por exemplo, o setor secundário aumentou sua posição relativa em 88,3%, pois passou de 20,5% para 38,6% do PIB, enquanto o setor primário reduziu sua posição relativa em 63,6% (passou de 29,4% para 10,7%), assim, as populações das principais metrópoles aumentaram significativamente (Pochmann, 2014). Dias (2017, p. 23) relata:

Entre as décadas de 1950 e 1970, quase 40 milhões de pessoas migraram do campo para as cidades. As maiores cidades do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, Salvador e Belo Horizonte), chegaram a quintuplicar de tamanho populacional nesse período. Ao lado de certo fascínio exercido pelos símbolos da grande cidade, com seus letreiros luminosos e sua economia de consumo superabundante, havia também um sentimento de medo e solidão, o que poderia ser especialmente agudo para pessoas que acabaram de sair de regiões agrárias, estando, portanto, ainda pouco familiarizados com os ritos, sociabilidades e modos de vida urbanos. A rapidez da urbanização só fez fortalecer a percepção de que a vida nas grandes cidades era nociva e insalubre; "um pesadelo de multidões", um "cotidiano cercado de tormentos", conforme dissera-se tantas vezes na época. Uma das alternativas a tais percepções parecia ser a valorização ou revalorização das experiências pessoais fora do trabalho. Cada vez mais, o lazer era apontado como instância privilegiada para a recuperação do bem-estar. Nesse contexto, a adoção de práticas como yoga, meditação ou a própria corrida, estiveram entre algumas das medidas mais frequentemente recomendadas para esses propósitos. (DIAS, MELO, 2009).

Neste mesmo período o incentivo governamental aos esportes e à prática de atividade física aumentaram. No final da década de 60 e início da década de 70, o governo brasileiro implantou uma nova política para o fomento dos esportes. Na época, as pesquisas apontavam que apenas 1% da população brasileira fazia

exercícios físicos regularmente, dessa forma, promoveram-se inúmeras ações com o objetivo de ampliar a disponibilidade de infraestrutura esportiva, com o intuito de estimular a população à prática dos esportes. Ainda, nessa época, foi criada uma loteria esportiva com a finalidade de criar fundos para políticas de esporte; criaram-se laboratórios de pesquisa sobre esportes e exercícios; ampliou-se a oferta de formação para professores de educação física; além de terem se construído centenas de estádios, quadras, piscinas e pistas de atletismo (DIAS, 2017).

Sobre o crescimento de laboratórios de pesquisas sobre esportes e exercícios, a relação dos métodos de Cooper e prevenção de doenças, Markus, Nahas e Garcia (2010, p. 137), colocam:

No final dos anos 60, a partir da proposta do Método Aeróbico (COOPER, 1968), e durante a década de 70, o foco foi fixado na aptidão cardiorrespiratória, como fator importante na prevenção da doença arterial coronariana (DAC). O Brasil acompanhou este movimento e o “Teste de Cooper” (parte integrante do Método Aeróbico de Cooper) se popularizou em nossas escolas e campos de treinamento. O “jogging” e a aptidão cardiorrespiratória ou resistência aeróbica dominaram o cenário da área que viria a ser de atividade física e saúde. Nos anos 70, algumas universidades brasileiras começavam a instalar “laboratórios de avaliação física” e algumas iniciativas na área da atividade física e saúde começavam a surgir, com destaque para o trabalho do Dr. Maurício Rocha, no LABOFISE da UFRJ. Destacavam-se, também, os laboratórios da UFRGS (LAPEX) e o Laboratório da Escola de Educação Física e Esportes da USP. Predominava a preocupação com o estudo do somatotipo de atletas, a aptidão cardiorrespiratória e a composição corporal (de atletas e não atletas).

Ainda na mesma época, década de 70, outra iniciativa governamental parece ser importante para o processo de difusão dos novos paradigmas médicos de saúde e aptidão física. A “Campanha Nacional de Esclarecimento Esportivo”, tinha como objetivo tentar convencer a população da importância da prática dos esportes e de atividades físicas. Essa campanha produziu filmes, panfletos, cartazes e outdoors, que foram distribuídos por todo o país, tinham a participação de jogadores famosos de futebol da época, como Pelé, Rivelino e Jairzinho (DIAS, 2017).

Aparentemente a difusão da prática da corrida de rua, em especial nos anos 70, parece estar associada a diversos fatores: a influência dos métodos de Cooper, difundidos no mundo todo; a influência dos métodos de treinamento introduzidos na seleção do Brasil campeã da Copa de 1970; as mudanças dos paradigmas médicos na década de 60, que com o implemento das novas drogas que combatiam as doenças infectocontagiosas passaram a se preocupar com outras doenças

relacionadas ao sedentarismo e, assim, passaram a investir seus esforços nos estudos relacionados à atividade física e prevenção das doenças do coração; e os incentivos governamentais também na década de 70 para a prática de atividades físicas, visto as mudanças no mercado de trabalho brasileiro acompanhados do aumento populacional nas grandes metrópoles. Conforme Marinho (2017):

O fato é que, em um corrente processo de transformação, a corrida de rua vai se propagando e movimentando corpos de homens e mulheres de diferentes idades e de diferentes grupos sociais. Presenciamos um visível aumento de pessoas correndo nas ruas, buscando superar os limites do próprio corpo. Dá para ver, estampado nos rostos, ouvir na respiração acelerada, como é árduo esse esforço. Revistas especializadas trazem em suas matérias um incansável e inesgotável apelo a essa superação. Elas são recheadas de personagens que vivenciam uma “carreira” marcada por um antes da prática da corrida e um depois. São insistentes em mostrar como esses personagens se transformam de forma positiva: passam a ter uma boa saúde, um corpo mais desejável, e principalmente, passam a se ver e serem vistos como corredores (as) (MARINHO, 2017, p. 3).

Seguindo na trajetória histórica da corrida de rua amadora no Brasil, Silva (2009, apud MARINHO, 2017, p.4) salienta que no ano de 2005 houve um novo aumento na adesão à corrida, foi quando a corrida começou a ter destaque nos programas de qualidade de vida dentro das empresas, aliado a uma maior importância para as mídias de consumo. É nesta época que surgem as primeiras assessorias esportivas oferecendo treinamentos personalizados para grupos de corredores amadores. É possível verificar em quase todas as assessorias esportivas voltadas para a corrida de rua na cidade de Porto Alegre que há programas direcionados para empresas. No site de uma assessoria atuante na cidade de Porto Alegre, Running Sports, consta: “O clube de Corrida é a solução ideal para empresas que buscam manter a qualidade de vida de seus colaboradores, além do desafio diário de mantê-los motivados e unidos”<sup>8</sup>.

Os trabalhos consultados não apresentam os motivos para a ocorrência desse novo *boom* na corrida de rua a partir dos anos 2000. Contudo, a maioria dos trabalhos apontam o surgimento das assessorias esportivas e de um mercado em torno da corrida de rua, como um fator que interfere no aumento do número de corredores amadores nos últimos anos. Essas mudanças já foram captadas pelas grandes

---

<sup>8</sup> RUNNING SPORTS, empresas. Disponível em <https://www.runningsports.com.br/> Acesso em junho de 2018.

marcas esportivas que, a cada dia, investem mais em variadas ações de marketing para atrair público, o que cria um importante aparato mercadológico (SCALCO, 2010).

Passamos, então, por algumas fases da corrida de rua no meio amador. Antes da década de 70 com pouca representatividade, ainda vista como excêntrica para a maioria da população brasileira. A partir da década de 70, um maior interesse pela prática no meio amador, ainda incipiente. E, a partir dos anos 2000 um aumento significativo no número de participantes e de provas com modelos variados, o surgimento dos grupos de corrida e de um mercado em torno desta prática esportiva.

Como retratado pelos autores acima, existem diferentes modelos de corrida, que correspondem a diferentes perfis de praticantes da corrida de rua. Como os próprios autores ressaltam, esse perfil está relacionado à classe social e a interesses diversos na prática da corrida de rua. Os grupos de corrida surgem com a proposta de oferecer serviços para os variados perfis de corredores e de interesse na prática (performance, saúde, convívio social, estética, entre outros).

## 2.2 O SURGIMENTO DOS GRUPOS DE CORRIDA

Falando da cidade de Porto Alegre, apesar dessa realidade estar retratada em diversas localidades brasileiras, para Oliveira e Doll (2017) existe um movimento dialógico entre as configurações dos eventos e os perfis dos participantes, que ocasionaram mudanças bastante importantes no âmbito das corridas da cidade nas últimas décadas, fazendo surgir nesse contexto os grupos de corrida. Esses grupos reúnem características diferentes das encontradas nas antigas equipes de corredores de rua, normalmente voltadas para a formação de atletas profissionais.

Segundo Oliveira e Doll (2017) existem algumas outras alterações no perfil dos participantes das corridas de rua e nas características das próprias provas de corrida. Os autores entendem que é no início dos anos 2000 que algumas mudanças no cenário da corrida de rua começam a ocorrer no Brasil e, conseqüentemente, na cidade de Porto Alegre. O primeiro processo social que os autores identificam que ocorre dentro do contexto das corridas de rua é uma alteração no perfil do participante, havendo uma transição de um perfil anterior predominante e particular para uma ampliação do leque participativo (gênero, idade, classe social, performance etc.).

Essas mudanças no perfil dos corredores participantes das corridas de rua se relacionam diretamente com um segundo processo identificado pelos autores. Os eventos de corrida de rua passaram a ter uma forte visibilidade e um grande poder de atração, na medida em que proporcionam a alguns participantes o sonho de ser atleta possível. Diferentes do modelo tradicional<sup>9</sup> bastante comum em Porto Alegre, começam a aparecer no mundo social das corridas de rua características inovadoras, no sentido de surgirem estratégias para contemplar demandas sociais contemporâneas relacionadas com a participação diferenciada nos eventos e com os interesses de mercado.

Sobre a mudança de perfil dos corredores amadores de Porto Alegre e sua relação com as mudanças dos eventos de corrida de rua na cidade, Oliveira e Doll (2017, p. 220) ressaltam:

As corridas dos modelos tradicionais são mais populares. Em geral, a maior parte dos corredores pertence às classes sociais mais baixas e há uma maior participação de corredores de nível de performance mais alto. Para os corredores do estudo, essas corridas tradicionais são para os corredores de verdade, corredores da elite ou para os profissionais. Já os novos modelos de corrida, representados pelas corridas fashion e de ocorrência bastante frequente se baseiam em características relacionadas à coletividade, participação, interatividade e relacionamento social. Esses aspectos não são exclusivos desses modelos, embora se apresentem de forma menos evidente no primeiro. Nas corridas derivadas dos novos modelos, a atenção parece diluída entre os participantes, sujeitos com variados vínculos, atitudes, intenções e, dependendo da especificidade do evento, a disputa pode parecer mais um encontro ou desfile do que uma prova em termos competitivos tradicionais.

Apesar de alguns trabalhos (BALBINOTTI e colaboradores, 2015; MARCELLINO, 1999) apontarem os poucos investimentos financeiros para prática como fator principal para o aumento contínuo no número de praticantes de corrida de rua, outros apontam a corrida amadora como um nicho de mercado promissor. Segundo reportagem publicada pelo SEBRAE em 2014:

Os Clubes de Corrida e de Cooper são modelos de negócio que estão atrelados às oportunidades nesse segmento. Empresas de assessoria esportiva oferecem aos corredores todo o apoio, treinam e orientam quanto a dias e horários de treinos e, em alguns casos, auxiliam na definição de uma dieta alimentar que potencialize os resultados dos exercícios. Além disso, dão suporte na forma de treino supervisionado e, enquanto acompanham as

---

<sup>9</sup> Oliveira e Doll (2017) colocam como modelo tradicional aquelas corridas que são destinadas para corredores que buscam a competição. Normalmente essas corridas não premiam todos os participantes e tem um custo de inscrição mais baixo.

atividades, verificam performance. Embora esses suportes sejam feitos, na maioria das vezes, de forma coletiva, a rotina é sempre individualizada de acordo com o biotipo do aluno. Quem deseja lucrar no ramo deve se atualizar constantemente. O mercado da corrida está muito aquecido e a concorrência está acirrada no quesito inovação. Professores que acompanham os treinos dos alunos e que os inscrevem nas corridas da moda já não são grandes diferenciais. É preciso saber sobre nutrição, saúde, técnicas de aperfeiçoamento de performance em corridas de rua, como melhorar o tempo do atleta, os melhores tênis e roupas do mercado da moda esportiva, entre outros. Não é necessário ser especialista, mas um profissional que deseja lucrar nessa área precisa conhecer todas essas vertentes.<sup>10</sup>

A reportagem acima, remete-se a diversos aspectos retratados no âmbito acadêmico. As “corridas da moda”, chamadas por Oliveira e Doll (2017) de “corridas *fashion*” são colocadas como um produto a ser consumido pelos clientes deste nicho de mercado promissor. Mas, mais do que isso, como apontado na reportagem, os profissionais dos grupos de corrida precisam estar a par das últimas tendências (os melhores tênis e roupas do mercado da moda esportiva). A reportagem ainda salienta, não é necessário ser um especialista, mas é preciso conhecer as vertentes que circulam no universo da corrida de rua.

Os grupos de corrida que surgem a partir dos anos 2000, apresentam algumas características diferentes das equipes formadas em clubes de atletismo, segundo Rojo (2014), os agrupamentos conhecidos anteriormente eram chamados de equipes de corridas, e possuíam características diferentes dos novos grupos de corridas. As equipes de corridas eram formadas por atletas que compunham a elite das corridas, e buscavam normalmente a alta performance.

Apesar de haver grupos que são coordenados por atletas e que são pautados pela performance, outros surgem com características distintas. Alguns grupos, por exemplo, surgem de empresas, que oferecem para os seus funcionários treinos orientados para a prática da corrida de rua. A performance não aparece como norteador de manutenção dessas equipes e sim, podendo ser um espaço de sociabilidade e busca por saúde através da prática esportiva. Nesses casos, os grupos de corrida apresentam as mesmas transformações ocorridas na adesão de corredores nas provas de rua, nas últimas décadas, passando a prestigiar a participação em detrimento à competição (SALGADO; CHACONMIKAHIL, 2006).

---

<sup>10</sup> Busca por qualidade de vida acelera o mercado da corrida de rua. SEBRAE, mercados. Disponível em: <http://www.sebraemercados.com.br/busca-por-qualidade-de-vida-acelera-o-mercado-de-corrída-de-rua/> Acesso em junho de 2018.

Segundo Linck (2018), apenas na cidade de Porto Alegre, existem mais de setenta grupos de corrida. Sobre a forma de configuração dos grupos o autor salienta:

Ao falar do tipo do grupo, questionamos os participantes sobre a criação e o vínculo do grupo de corrida. Analisando as 15 respostas obtidas, percebemos que 9 grupos são vinculados a assessorias esportivas, 5 grupos são vinculados a academias, centros de treinamentos ou estúdios e 1 vinculado a coletivo de pessoas que se organizam para correr. Nenhum dos participantes era vinculado a clube esportivo, empresa privada ou à prefeitura municipal. (LINK, 2018, p. 26/27)

Os grupos, então, se organizam a partir de diversos vínculos, formais ou informais. Oliveira (2010) coloca o surgimento dos grupos de corrida como um fator principal para as mudanças que ocorreram no universo das corridas de rua no meio amador. Esses grupos de corrida, segundo o autor, dão conta de agregar os novos perfis de corredores. Segundo Marinho (2017) existe a concordância de que as assessorias contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento acelerado do mercado de corrida e para o aumento do número de provas e de participantes de provas que duplicam a cada ano.

Oliveira (2010) considera que os grupos de corrida compõem a maior fatia de participação nas provas de Porto Alegre e, apesar de o autor não se referir a dados sobre a renda dos participantes, ele cita o próprio fato de a maioria pertencer a grupos de corrida e o aumento no valor das taxas de inscrição das provas, como indícios de um aumento da presença de classes de níveis mais elevados no meio amador.

Assim, os grupos de corrida surgem com uma proposta diferente das antigas equipes. Os clubes de atletismo muitas vezes ofereciam algum apoio aos corredores sem cobrança de qualquer taxa de participação. Já os grupos que se vinculam às academias de ginástica ou às assessorias esportivas, são formados através de um contrato de prestação de serviço, através do pagamento de mensalidades e a compra de determinados serviços ou pacotes. Pelo meu contato com os grupos de corrida, nesses contratos, a contrapartida do cliente é apenas o pagamento financeiro, não existindo qualquer cobrança quanto à performance do integrante do grupo em provas ou competições. Ou seja, qualquer pessoa que queira ingressar no grupo, poderá fazê-lo, mediante o pagamento de mensalidades. Da mesma forma, na maioria das provas de rua, não há a exigência de qualquer comprovação de desempenho para a inscrição, apenas a contrapartida financeira.

Outro fator a ser considerado para o surgimento dos grupos de corrida, também vindo do meu contato com o universo da corrida de rua, é o fato desses grupos de corrida funcionarem como facilitadores de ingresso aos iniciantes no universo da corrida de rua. São eles que oferecem muitas vezes os serviços de inscrições em provas, convênios com lojas de materiais e equipamentos esportivos e, ainda, um espaço de compartilhamento de experiências entre os praticantes. Quando um iniciante deseja começar a correr, sem que haja qualquer familiaridade com o universo da corrida, a dificuldade de acesso à informação pode se tornar um empecilho. Os grupos de corrida surgem como alternativa e normalmente se colocam com esse diferencial: qualquer um pode se tornar um corredor com a ajuda de uma assessoria.

Os grupos de corrida são, então, grupos que se organizam de diversas formas para unir pessoas que tem interesse (entre outros) na prática da corrida. Dentre essas formas, estão as assessorias esportivas, que oferecem serviços para os corredores amadores, sejam eles iniciantes ou não, através do pagamento de mensalidades. Na prestação de serviço estão muitas vezes incluídos testes de condicionamento, serviço de fisioterapia e nutrição, inscrição em provas, acompanhamento profissional nos treinos e competições, uniformes, acesso a plataformas virtuais de treinamento, entre outros.

Cabe lembrar que na maioria das vezes esses grupos não possuem sede ou local para utilização de seus clientes. Os treinos são realizados em locais públicos, como parques e centros de treinamento. Algumas assessorias possuem um local de atendimento para transações comerciais, como pagamento de mensalidades e assinatura de contratos, mas não para realização dos serviços prestados. Ainda assim, mesmo não oferecendo locais diferenciados, os grupos de corrida, em especial as assessorias esportivas, oferecem uma série de serviços que atraem um determinado público:

As assessorias esportivas trouxeram para a corrida uma infraestrutura que atraiu e agregou as pessoas com maior poder aquisitivo: o conforto de ter a disposição de atletas água, bebidas isotônicas (Gatorade e Marathon), frutas e barras de cereal disponibilizar espaço para estacionar o carro com segurança e tranquilidade, organizar a participação dos atletas em corridas selecionadas, escolher lugares bonitos e variados para treinar, oferecer uniformes patrocinados por grandes empresas, etc. (LIMA, 2007, p. 33)

Segundo Bourdieu (2002) existe uma certa relação entre a oferta de um serviço, no caso os serviços oferecidos pelos grupos de corrida, e a demanda por determinado serviço:

Temos aqui um caso de encontro entre a oferta, isto é, a forma particular que reveste a prática e o consumo esportivos propostos a um dado momento do tempo, e a demanda, isto é, as expectativas, os interesses e os valores dos praticantes potenciais, sendo a evolução das práticas e dos consumos reais o resultado da confrontação e do ajustamento permanente entre um e outro (BOURDIEU, 2002, p.189).

A partir disso, podemos inferir que os grupos de corrida, incluindo as assessorias esportivas, surgem para suprir uma demanda de corredores amadores ou ingressantes no universo da corrida que procuram a prática da corrida orientada, em grupos, e com alguma infraestrutura, como colocado por Lima (2007).

### 2.3 ALGUNS TRABALHOS ACERCA DO FENÔMENO 'CORRIDA DE RUA' E DEMARCAÇÕES DESTE ESTUDO

Nelson Carvalho Marcellino, em 1999, publica um livro – “Para tirar os pés do chão: corrida e associativismo” – cujo um grupo de corredores é apresentado como grupo de interesse em uma pesquisa etnográfica. Nesse trabalho, o autor procura entender a relação entre um esporte, a corrida, como um dos componentes do lazer e os interesses sociais, em especial o associativismo. Um dos objetivos do estudo de Marcellino era verificar a existência e como se manifestava a relação entre os interesses físico-esportivos e os interesses sociais no lazer (com ênfase na participação sociocultural), caracterizada pelo associativismo.

Outro objetivo do estudo de Marcellino (1999), era verificar se a defasagem entre o “querer” e o “fazer” (MARCELLINO, 1999, p. 10) poderia ser minimizada, na interface com os interesses sociais, no interior de um grupo, não considerando esse grupo de forma isolada, mas nas suas inter-relações com a sociedade. Como conclusão desse estudo, Marcellino identifica que as organizações de grupos para a prática da corrida minimizaram as defasagens entre as aspirações – o querer correr - e o efetivo exercício da corrida. Além disso, conclui que o grupo estudado, constituiu-se um elemento potencializador do lazer como espaço de criação e escolha, na

interface entre os conteúdos físico-esportivos e os sociais. Diante dos achados, Marcellino afirma que os grupos espontâneos de interesse no lazer são eficazes no processo de democratização cultural. Marcellino (1999) salienta que as associações nascem em decorrência das necessidades sentidas pelos membros de uma comunidade, que não estão sendo atendidas pelo conjunto da sociedade.

Dellari (2009) coloca a corrida de rua como um fenômeno contemporâneo, associada fortemente a valores e estilo de vida da sociedade. Contemporâneo, por ser uma atividade que apresenta um crescimento intenso nos últimos 30 anos. A proposta de Dellari foi estudar a corrida como forma de expressão da sociedade nos dias de hoje, marcada por uma multiplicidade de hábitos e valores, por algumas transformações rápidas e importantes, que ocorrem com o apoio da tecnologia, como um fenômeno sociocultural. O objetivo de Dellari foi compreender algumas razões para o fascínio pela corrida de rua e estabelecer algumas relações com aspectos da sociedade. Estudar a corrida, para ela, contribui para a compreensão do nosso tempo.

Dessa forma, a autora defende que a sociedade contemporânea possui duas características principais: a identidade e a globalização. Estes fatores influenciariam a visão de corpo, a compreensão de saúde, os vínculos locais, entre outros fatores. Dessa forma a autora utiliza a Corrida Internacional da São Silvestre, que segundo ela, incorpora todas essas características sociais formadas nos últimos 30 anos, para exemplificar a relação entre corrida de rua e sociedade. A corrida de rua é encarada nesse estudo como uma prática moldada pela sociedade, que atende aos anseios desta.

Ao utilizar a Corrida Internacional de São Silvestre como parâmetro para a compreensão do fenômeno das corridas de rua no Brasil e no mundo, uma vez que todas elas reúnem atletas profissionais e também uma quantidade enorme de corredores anônimos, que garantem a agitação, o brilho e o entusiasmo da competição (DELLARI, 2009), a autora não exclui as características locais de cada prova, pois apesar das provas incorporarem práticas de forma generalizada, o aspecto urbano está sempre presente.

Oliveira (2010), propôs-se a estudar o lazer e o envelhecimento, tendo como foco os corredores de rua. Através de um estudo etnográfico, realizado com um grupo de corrida da cidade de Porto Alegre, o autor utiliza o conceito de “lazer sério” de Robert Stebbins para descrever a forma como o grupo pratica a corrida de rua,

possibilitando novas possibilidades de envelhecimento, novos estilos de envelhecer. As características encontradas nos corredores estudados por Oliveira (2010), fazem com que os corredores sejam considerados “loucos”. Ser “louco” era uma forma de identificação dos corredores nesse contexto da corrida de rua, no mundo do corredor significa estar de acordo com os valores cultivados nesse universo. A loucura é vista como uma forma de superar limites, é uma transgressão dos referenciais da sociedade, no caso do envelhecimento, um rompimento com a velhice esperada socialmente. Oliveira (2010) identifica que algumas realizações encontradas na prática da corrida de rua, fazem com que os corredores reformulem os sentidos que dão para as suas vidas, conferindo ao lazer sério um lugar semelhante ao seu trabalho. O impacto dessas realizações extrapola o universo da corrida, são tão abrangentes que as mudanças simbólicas a partir do lazer sério mudam as relações entre os corredores e a sociedade, suas famílias e eles mesmos.

Scalco (2010) aborda o tema das corridas de rua a partir do universo feminino, fazendo uma análise dos significados referentes à prática desta modalidade esportiva. Utiliza como referência as teorias antropológicas urbanas para fazer uma etnografia, através da sua própria experiência como corredora amadora, tendo como exemplo o estudo de Wacquant – autor que realiza um mergulho etnográfico no mundo do boxe. Para a autora, o esporte que pode ser visto como uma prática utilitarista, que reproduz o discurso da mídia que insiste em comercializar a felicidade, em apregoar a beleza e a magreza como uma ordem universal, pode conter um caráter subversivo. Apesar da sua conformação e banalização, a autora conclui através de sua própria experiência e da etnografia realizada, que a corrida representa uma ferramenta para o autoconhecimento, para superação e para a liberdade.

Os trabalhos acima, dentre outros que poderiam ser citados, servem para exemplificar como a corrida de rua, enquanto um fenômeno sociocultural, apresenta um universo rico a ser investigado. Dos trabalhos aqui apresentados, dois realizaram trabalhos etnográficos com grupos de corrida, contudo estes trabalhos não descrevem as dinâmicas de funcionamento desses grupos, nem a forma como esses grupos se constituíram e como se mantêm em funcionamento.

Sabendo da importância dos grupos de corrida e das assessorias esportivas para as transformações ocorridas no universo da corrida de rua nos últimos anos, o interesse principal deste trabalho passou a ser compreender o que são essas

organizações para corredores amadores e como elas atuam no universo da corrida de rua. Trato aqui dos grupos e assessorias constituídos sob a condição de empresas especializadas no treinamento de atletas amadores, que são as formas de grupos identificadas como novas formas de associativismo para a prática da corrida de rua nos últimos anos, como apresentado anteriormente. Ainda, busco compreender quem são as pessoas que investem nessas organizações e os porquês que levam as pessoas à escolha por determinado grupo ou assessoria e por se manterem vinculadas.

Essas perguntas constroem o problema central e norteador dessa investigação: **como se constituem e como se mantêm os grupos formados por assessorias esportivas para corredores amadores?**

### **3. OS CAMINHOS METOLÓGICOS**

A pergunta que passou a nortear meu trabalho poderia ser respondida de diversas formas. Uma delas poderia ter sido razoavelmente simples: perguntar para os integrantes dos grupos de corrida, sob a forma de um questionário, os motivos que os levam a aderir a esses grupos. Contudo, a minha intenção com esse trabalho não era fazer um levantamento estatístico das motivações que levam ao associativismo nesse universo, mas conhecer, entender e traduzir o modo como a corrida de rua é vivida por esses grupos.

Em primeiro lugar, parto do princípio de que o ‘fenômeno da corrida de rua’ é um fenômeno cultural. Nos termos do antropólogo Clifford Geertz (1989), a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem. Essa teia orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos. Contudo, o meu objeto de pesquisa não é a corrida de rua enquanto uma prática unificada na forma e no sentido, mas uma forma específica de praticar a corrida de rua, aquela praticada em grupos, em especial, aquela orientada por empresas especializadas no treinamento de atletas amadores.

A antropologia privilegia aspectos microssociais dos fenômenos culturais, caracterizando-se por uma análise interpretativa da cultura, não se preocupando com leis sociais, mas com a compreensão dos significados das práticas para os seus praticantes em universos culturais específicos (STIGGER, 2007). O esporte sendo um

elemento da cultura, mesmo sendo considerado tão corriqueiro, como é o caso da corrida de rua, ao ser analisado a partir de seus protagonistas, pode se mostrar bastante peculiar. Dessa forma:

Destaca-se então, um esforço para compreender as práticas esportivas não apenas como um produto, quando pontualmente se manifestam no espaço de jogo de uma forma superficialmente semelhante, mas como um processo, a partir também da dinâmica em que elas se revelam dentro de uma rede de sociabilidades que as sustenta. Trata-se de compreendê-las juntamente com seu em torno, relativo a todo o universo que as envolve, vinculado às interações dos indivíduos: posição social dos praticantes, rotinas do dia-a-dia, trabalho, lazer, relações familiares, ocupações do espaço público, e outros elementos constitutivos deste aspecto do modo de vida dos praticantes. (STIGGER, 2007)

O trabalho etnográfico é, então, o resultado da interpretação de padrões culturais de um contexto específico, desenvolvido a partir das representações dos indivíduos e dos grupos que realizam as práticas. Dessa forma, optei pela etnografia, por entender que, me aproximar do contexto cultural que é objeto dessa pesquisa, estando nos locais e convivendo com as pessoas que praticam a corrida de rua através de grupos, seria a melhor forma de compreender esse fenômeno. Para Geertz (1989), a etnografia pode ser considerada uma descrição densa por englobar uma multiplicidade de estruturas complexas que o antropólogo deve apreender e apresentar. Fazer etnografia, para Geertz, é como construir a leitura de um manuscrito estranho, que possui incoerências e exemplos transitórios. Após essa leitura do universo pesquisado, o antropólogo sistematiza as informações coletadas sobre os informantes, de modo que os textos finais não são mais do que interpretações secundárias, pois somente um nativo seria capaz de interpretar a sua cultura primariamente - são, portanto, ficções.

O que define o fazer etnográfico é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa (GEERTZ, 1989). A descrição densa será a principal sustentação desta pesquisa – a principal ‘ferramenta’ metodológica utilizada. Para tornar possível a descrição densa, indispensável para uma pesquisa etnográfica, é preciso estar envolvido com o universo a ser investigado, é preciso um pouco mais que estar próximo, é preciso estabelecer vínculos.

Existem vários contextos que uma pesquisa etnográfica pode ser desenvolvida. Muitas vezes a pesquisa é desenvolvida em um contexto cultural muito

diverso e totalmente exótico ao pesquisador, o que não é exatamente o caso da minha relação com o universo da corrida de rua. Apesar de não ser uma corredora, a corrida de rua, como já relatado nos capítulos anteriores, faz parte de alguma forma do meu universo acadêmico, do meu círculo de amizades e das pautas do meu campo profissional. No entanto, apesar do grupo estudado não ser estranho para mim, isso não quer dizer que não haja distâncias simbólicas entre mim e o universo que foi estudado. Para Velho (1978) é possível que em princípio tenhamos alguns aspectos que nos familiariza com o grupo a ser estudado, com o cenário e situações sociais do nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isto não significa que conhecemos a visão de mundo e o ponto de vista dos diferentes atores envolvidos no fenômeno estudado, nem mesmo que conhecemos as regras que estão por trás dessas interações.

Magnani e Torres (2008) ao falarem das transformações na antropologia, ressaltam que esta nunca abandonou a sua preocupação inicial, fundante, a respeito da diversidade cultural. Contudo, com a extinção das nações indígenas e também pela recusa de antigos povos colonizados em serem considerados objeto de estudos antropológicos, houve um ajuste de foco, graças ao qual não se torna mais necessário ir muito longe para encontrar o “outro” (MAGNANI e TORRES, 2008, p. 17), bastando uma caminhada pelos grandes centros urbanos para se entrar em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças e valores. Os mesmos autores consideram que o que importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, mas a busca dos significados de tais comportamentos:

São experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido. O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse “natural”, posto que se trata de sua cultura. (MAGNANI e TORRES, 2008, p. 18).

Vale ressaltar que, mesmo que a etnografia não tenha pretensões generalizadoras, no sentido de que suas conclusões possam ser entendidas em outros contextos culturais, é através da confrontação com análises e teorias generalizadoras, que os trabalhos etnográficos podem propor uma visão alternativa

de determinadas práticas culturais. Dessa forma, é preciso que os trabalhos etnográficos não sejam apenas descrições a partir do discurso do nativo, mas interpretações do investigador, portador de um aparelho conceitual especializado (STIGGER, 2007).

### 3.1 COMO FOI DESENVOLVIDA ESSA PESQUISA: ESCOLHA DO GRUPO E PROCEDIMENTOS

Diante do meu problema de pesquisa e escolhida a forma como seria desenvolvida essa investigação (etnografia), foi preciso escolher os procedimentos que seriam necessários e também possíveis para materializar essa pesquisa. Oliveira (2006) atenta para algumas importantes características de um estudo etnográfico, que é o exercício de olhar, ouvir e escrever sobre o campo e os sujeitos observados. Estas características tem a influência do pesquisador, da sua bagagem teórica e do seu objetivo de pesquisa. Ao ouvir, também é necessário eliminar os ‘ruídos’ que não façam sentido para o “corpus teórico” (OLIVEIRA, 2006, p. 21) da pesquisa. As observações participantes, o exercício de olhar, ouvir e escrever sobre o grupo constituem o processo de interpretação do fenômeno cultural estudado.

A minha curiosidade em estudar os grupos de corrida surgiu, principalmente, pelo contato que eu tive com algumas pessoas que nunca haviam praticado o esporte e que, ao ingressarem nesses grupos, tornavam-se corredores amadores de longas distâncias. Intrigava-me o fato dessas pessoas não terem nenhum contato prévio com o esporte, eram normalmente pessoas com mais de quarenta anos e, repentinamente, apareciam competindo e participando de eventos de corrida.

Dessa forma, defini que o meu objeto de pesquisa seria um grupo que realizasse atividades sistemáticas de treino e competições, na cidade de Porto Alegre. Como já contextualizado anteriormente, eu procurava um grupo surgido no processo de transformação do perfil dos corredores amadores (Oliveira, 2010), um grupo que não pertencesse a um clube de atletismo e que não tivesse como objetivo o treinamento de atletas de alto rendimento.

O planejamento para coleta dos dados foi feito com base na observação participante e em entrevistas semiestruturadas. Contudo, como será explicado mais adiante, visto a relevância que apresentava para uma melhor compreensão do

universo que foi estudado, a análise de conteúdo no *Instagram* e a observação participante nessa plataforma também se fez necessária.

A observação participante, em linhas gerais, consiste na vivência do investigador por um longo período no contexto que pretende investigar. É nessa experiência que ele (um estrangeiro nesse universo cultural) entrará em contato com os modos de vida, com diferentes sistemas de significação, valores e comportamentos sociais que é preciso desvelar (STIGGER, 2007).

A primeira etapa procedimental para esse trabalho foi escolher o grupo que seria objeto de análise. Coincidentemente, eu conhecia três pessoas que corriam por uma mesma assessoria. Eram três ex-colegas de trabalho, uma advogada e duas pedagogas, mulheres que nunca haviam praticado a corrida de rua antes de ingressarem no grupo. Uma delas, inclusive, certa vez havia me contado que há menos de cinco anos não conseguia correr sequer pequenos trajetos e hoje, faz longos percursos, provas com mais de 70 quilômetros.

Descobri, através das redes sociais, que nesse grupo, que eu já conhecia por tê-los visto em alguns parques da cidade, sempre com muitos alunos e com uma identidade visual bem característica (tendas, uniformes, veículos, balões, sempre com a cor e o nome da assessoria) estavam dois colegas de faculdade, trabalhando como professores. A visibilidade da marca (grupo) e o contato prévio que eu já tinha com integrantes e professores da equipe, facilitaram a minha escolha. Esse trabalho, então, foi desenvolvido acompanhando esse grupo de corredores amadores que se organizam em torno de uma assessoria esportiva. Essa assessoria conta com aproximadamente 160 alunos, com idades variadas.

A equipe se reunia diariamente para os treinos, de segunda a sábado, em dois turnos (manhã e noite). Os treinos diários ocorriam em vários locais de Porto Alegre: parque Moinhos de Vento, pista da Redenção, praça da Encol, pista do CETE, Avenida Beira Rio (Usina do Gasômetro) e Avenida Ipiranga (condomínio Nine).

Escolhido o grupo, o segundo procedimento, ou segunda etapa, foi a abordagem e inserção no universo do grupo escolhido. Através desses colegas, consegui o número telefônico do coordenador da equipe e pedi autorização para fazer um estudo com o grupo, acompanhando os treinos e competições. A autorização foi concedida e em maio de 2018 eu já fui convidada para assistir um treino muito importante da equipe, o treino que é realizado antes da Maratona de Porto Alegre,

feito na Orla do Gasômetro, local onde se reúnem diversos corredores amadores aos domingos.

Quando o coordenador da equipe me convidou para assistir a um treino, imaginei algo pequeno, um professor passando informações técnicas para alguns alunos e uma tenda para descanso dos corredores (ele já havia me indicado a tenda da equipe como ponto de encontro). Quando cheguei, neste dia, haviam duas tendas grandes, próximo ao anfiteatro Pôr-do-Sol. Em uma das tendas, estava uma fisioterapeuta, com uma maca e vários apetrechos para massagem. Na outra, os pertences dos corredores, uma mesa com frutas, água e isotônicos e, para minha surpresa, vários fardos de cerveja, uma churrasqueira e uma sacola com as carnes que seriam assadas mais tarde. Aquilo, para mim, parecia mais um churrasco de domingo que um treino esportivo. Desde então, eu percebi que, apesar de ser um universo próximo a mim, existiam muitas coisas a serem investigadas naquele contexto particular dos grupos de corrida.

Escolhido o grupo e feito os primeiros contatos, comecei a acompanhar a equipe, inicialmente, através de convites para participação nos treinos e competições e após, passei a fazer idas a campo de forma sistematizada, acompanhando treinos de uma mesma turma. Partindo do dia 27 de maio de 2018, o primeiro treino antes da Maratona de Porto Alegre, foram 52 idas a campo, até o dia 19 de março de 2019. As observações foram distribuídas conforme o quadro abaixo:

**Quadro 1 - Lista de observações**

Mês/ano	Dia – treino
Mai/18	27 - Longão pré maratona
Jun/18	10 - Maratona de Poa 16 - Treino de sábado
Jul/18	7 - Treino de sábado 21 - Treino de sábado
Ago/18	11 - Treino de sábado
Set/18	18 - Treino Redenção 25 - Treino Redenção 27 - Treino CETE 29 - PoA Night Run

Out/18	4 - Treino CETE 9 - Treino Redenção 11 - Treino CETE 16 - Treino Redenção 18 - Treino CETE 23 - Treino Redenção 25 - Treino CETE
Nov/18	1 - Treino CETE 6 - Treino Redenção 8 - Treino CETE 13 - Treino Redenção 20 - Treino Redenção 22 - Treino CETE 27 - Treino Redenção 29 - Treino CETE
Dez/18	4 - Treino Redenção 6 - Treino CETE 11 - Treino Redenção 13 - Treino CETE
Jan/19	8 - Treino Redenção 12 - Treino sábado 13 - Treino informal 15 - Treino Redenção 16 - Treino Parcão 17 - Treino CETE 24 - Entrega de Kits TTT 26 - TTT 29 - Treino Redenção
Fev/19	4 - Treino Parcão 5 - Treino Redenção 7 - Treino CETE 11 - Treino Parcão 12 - Treino Redenção 14 - Treino CETE 18 - Treino Parcão 21 - Treino CETE
Mar/19	7 - Treino CETE 11 - Treino Parcão 12 - Treino Redenção 13 - Treino Parcão 14 - Treino CETE 19 - Treino Redenção

Fonte: Elaborada pela autora

Como observado no quadro acima, os primeiros meses correspondem às observações que foram feitas através dos convites feitos pelo coordenador da equipe, dessa forma, não houve um acompanhamento sistemático, ou seja, de encontros regulares do grupo. Após o mês de setembro o contato com o grupo foi se intensificando e, a partir da minha relação mais próxima, tanto com o coordenador quanto com alguns alunos, fui começando a estar nos treinos, mesmo sem um convite expresso.

A minha primeira aproximação com o grupo ocorreu em um treino – ‘o Longão pré maratona’ – como eles chamam. Apesar de conhecer algumas pessoas e aquele ser um ambiente familiar para uma professora de educação física, eu fiquei bastante desconfortável naquele momento – achei difícil encontrar qual seria o meu lugar. Na verdade, naquele momento eu percebi que o que mais me distanciava daquele universo era a minha falta de conhecimento e afinidade e, até mesmo, certa aversão à prática da corrida. Meu principal desconforto naquele ambiente é que eu não estava contaminada pelo “vírus da corrida”<sup>11</sup> (OLIVEIRA, 2010) e de certa forma eu olhava para aquelas pessoas como loucas<sup>12</sup>.

Naquele ambiente, não havia espaço para pessoas que não compartilhavam da ‘paixão’ pela corrida. Afinal de contas, ali estavam pessoas que acordaram antes mesmo das sete horas da manhã em um domingo, em um dia frio, para correr por aproximadamente três horas. Apesar das dores, quase uma unanimidade entre os corredores que participaram do Longão, a chegada dos integrantes na tenda era celebrada com sorrisos, parabenizações, palavras de incentivo e, quase sempre, com um brinde com cerveja.

A foto abaixo mostra a infraestrutura montada pela equipe Azul para receber os seus corredores. Tendas, um espaço para alongamento, funcionários auxiliando na chegada e uma churrasqueira. Nesse espaço, mesmo após o término do treino, os alunos permaneceram por horas no local, não só para receber os serviços fisioterapêuticos, mas para confraternizar com os colegas de equipe, comerem o churrasco e brindarem juntos. Esse fato, confirmado posteriormente com as

---

<sup>11</sup> Em seu trabalho etnográfico Oliveira (2010) constatou que os corredores amadores do estudo ao não saberem identificar o porquê levavam a sério a corrida de rua, atribuíam a explicação à uma espécie de “vírus da corrida”.

<sup>12</sup> No estudo de Oliveira (2010), os sujeitos da pesquisa colocavam o ato de correr uma maratona como *loucura*, visto que a prática muitas vezes rompe com alguns referenciais da sociedade, principalmente relativos à sujeição ao sofrimento.

observações em campo, me deram uma pista de que haviam laços importantes entre os integrantes da equipe e que aquele não era apenas um grupo, sem vínculos, de clientes de um serviço de assessoria esportiva.

**Figura 1 Foto do Longão pré Maratona da equipe Azul**



*Fonte: registrada pela autora*

A minha falta de afinidade com a corrida de rua, apesar de me permitir certo distanciamento do objeto de estudo, fundamental ao trabalho de campo (VELHO, 1978) por outro lado dificultava a minha tentativa em compreender as lógicas daquele universo, visto que eu, ao entender aquilo como uma forma de loucura, estava a priori determinando que não haviam razões para aquelas pessoas estarem ali, pagando por uma assessoria, treinando com dores em um domingo de manhã em um dia frio. Eu precisei, em primeiro lugar, me desvencilhar de alguns preconceitos que dificultavam o meu olhar<sup>13</sup> para aquele universo. Em segundo lugar, eu precisei encontrar um espaço, para participar observando, considerando que tanto a observação quanto a participação no universo social em questão eram fundamentais (CARDOSO, 1988).

---

<sup>13</sup> Oliveira (1998) coloca três etapas fundamentais para um estudo etnográfico: o olhar, o ouvir e o escrever.

Os primeiros contatos com a equipe ainda foram dessa forma, mais observando do que participando. Contudo essa distância foi diminuindo ao longo do tempo, em contato com o grupo. Logo na Maratona de Porto Alegre de 2018 eu fui convidada pelo coordenador para trabalhar na organização do evento, ajudando na entrega dos kits e numerações para os alunos da equipe. Nesse dia eu tive contato com um número grande de atletas amadores e com professores, momento que me permitiu identificar a importância desta prova para o universo social da corrida de rua.

Na convivência sistemática com a equipe fui conhecendo alguns integrantes do grupo, encontrando algumas funções que podiam ser assumidas por mim. Na maior parte das vezes eu era vista como “a amiga dos professores” o que me permitia participar das rodas de conversa e de chimarrão. Outras vezes, sabendo que eu era professora de educação física, os alunos se dirigiam a mim como “professora”, pedindo auxílio na hora do alongamento e dicas sobre exercícios. Muitas vezes, os alunos me viam como uma professora em estágio, que iria fazer parte da equipe futuramente. A minha proximidade com alguns professores da equipe facilitou meu acesso ao grupo, ao mesmo tempo que delimitou o meu lugar: sempre ao lado daqueles que ensinavam e nunca ao lado dos que praticavam a corrida de rua.

Após cada observação participante, cada ida a campo eu desenvolvia os diários de campo. Os diários de campo são parte da organização das informações obtidas no campo. Winkin (1988) coloca que os diários de campo devem ser confidenciais, sistemáticos e reflexivos, tem como funções básicas o registro do que o pesquisador sente, observa e reflete sobre o campo. A releitura desses documentos permitiu a identificação de regularidades que me auxiliaram na busca de respostas ao problema dessa pesquisa.

Os primeiros diários (até o dia 29 de setembro de 2018) foram feitos de forma menos sistematizadas, onde eu descrevia o ambiente, juntamente com as minhas impressões do campo, com as conversas que ocorriam entre os integrantes do grupo e aquelas em que eu participava. Sentindo a necessidade de organizar os diários para que eu pudesse extrair em um momento futuro as informações que seriam necessárias para me auxiliar nas respostas ao problema de pesquisa, decidi organizar meus diários conforme as funções descritas por Winkin (1998). Segundo o autor, o diário de campo tem três funções: empírica, catártica e reflexiva. Na parte empírica, o pesquisador deve descrever com o máximo de detalhes possíveis os acontecimentos

do campo. Na parte catártica, o pesquisador pode ter a liberdade de colocar os seus sentimentos e sensações que teve aos acontecimentos. Na parte reflexiva, o pesquisador deve colocar as reflexões teóricas e os conceitos que ajudam a compreender as situações observadas.

Durante as observações, realizava o mínimo possível de anotações, registrando apenas frases ou palavras chaves que me ajudassem a lembrar da situação observada. Após a ida a campo, elaborava os diários de campo, tentando separar o máximo possível a descrição dos fatos das minhas impressões (essa separação muitas vezes se tornou desafiadora), adicionava fotos ao diário (quando tiradas) e ao final, destinava algumas linhas em branco para reflexões futuras e possíveis registros de regularidade com outros diários.

A maioria dos diários de campo foram desenvolvidos a partir de outubro de 2018, momento em que passei a observar os treinos regulares de duas turmas: a turma de terça-feira na pista de atletismo da Redenção<sup>14</sup> e a turma de quinta-feira na pista do CETE<sup>15</sup>. Apesar de serem turmas diferentes, algumas pessoas da equipe participavam das duas turmas. A divisão das turmas na equipe Azul não obedece a uma regra bem delimitada, podendo o aluno participar dos treinos em dias variados. Contudo, nos meses de observação nas duas turmas que foram citadas, foi possível observar uma regularidade dos alunos que treinavam nesses dias e horários.

Os outros diários de campo foram desenvolvidos em momentos distintos: Maratona de Porto Alegre, 15º TTT<sup>16</sup>, Poa Night Run 2018<sup>17</sup>, treinos de rotina de segunda-feira e quarta-feira no Parcão<sup>18</sup>, um treino ao domingo (realizado por iniciativa dos alunos, sem participação de professores) e uma confraternização para entrega de kits.

Acompanhar os treinos e competições fizeram com que eu olhasse para outra esfera importante de coleta de dados para aquele universo: a internet. Em todos os momentos que estive com o grupo as fotos eram momentos tidos como principais. Mas, mais do que isso, as fotos tinham um propósito específico que era o registro e compartilhamento dos momentos do grupo no *Instagram*. Dessa forma, eu passei a

---

<sup>14</sup> Redenção é nome popular do parque Farroupilha de Porto Alegre. A pista de atletismo fica localizada em um parque menor, dentro do parque Farroupilha, chamado de parque Ramiro Souto.

<sup>15</sup> O centro é mais conhecido pelos portalegrenses pela sigla, refere-se ao Centro Estadual de Treinamento Esportivo, localizado no bairro Menino Deus em Porto Alegre.

<sup>16</sup> Travessia Torres Tramandaí – prova de aproximadamente 82 quilômetros realizada no litoral gaúcho.

<sup>17</sup> Prova noturna na cidade de Porto Alegre, com percursos de 3, 5 e 10 quilômetros.

<sup>18</sup> Parque Moinhos de Vento em Porto Alegre.

‘seguir’<sup>19</sup> os alunos nessa plataforma virtual e acompanhar as postagens da equipe Azul nos *Stories*<sup>20</sup>. Passando a acompanhar os alunos através das redes sociais, foi mais fácil interagir com o grupo, visto que muitas vezes os assuntos que estavam em pauta durante as observações tinham relação com as postagens feitas nas redes.

O *Instagram* passou a ser um local importante para a coleta de informações. Acompanhando os integrantes do grupo nessa rede, passei a analisar não só as postagens, mas o ‘perfil’<sup>21</sup> de cada um nessa plataforma. Durante as idas a campo, foi impossível ignorar a relevância dessa plataforma virtual. Muitas vezes os treinos eram interrompidos para que as fotos fossem tiradas, mesmo que a performance do aluno fosse ‘prejudicada’. As postagens eram incentivadas pelos professores da equipe e até mesmo retribuídas. Durante os meses de janeiro e fevereiro de 2019, a organização da equipe lançou um desafio: os alunos deveriam postar no *Instagram* 40 treinos (não só de corrida, mas de qualquer modalidade esportiva) em 60 dias, marcando nas postagens #EquipeAzul<sup>22</sup>. Os alunos que conseguissem concluir o desafio ganhariam alguns produtos esportivos. A adesão ao desafio foi muito grande, em um mesmo dia eu cheguei a registrar mais de 70 postagens dos alunos.

Faço questão de ressaltar aqui a importância das redes sócias virtuais para o grupo que foi objeto desta pesquisa. O *Instagram*, nesse contexto, não é apenas um espaço de arquivo de fotos, mas um espaço de interação. Mais do que isso, é importante salientar que o que eu observava em campo, tinha influência do que circulava nas redes sociais, como citam os autores Miller & Slater: (2001, p. 1, apud FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p.167):

A internet não é um ciberespaço monolítico ou “não-lugar”. Em vez disso, ele é constituído por inúmeras novas tecnologias, utilizadas por diversas pessoas em muitas locações do mundo real. Consequentemente, há muito a ser ganho por uma abordagem etnográfica, através da investigação de como as tecnologias da Internet estão sendo compreendidas e assimiladas em algum lugar em particular.

---

<sup>19</sup> Linguagem própria da plataforma *Instagram*. ‘Seguir’ é fazer parte da rede de contatos do usuário.

<sup>20</sup> *Stories* é uma função no aplicativo *Instagram* que permite que os usuários publiquem fotos e vídeos rápidos, que só podem ser visualizados por um período de 24 horas.

<sup>21</sup> ‘Perfil’ é a forma como é chamada o espaço pessoal de cada usuário.

<sup>22</sup> O uso de *hashtags* é bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. São utilizadas para categorizar os conteúdos publicados. O nome da *hashtag* foi alterado para preservar a identidade da equipe.

Cabe salientar que as redes sociais virtuais nesse contexto, influenciavam nos hábitos de treino do grupo, nas roupas que eram usadas, nos horários dos treinos, na rotina dos treinos e nas interações pessoais. Além disso, muitas pessoas da mesma equipe que não treinavam nos mesmos horários, ou seja, não se conheciam pessoalmente, mantinham contato umas com as outras pelas redes sociais virtuais, assim como alguns alunos passaram a fazer parte da equipe após a visualização de conteúdos publicados nessas redes.

Dessa forma, a observação participante (coloco como participante, pois eu passei a interagir com os alunos nas redes, contudo não foram produzidos diários) no *Instagram*, não foi só importante, mas necessária para compreender melhor o contexto cultural da corrida de rua amadora. Além de acompanhar o perfil no *Instagram* da equipe Azul, eu passei a acompanhar os alunos da assessoria e também outras equipes que eu tinha contato nos locais de treino.

Também foram realizadas entrevistas com os professores da equipe e com alguns alunos. Essas entrevistas foram realizadas após o período das observações participantes e foram feitas como forma complementar, com base nas informações coletadas em campo. Fazendo a releitura dos diários e com base nas discussões teóricas que seriam discutidas em cada capítulo, busquei fazer perguntas que preenchessem algumas lacunas que restaram para interpretação dos fatos.

As pessoas que foram interrogadas não foram escolhidas antes do desenvolvimento do processo de investigação, mas escolhidas, em primeiro lugar, pela relação informante-pesquisador ser próxima, ou seja, aquelas pessoas que eu pude ter maior contato durante a pesquisa e que se mostraram mais receptivas. Em segundo lugar, foi feita com base nos acontecimentos em campo, ou seja, aqueles indivíduos que de alguma forma suscitaram os capítulos que serão debatidos. Como a questão de representatividade em uma perspectiva estatística não deve ser colocada nesse tipo de estudo (STIGGER, 2007), os informantes foram escolhidos com o intuito de abranger os diferentes aspectos da realidade observada, no sentido de representatividade tipológica.

Dessa forma, foram feitas doze entrevistas, com roteiros diferentes para professores, estagiários e alunos. Dentre os entrevistados, dois eram professores, um era estagiário e nove eram alunos da assessoria. Essas entrevistas foram realizadas

não como forma de confrontar, tão menos com a de ratificar o que era visto em campo, mas sim, como afirma Magnani (1998):

[...] discursos, por uma parte, e ações, por outra, não são realidades que se opõem, nem que uma opera distorcendo a outra: seriam antes formas diferentes, mas complementares de expressão de um mesmo universo simbólico que só pode ser apreendido como sistema abstrato, mas que se manifesta através da especificidade de cada situação concreta. (MAGNANI, 1998, P. 196-197).

#### **4 COMO FUNCIONA A EQUIPE AZUL: COMO EMPRESA E COMO EQUIPE**

A empresa Azul foi fundada no ano de 2009, segundo informações constantes no site da empresa. Foi fundada como “assessoria esportiva” para a prática de corrida e caminhada. Apesar de constar em seu site a fundação em 2009, seu registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ foi realizado em 2012. No nome empresarial consta o nome do proprietário e no nome fantasia “Azul<sup>23</sup>Assessoria Esportiva”. Na descrição da natureza jurídica consta “empresário (individual)”, como atividade econômica principal consta “outras atividades esportivas não especificadas anteriormente” e, como atividades secundárias, “atividades de condicionamento físico”.

No site da empresa há a descrição das atividades da assessoria para esclarecimento:

É um treinamento de corrida individualizado dentro de um grupo. Dentro do grupo pode ser encontrada a motivação necessária para manter o programa de treinamento proposto. Existe uma diversidade de horários e locais disponíveis para o treinamento em grupo. Nos encontros há a disposição um professor qualificado para a orientação do treinamento planejado, além de repositores energéticos, água, colchonetes e guarda volumes. (Site da Azul)

No site é especificado as formas como essa assessoria é prestada e as ferramentas que são utilizadas:

PLANILHAS: Cada aluno recebe a sua planilha de treinamento individualizada. Nela constam todas as atividades previstas para cada sessão

---

<sup>23</sup> Nome alterado.

de treinamento, podendo ser realizada junto com equipe ou não. A planilha é essencial para a realização do programa de treinamento, sendo este focado nos objetivos de cada aluno.

**ACOMPANHAMENTO EM PROVAS:** A Azul conta com um acompanhamento especial nas provas e competições. Uma tenda é montada para proporcionar o melhor conforto dos alunos, que tem a sua disposição frutas, repositores energéticos, água, colchonetes, guarda volumes. As inscrições são feitas por intermédio da equipe assim como a retirada dos kits.

**AValiação Física:** É extremamente importante a realização de uma avaliação física completa para que se saiba qual o nível de condicionamento físico atual de cada aluno com a finalidade de se realizar uma prescrição segura e individualizada. (Site da Azul)

Ainda, há a descrição de mais dois serviços oferecidos pela Azul:

**PROGRAMA CORPORATIVO:** A Azul oferece um inovador programa de qualidade de vida para empresas: a Azul Corporate. Este programa visa agregar valores essenciais para o rendimento, relacionamento e produtividade empresarial e tem como base estabelecer um programa de qualidade de vida através de um treinamento de corrida e caminhada orientada, dentro de empresas.

**TREINAMENTO FUNCIONAL:** A Azul oferece treinamento funcional com objetivo de trabalhar o corpo de forma global, isto é, vários grupos musculares por exercício. Os exercícios funcionais promovem a melhora do condicionamento físico e da força corporal, além de oferecerem também ganhos de flexibilidade, mobilidade e coordenação. (Site da Azul)

Em todas as descrições colocadas acima são caracterizados os serviços prestados por uma assessoria. Uma empresa de assessoria é uma empresa especializada em dar auxílio e aconselhamento sobre determinado ramo ou assunto. Os assuntos podem ser diversos, em outras áreas empresariais é comum falarmos de assessoria de imprensa ou assessoria jurídica, estas são empresas especialistas nestas áreas que prestam serviços de assessoramento para outras pessoas jurídicas ou físicas.

No caso da assessoria esportiva, ao que tudo indica, o termo passou a ser sinônimo de assessoria para corrida de rua. Em uma pesquisa realizada na plataforma “*Google acadêmico*” com o termo “assessoria esportiva” dos dez primeiros trabalhos listados para a busca seis tratavam sobre grupos de corrida. Ao realizar uma pesquisa na plataforma de busca “*Google*” ao digitar o mesmo termo, “assessoria esportiva”, automaticamente são listados grupos de corrida nos primeiros resultados.

Esse modelo de negócio, assessoria esportiva, passou a ser muito utilizado para caracterizar as empresas que trabalham com grupos de corrida. Essa passou a ser a forma de caracterizar essas organizações, visto que, muitas vezes, elas não

possuem um espaço de prestação de serviços e nem atuam em outras áreas esportivas, prestando, dessa forma, apenas serviços de assessoramento para os praticantes da corrida de rua. Contudo, apesar de ser uma empresa registrada, tanto no dia a dia da equipe quanto no site da Azul a denominação “empresa” não está presente. As denominações “equipe de corrida” e “grupo de corrida” são as que aparecem na descrição da Azul, conforme entrevista realizada com o coordenador da equipe:

**Sheroll:** no site da Azul aparece a descrição “a equipe Azul é uma assessoria esportiva”. É um pouco confuso para mim, o que é a assessoria esportiva e o que é a equipe Azul. Poderia me explicar melhor essas definições?

**Coordenador:** Eu não lembro direito como está no site, mas a Azul é uma assessoria esportiva, é uma assessoria para corrida. A gente se considera uma equipe, porque participamos juntos das provas, professores e alunos, então nós somos um grupo que corre junto. A gente gosta de falar equipe porque o pessoal se sente participando das competições por uma equipe, todos juntos, com a mesma camiseta e tal. Mas a empresa é de assessoria, isso que a gente faz para os alunos, a gente ajuda quem quer correr com os conhecimentos que a gente tem. Ainda mais trabalhando há dez anos com corredores de todos os níveis a gente consegue dar todo o suporte para quem quer começar a correr. (COORDENADOR DA AZUL EM 20/04/2019)

Apesar de a palavra “empresa” aparecer nas falas do coordenador da Azul, essa palavra não aparece em nenhum local do site institucional. Durante as minhas observações foram raros os momentos em que ficava evidente uma relação entre empresa e cliente. Em apenas alguns encontros verifiquei que alguns alunos efetuavam o pagamento de mensalidade e de produtos, como camisetas e viseiras. Nos demais treinos e eventos, não havia qualquer relação comercial, em muitas provas os professores também participavam como competidores em equipes com os alunos.

Aparentemente existe uma preocupação por parte do coordenador e do proprietário da empresa em transformar o ambiente de treino em um ambiente “familiar”, descaracterizando essa relação entre cliente e empresa. As palavras “familiar” e “família” apareceram com bastante frequência nas entrevistas e nos encontros diários do grupo:

**Sheroll:** Qual tu acha o grande diferencial da Azul com relação às outras assessorias?

**Estagiário:** Com certeza o ambiente. Os alunos ficam porque o grupo é muito bom, o ambiente é muito familiar. Aqui não tem ninguém competindo um com o outro ou pessoas que vem fazer desfile, como a gente vê nas outras assessorias. Tem grupo que é só o pessoal com corpão, o pessoal vem pra

pista pra ficar se aparecendo. Na azul tem gente de tudo que é idade, o pessoal traz os filhos pro treino, fazem amizade, tem o professor como amigo. Quando eu entrei na Azul eu percebi isso, que a vibe era outra. Eu que gostava de correr pra competir, vi que aqui o objetivo é diferente. O pessoal faz até abaixo do que pode só pra poder correr com o grupo. (ESTAGIÁRIO DA AZUL EM 06/05/2019)

Em um dia de observação em um treino de rotina no parque Moinhos de Vento:

Fiquei conversando com as alunas, todas elas já haviam terminado o treino, mas elas ficaram em volta da lona no chão, algumas alunas alongavam e conversavam ao mesmo tempo, a professora estava junto. Nesse dia os assuntos foram os mais diversos, contudo, não vi nesse dia nenhum comentário ou instrução da professora com relação à prática da corrida. Fiquei surpresa com o treino que já estava terminando e não havia tido nenhuma correção de movimento ou instrução por parte da professora. Os treinos no Parcão costumam ser os menos “técnicos” em comparação aos demais, que ocorrem nas pistas de atletismo. Notei que uma das senhoras do grupo, perguntava para a professora qual era a próxima prova que estava no cronograma. Me aproximei da conversa, pois fiquei interessada com a pergunta, visto que nunca havia visto aquela senhora correr, ela sempre fazia todo o treino caminhando. A professora pergunta para ela se ela pretende participar da próxima. A aluna diz que irá participar, contudo não sabe se correrá. A professora ressalta que é necessário acompanhar a família Azul, mesmo que não seja correndo, mas estando no apoio. (Diário de campo do dia 09 de janeiro de 2019)

Apesar de uma preocupação em tratar os encontros do grupo, não como uma prestação de serviços, mas como um momento de confraternização, em outros momentos, principalmente em conversas com o coordenador, foi possível verificar preocupações relativas ao negócio. Em uma conversa com o coordenador, durante um dos treinos, perguntei qual o valor da mensalidade paga pelos alunos, em resposta ele utilizou a expressão “ticket médio”, uma expressão típica do comércio (BÔAS, 2008), que diz respeito a média de valores gastos pelos clientes.

Outra preocupação do coordenador é com relação à seleção dos clientes da empresa. Na mesma conversa referida anteriormente, questionei se os valores dos serviços da Azul eram equivalentes às demais assessorias e o coordenador salientou que eram um pouco acima da média de mercado, mas que esse valor mais elevado era praticado de maneira proposital, como forma de atrair um público com um poder aquisitivo mais elevado.

Da mesma forma, em mais de um momento, durante os treinos, pude notar a preocupação em captar clientes. Em um dos treinos na pista de atletismo da

Redenção, presenciei o coordenador orientando o estagiário para que desse uma atenção especial a um aluno que estava fazendo uma aula experimental:

Hoje, pela primeira vez há a presença de um “aluno experimental”, assim que os professores se referiram a ele. Fiquei por perto para ver como era a abordagem, como funcionava aquela aula. O aluno chegou e o professor passou algumas informações para ele, perguntou se ele já corria. Visto que o aluno já estava acostumado a correr, o professor orienta que ele faça uma volta de aquecimento para que ele observe. O aluno sai para a corrida. Assim que ele se afasta o coordenador chama o estagiário e o orienta para que dê uma atenção especial ao aluno experimental, visto que era um aluno em potencial, salientando que ao que tudo indicava o aluno era “cheio da grana”. (Diário de campo de 9 de outubro de 2018)

A ideia de que a Azul é uma empresa e que precisa captar bons clientes está presente na atuação de trabalho do coordenador da equipe. Contudo, a criação de um ambiente familiar, como retradado pelos alunos e professores, funciona com a intencionalidade de criar um diferencial com relação às outras equipes, como mencionado pelo estagiário.

As características da equipe Azul, com relação ao público alvo e aos serviços que são oferecidos parecem acompanhar algumas transformações ocorridas no universo da corrida de rua. Com relação ao público alvo, clientes com maior poder aquisitivo, a Azul procura atender as mudanças ocorridas no perfil socioeconômico dos praticantes amadores de corrida de rua, que também foram acompanhadas por algumas mudanças no cenário das provas, segundo aponta a reportagem abaixo:

O professor de finanças da Escola de Economia de São Paulo (EESP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Samy Dana, afirma que as corridas são caras justamente para selecionar o público. “Quem quer simplesmente correr vai para um parque e não paga nada. Quando se fala nessas corridas, paga-se o entretenimento, o produto, o status de estar participando de uma prova”, diz ele.<sup>24</sup>

A expressão utilizada pelo professor na reportagem acima – “selecionar o público” – não me surpreende, essa é uma expressão que esteve presente no meu primeiro contato com o coordenador da equipe Azul:

**Sheroll:** tu acha que os alunos não vão se importar com a minha presença nos treinos? Tu acha que eu posso atrapalhar de alguma forma o trabalho de vocês?

---

<sup>24</sup> Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/folego/custo-beneficio/>. Acesso em 22 de março de 2019.

**Coordenador:** não, acho que não. Tu vai ver, o grupo é muito diferenciado. É um nível de aluno bem alto, um público bem selecionado. Ainda mais que tu já conhece algumas alunas e os professores e eles sabendo que se trata de uma pesquisa acadêmica, vão achar até legal, vão colaborar com a tua pesquisa. (Coordenador da Equipe Azul, 9 de maio de 2018)<sup>25</sup>

Aparentemente a ideia de ‘selecionar o público’ presente na organização dos eventos, está presente também na gestão da equipe Azul. Uma das preocupações da gestão da equipe é criar um ambiente favorável para a captação e permanência de alunos com uma renda mais elevada:

O professor aqui, ele nem precisa saber correr tanto, quer dizer, é bom que saiba, mas o principal é saber lidar com o nosso público. Aqui a gente tem uma galera muito seleta, tem empresário, médico, juiz. Se o professor não sabe lidar, até mesmo no jeito de falar, com esse público mais exigente, não dá. Tipo agora, eu vou com alguns alunos para Berlim, fazer uma prova lá. A gente tem que fazer amizade, acompanhar, pra esse aluno ficar com a gente e eles ficam, tem uma galera que tá com a gente há muito tempo. (COORDENADOR DA EQUIPE AZUL EM 20 DE ABRIL DE 2019)

Segundo o coordenador da equipe Azul e pelas reportagens que foram trazidas, o que assegura a participação de um público com maior poder aquisitivo nas provas, e até mesmo no grupo, é a criação de um ambiente mais ‘selecionado’, juntamente com um preço de mensalidade mais alto que as demais assessorias, o que acaba posicionando a empresa no mercado. Segundo Ries e Trout (2009), o posicionamento está diretamente ligado com o que se faz com a mente do cliente potencial e não com o que se faz com um produto ou serviço em si. O conceito inicial de posicionamento foi desenvolvido por Ries & Trout (2009, p. 2) que descrevem:

O posicionamento começa com um produto, uma mercadoria, um serviço, uma companhia, uma instituição ou mesmo uma pessoa. Talvez você mesmo. Mas o posicionamento não é aquilo que você faz como produto. Posicionamento é aquilo que você provoca na mente do cliente potencial. Em outras palavras, você posiciona o produto na mente do cliente potencial.

Os mesmos autores afirmam que a importância do posicionamento de uma empresa está na possibilidade de estimular os consumidores e contribuir para que eles diferenciem a organização dos concorrentes e optem por aquela que possui mais valor. Basicamente, o posicionamento se dá na medida em que é oferecido um

---

<sup>25</sup> Conversa registrada pelo aplicativo WhatsApp.

diferencial que oferece valor ao público-alvo, a partir do uso de estratégias, principalmente de marketing.

Oliveira et al. (2007, p. 47) apontam que:

O posicionamento consiste no desenvolvimento e na transmissão (alicerçada em uma marca) de uma proposta de valor, a partir de aspectos significativos para um determinado público-alvo, os quais serão processados e comparados com concorrentes, dando origem ao posicionamento percebido.

Com relação aos serviços oferecidos, a Azul não apresenta grandes diferenciais com relação aos serviços prestados por outras assessorias com mensalidades mais baixas ou até mesmo com algumas associações de corredores. O grupo estudado por Marcellino (1999), os Corredores Unidos de Campinas (CUCA) é uma associação com serviços muito parecidos com os oferecidos pela Azul, segundo dados do site oficial da CUCA:

A CUCA É uma associação civil sem fins lucrativos, devidamente legalizada, cuja missão é divulgar a corrida e seus benefícios, unindo as diversas classes de corredores de Campinas e região, fundada em 30 de outubro de 1983. Estamos indo para a 3a. década de existência, a CUCA nunca parou, nunca deixou de existir, muitos abnegados do esporte carregaram e carregam este nome, elevando esta marca que hoje é conhecida nacionalmente. Nosso clube de corredores é o maior do gênero do interior de São Paulo e sem dúvida um dos maiores do Brasil. Aqui não há distinção de classe, cor ou categoria. Constituímos sim, uma grande família unida pelo simples prazer de correr. Faça parte desta família! Você será bem-vindo! <sup>26</sup>

Em que pese o site oficial deixe bem claro que a CUCA é uma associação civil sem fins lucrativos, e não uma empresa, as atividades e serviços prestados pela CUCA possuem muitas semelhanças com os serviços prestados pela Azul, conforme mostram os quadros apresentados abaixo:

---

<sup>26</sup> Disponível em <http://cucacampinas.com.br/>. Acesso em 22 de março de 2019.

**Figura 2 Planos da CUCA**



Fonte: site institucional da CUCA<sup>27</sup>

**Figura 3 Plano da Azul**



Fonte: site Azul

Tanto a CUCA quanto a Azul tem como serviços principais o treinamento em grupos com orientação profissional e o apoio técnico em provas e competições. Contudo, temos uma grande diferença com relação aos valores pagos por esses serviços, sendo que o valor pago anualmente por um associado da CUCA é menor que o valor mensal pago por um cliente da Azul. A denominação “empresa” não aparece no site da Azul, assim como em nenhum momento são citados os valores pagos para fazer parte da equipe. Para ter essas informações é necessário entrar em contato por um dos canais de comunicação disponíveis no site. Contudo, como relatado anteriormente, o coordenador me informou que o ticket médio pago por um aluno da Azul é em torno de duzentos reais mensais. Esse valor é pago apenas para

<sup>27</sup> Valores referentes ao ano de 2019.

receber os serviços que estão descritos na figura 3, incluindo também, apesar de não especificado, o suporte em provas normalmente com tenda para repouso, alimentos e hidratação e, claro, o acompanhamento de um profissional.

Dessa forma, sendo os serviços oferecidos pela Azul tão parecidos com os serviços oferecidos por outras assessorias mais baratas e até mesmo com associações cuja contribuição é praticamente simbólica, quais seriam os motivos para as pessoas fazerem parte do grupo e se disponibilizarem a pagar mais caro por esses serviços?

Muitos dos entrevistados, quando questionados sobre os motivos para permanecerem na equipe, referiram-se ao fato de encontrarem no grupo pessoas com “estilos de vida” parecidos, como expressado por uma aluna, que faz parte da equipe há aproximadamente três anos:

Eu nunca imaginei correr. Eu era sedentária e tinha mais de quarenta anos e nunca havia praticado esportes, somente ballet quando criança. Aí tinha duas colegas que trabalhavam no mesmo órgão que eu, elas também começaram a correr bem tarde e eu sempre via elas muito envolvidas com o grupo, viajando e em eventos. Resolvi tentar. No início eu não conseguia correr 10 metros. Só que mesmo assim, o grupo era tão legal, o professor também, e outra, tinha várias pessoas como eu, que começaram parecido. São pessoas com o mesmo estilo de vida, professores, servidores públicos, pessoas com família, com filhos, que vem antes do trabalho, que vem não só para correr, mas para fazer amigos. Eu me encontrei na Azul. Hoje todo final de semana eu arrumo alguma viagem para fazer com o pessoal, a gente junta um grupo, corre e aproveita o final de semana. Meu círculo de convívio é praticamente o pessoal da corrida. Não me imagino fora da Azul, mesmo hoje conseguindo correr a meia maratona, eu acho que o grupo é fundamental pra me manter motivada, sem contar que não é só a corrida, tem todo o resto que o grupo proporciona. (ALUNA 2<sup>28</sup> NO DIA 08/05/2019)

Para Bourdieu (1983), a escolha por uma prática esportiva e a maneira como esse esporte é praticado, não é uma coincidência aleatória, dependendo apenas da oferta da prática e contato dos indivíduos com a modalidade. Para o autor, o estilo de vida se refere a desvios diferenciais que traduzem simbolicamente diferenças objetivas nas condições de existência. As condições de existência às quais o autor se refere, não seriam apenas as diferenças econômicas, mas também diferenças no acesso a outros capitais, como o capital cultural e o capital social, condições que

---

<sup>28</sup> Para não identificação dos alunos eles foram numerados conforme a ordem cronológica que ocorreram as entrevistas.

determinam a posição social dos agentes em determinado campo<sup>29</sup>. Apesar de talvez não ter sido exatamente essa concepção de 'estilo de vida' o que a aluna entrevistada quis expressar, existem alguns elementos da sua fala que remetem a essa concepção de 'estilo de vida' proposta por Bourdieu.

Bourdieu (1999) coloca que capital econômico corresponde aos recursos econômicos (dinheiro e posses, por exemplo). O autor iguala o capital econômico a "trabalho acumulado". Capital social remete à rede de obrigações sociais ou contatos que pode ser convertível em capital econômico. Capital cultural<sup>30</sup> consiste em ativos sociais ligados a uma pessoa, como educação, intelecto, estilo de fala e vestimentas, etc., que são capazes de promover mobilidade social numa sociedade estratificada.

Os integrantes da equipe Azul apresentam muitas semelhanças no que diz respeito aos capitais descritos por Bourdieu. Entre essas semelhanças está a escolaridade, por exemplo. Nesses meses de observação não tive contato com nenhum aluno que não possuísse, no mínimo, nível superior completo. Outras relações de semelhança são observadas: emprego formal, maioria de cor branca (entre os mais de 150 alunos, há apenas 2 alunos negros), nenhum morador da periferia, etc.

Utilizando o conceito de gosto de Bourdieu, "propensão e uma aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas ou classificadoras..." (1983, p. 83), podemos tentar compreender o gosto desses indivíduos, entre eles o gosto pela prática da corrida de rua (dessa forma específica de praticar esse esporte, incluindo o consumo em torno da prática). O gosto ou as preferências manifestadas através das práticas de consumo é, segundo Bourdieu, o produto dos condicionamentos associados a uma classe ou fração de classe. Essas preferências têm o poder de unir todos aqueles que são o produto de condições objetivas parecidas, distinguindo aqueles que, estando fora do campo socialmente instituído das semelhanças, propagam diferenças inevitáveis. O gosto, dirá Bourdieu, é a aversão, é a intolerância às preferências dos outros.

Sob esse aspecto, sendo esta uma pesquisa etnográfica, feita com base em observações em campo de um grupo específico, não acompanhando esses indivíduos

---

<sup>29</sup> Para Bourdieu, campo é um microcosmo social dotado de alguma autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. É um espaço de lutas entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições. Essas posições são obtidas pela disputa de capitais específicos.

<sup>30</sup> Bourdieu propôs três categorias de capital cultural: incorporado, objetificado e institucionalizado.

em outras esferas da vida, seria impossível determinar que o grupo observado possui um estilo de vida caracterizado por um conjunto único de preferências distintas. O que é possível inferir é que o grupo apresenta semelhanças quanto a sua posição social e a forma como praticam e consomem no universo da corrida de rua, a começar pela escolha em praticar o esporte através de uma assessoria esportiva, cujo os custos são mais elevados.

Do ponto de vista de Bourdieu (2004) não se pode analisar um esporte particular independente do universo das práticas esportivas. É preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema, em que cada elemento recebe seu valor distintivo. O autor reforça que, para compreender um esporte, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Este espaço pode ser construído a partir de algumas variantes, como, por exemplo, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, segundo o número de praticantes, suas condições econômicas. Ou, ainda, o tipo de relação com o corpo que ele exige, se para sua prática é necessário um contato direto, um corpo-a-corpo, como a maioria das lutas, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe ou a corrida. Continuando, Bourdieu (2004, p. 208):

Em seguida, é preciso relacionar esse espaço de esportes como o espaço social que se manifesta nele. Isso a fim de evitar os erros ligados ao estabelecimento de uma relação direta entre um esporte e um grupo que a intuição comum sugere. De fato, logo de saída sente-se a relação privilegiada estabelecida hoje entre a luta e os membros das classes populares, ou entre o aikidô e a nova pequena burguesia. São coisas que as pessoas compreendem até rápido demais. O trabalho do sociólogo consiste em estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social.

O autor sugere, no exemplo citado acima, entre as lutas e o aikidô, que no caso da luta, por exemplo, prevalece a importância do corpo a corpo, acentuada pela nudez dos lutadores, induzindo um contato corporal direto, enquanto no aikidô, há um distanciamento entre os adversários, e a luta no chão inexistente. Se conseguimos compreender tão facilmente o sentido da oposição entre a luta e o aikidô, é porque essa oposição entre o corpo a corpo e o distanciamento entre os adversários, ultrapassa o terreno do esporte e o antagonismo entre duas práticas de luta. Ainda sobre este exemplo, Bourdieu (2004, p. 209):

Em suma, o elemento determinante do sistema de preferências é aqui a relação com o corpo, com o envolvimento do corpo, que está associada a uma posição social e a uma experiência originária do mundo físico e social. Essa relação com o corpo é solidária com toda a relação com o mundo: as práticas mais distintivas são também aquelas que asseguram a relação mais distanciada com o adversário, são também as mais estetizadas, na medida em que, nelas, a violência está mais eufemizada, e a forma e as formalidades prevalecem sobre a força e a função.

No entanto, o próprio autor alerta, que os exemplos acima, são exemplos que não devem estar engessados. É preciso ter cuidado para não estabelecer uma relação direta entre um esporte e uma posição social. A correspondência estabelece-se entre o espaço das diferentes modalidades, finamente analisadas da prática dos diferentes esportes, e o espaço das posições sociais<sup>31</sup>. É na relação entre esses dois espaços que se definem as propriedades de cada prática esportiva. As mudanças ocorridas nas práticas também só podem ser compreendidas nessa relação, na medida em que um dos fatores que promovem essas mudanças é a vontade de manter a distância que existe entre as posições no espaço.

Havendo uma diversificação social desses praticantes, é preciso distinguir as formas de praticar a corrida de rua. As transformações ocorridas, em especial no aumento do número de praticantes e no perfil dos amadores, revelam a existência de diversas formas da prática, entre elas a 'corrida elitizada', referida algumas vezes em campo. Sobre esse aspecto, Bourdieu ressalta uma constatação acerca dos estudos sociais do esporte:

Parênteses: uma das dificuldades na análise das práticas esportivas reside no fato de que a unidade nominal (tênis, esqui, futebol) considerada pelas estatísticas (inclusive as melhores e mais recentes delas, como a do Ministério dos Assuntos Culturais) mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes, das maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando o aumento do número de praticantes (que pode ser apenas o efeito da intensificação da prática das categorias já praticantes) é acompanhado de uma diversificação social desses praticantes. (BOURDIEU, 2004, p.210)

Sobre esse aspecto, e como já falado anteriormente, esse trabalho não trata a corrida de rua como uma modalidade homogênea, ou seja, sem variações na sua forma de prática. A corrida, assim como todo esporte, está inserida num universo de práticas e consumos, estruturados e constituídos como um sistema. Segundo

---

<sup>31</sup> Devemos considerar que os estudos de Bourdieu foram realizados em um contexto específico, não havendo a possibilidade de generalizar as considerações do autor para outras sociedades sem que sejam feitas adequações.

Bourdieu (2004) há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. O autor defende que não se pode estudar o consumo esportivo independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral. As práticas esportivas podem ser descritas como a resultante da relação entre o espaço dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço das disposições, relacionadas à posição ocupada no espaço social.

No caso dos integrantes da equipe Azul, podemos identificar alguns fatores que levam com que as pessoas se predisponham a pagar um preço mais alto do que os de mercado para fazer parte da equipe. Em primeiro lugar, como já evidenciado nos trechos das entrevistas trazidos nesse trabalho, esse valor acaba por atrair um público com um poder aquisitivo mais elevado, o que faz que os alunos, como retratado em uma das entrevistas, tenham mais chances de encontrar pessoas com características e condições de vida parecidas, fator que, como já relatado, favorece os laços entre os integrantes da equipe. Em segundo lugar, o fato de haver uma preocupação da empresa em tornar o ambiente familiar, descaracterizando a relação cliente e empresa, faz com que haja um ambiente mais propício para a criação de vínculos, fazendo com que os alunos se sintam parte de uma equipe, de um coletivo. Em terceiro lugar, posso ressaltar um outro ponto citado em algumas entrevistas, que é o fato de o nome da Azul já ser reconhecido no mercado de assessorias esportivas em Porto Alegre, fato retratado por um dos entrevistados:

**Sheroll:** Como conheceu a equipe Azul?

**Aluno 7:** Ah, não lembro direito, mas eu via o pessoal com a camisa da Azul em vários locais. Quando eu passeava com meus filhos na orla, eles eram a maior assessoria, isso há uns 5 anos atrás. Quando decidi começar a correr era a única assessoria que eu lembrava, que eu sabia o nome. Aí foi fácil entrar em contato e começar no grupo. Acho que é uma das assessorias mais famosas de Porto Alegre, aí a gente confia mais no trabalho da equipe, melhor do que começar em uma equipe pequena e que talvez não tenha tanta experiência, ainda mais pra quem está começando, é melhor ter pessoas experientes para auxiliar. (ALUNO 7 EM 21/05/2019)

Como já citado nesta sessão, segundo Bourdieu (2004) há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, contudo não se pode estudar o consumo esportivo independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral. A prática da corrida de rua na equipe Azul pareceu diversas vezes atrelada ao consumo de outros produtos e serviços. Os eventos

extraordinários (que não ocorreriam ordinariamente na sistemática do grupo), como as competições, eram escolhidos e esperados por ocorrerem em locais turísticos ou por permitirem a participação em festas e eventos.

Muitas vezes, os professores da equipe Azul indicavam para os alunos as provas mais 'atrativas'. As atrações, normalmente, não tinham relação com fatores técnicos relacionados à corrida de rua, mas sim com o público participante, com a organização dos eventos, com lugares turísticos, etc:

Cara, esse ano vai ser muito legal, tem muita prova massa pra gente participar. Tem uma que eu quero que a galera vá que é a prova do vinho em Bento. Dá pra gente reunir a galera, tomar um vinho, ir no fundue. Acho que essa todo mundo vai gostar. O trecho é muito bonito e o percurso é pequeno, sem contar que é pertinho, todo mundo consegue ir no final de semana. (COORDENADOR DA EQUIPE, DIA 7 DE FEVEREIRO DE 2019)

As frequentes viagens realizadas pelos integrantes do grupo, muitas vezes organizadas pelos funcionários da equipe Azul, também chamam atenção pela importância que tomavam no cotidiano da equipe. As conversas durante os treinos muitas vezes se concentravam em definir as viagens que seriam feitas conforme o cronograma de provas, nacionais e internacionais. Sobre esse aspecto, Scalco (2010, p. 343), salienta:

Enfim, é visível a adesão de pessoas com maior poder aquisitivo praticando a corrida, e novos serviços sendo oferecidos a essa prática, como as assessorias esportivas, academias, nutricionistas. Junto a isso, existe um amplo calendário com muitas opções de corridas e maratonas, o qual propicia um promissor mercado que mistura corrida e turismo, com agências de viagens especializadas só em vendas de pacotes para tal público.

Durante os meses que estive em campo, realizando as observações com a equipe Azul, em diversos momentos pude constatar, através de diálogos entre os alunos e entre alunos e professores, que o grupo funcionava, muitas vezes, como um facilitador de acesso ao consumo dos produtos e serviços relacionados à corrida de rua, principalmente no acesso às provas. Não foram poucas as vezes que presenciei perguntas dos alunos dirigidas ao coordenador como: “para onde eu posso ir em maio para correr?”; “Vou para o Chile, sabe se vai ter alguma corrida legal por lá?”. Entre outras, essas perguntas mostravam que o papel dos professores também é o de estar informado sobre as provas para poder auxiliar na escolha dos alunos. Sobre esse

aspecto, Rojo, Starepravo, Mezzadri e Silva, destacam que a própria participação nas provas pode ser encarada como um produto:

O que chama a atenção, no caso das corridas, é a ampla economia movimentada nesse ramo do setor do mercado esportista, não considerando apenas os produtos materiais, mas o tratamento do evento em si, ou seja, o fato da participação do corredor ser comercializada como um produto. O artigo de Proni (2011) trata dessa particularidade, quando afirma que nesse tipo de evento é comum os atletas profissionais receberem para participar e, enquanto isso, os atletas amadores pagam pela sua participação, e ainda assim sentem-se protagonistas do evento. (ROJO, STAREPRAVO, MEZZADRI e SILVA, 2017, p.90)

Diante dessas questões relacionadas ao consumo atrelado à prática da corrida de rua, posso considerar este como o quarto fator identificado para permanência e adesão dos alunos à equipe Azul: o compartilhamento de uma mesma forma de praticar a corrida de rua. Essa forma de praticar a corrida de rua está muito relacionada com as práticas de consumo dos integrantes da equipe e pelo compartilhamento da prática de uma corrida de rua ‘elitizada’ ou ‘gourmetizada’, como já retratado neste trabalho. No próximo capítulo irei descrever alguns aspectos do cotidiano da equipe Azul que caracterizam essa forma de prática da corrida de rua.

## **5. O QUE É CORRER NA EQUIPE AZUL**

“ O verbo é correr, mas você também pode substituir por alguns de seus sinônimos: transformar, fortalecer, aprender, crescer, superar, viver ”

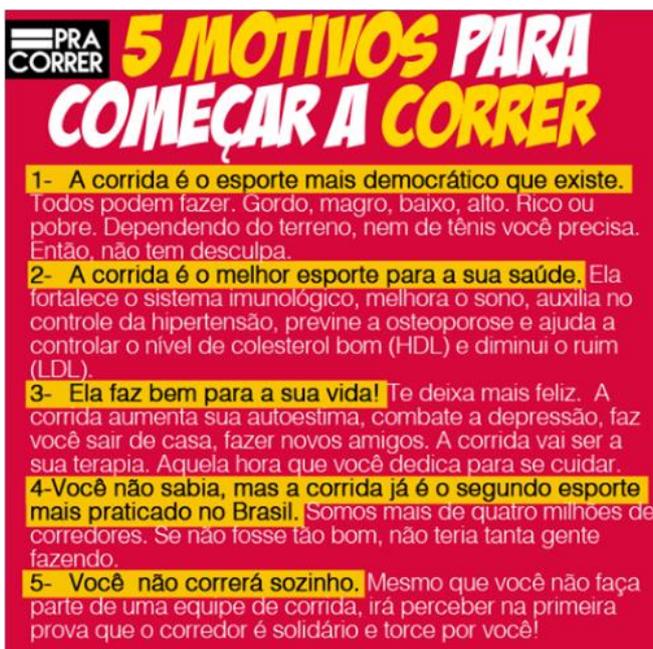
*(Trecho de uma publicação no Instagram de uma aluna da Azul)*

Este capítulo busca apontar alguns elementos importantes que caracterizam a cultura da equipe Azul e sua forma de praticar a corrida de rua. As características aqui apontadas não se aplicam a todo universo da corrida de rua e sim a uma forma particular de vivenciar a corrida, praticada pelo grupo estudado. Os elementos trazidos

aqui são apenas alguns dos observados, contudo são os que se mostraram mais relevantes durante o meu trabalho de campo.

## 5.1 OS INVESTIMENTOS NECESSÁRIOS

Figura 4 Cinco motivos para correr



Fonte: perfil do Instagram de uma aluna da Azul

A imagem acima foi retirada do perfil no Instagram de uma das alunas da Azul. O primeiro ponto destacado como motivo para começar a correr colocado na imagem, destaca um dos consensos mais comuns acerca da corrida de rua: a corrida é o esporte mais democrático que existe. Todos podem fazer. Apesar de essa ser uma ideia difundida inclusive entre os praticantes que investem altos valores para a prática, como o caso da aluna que publicou esta imagem, podemos discutir vários fatores que podem dificultar o acesso à corrida de rua ou pelo menos parte dos elementos que integram essa cultura, como por exemplo as competições.

A Maratona Internacional de Porto Alegre, talvez a competição de maior importância para os corredores de rua da cidade, tem os valores de inscrição em torno de 160 reais. Além disso, poderíamos falar do investimento de tempo e treinamento que é necessário para participar de uma maratona ou até mesmo de provas com

distâncias menores, como as de 10 ou 15 quilômetros. Sabemos que, ainda, como revela o último relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD - 2017)<sup>32</sup>, que as disparidades de raça, gênero, renda, escolaridade e geração, presentes na sociedade brasileira, se reafirmam quando o assunto é oportunidade de acesso às atividades físicas e esportivas. Mulheres, idosos, pessoas em situação de vulnerabilidade social, com baixa escolaridade, negros e pessoas com deficiência são os que possuem mais baixos índices de prática esportiva no Brasil. Sendo a corrida de rua um esporte que requer no mínimo investimento de tempo e uma boa condição de saúde, não é difícil presumir que essas disparidades identificadas no relatório citado, também sejam evidenciadas com relação à prática da corrida de rua.

Contudo, a corrida de rua é frequentemente vista como um esporte que não requer investimentos. Isso ocorre, porque em um primeiro olhar, não representa uma modalidade que depende de um aporte financeiro elevado. No caso de alguns esportes específicos, a falta de capital econômico já representa um impeditivo a priori de acesso à prática, poderia citar aqui o caso do iatismo, por exemplo. Para praticar esse esporte é preciso ter acesso, no mínimo, à um barco e a todo um conhecimento técnico de utilização destes materiais que não são de fácil acesso.

A corrida de rua, por outro lado, é um esporte que não ‘necessita’ de equipamentos de difícil acesso. A princípio, um par de tênis e as ruas da cidade já seriam suficientes para iniciar na prática. Contudo, uma das características que mais me chamaram a atenção, durante as observações de campo, foram os altos investimentos realizados pelos integrantes da equipe, não se restringindo apenas ao pagamento da mensalidade para a empresa (condição básica para participação no grupo). Os investimentos financeiros em equipamentos, viagens, festas, serviços de fisioterapia e nutrição, entre outros, eram notáveis ou, ainda, eram pauta dos assuntos durante os treinos e competições.

Os integrantes da equipe Azul compartilhavam de alguns hábitos de consumo relacionados ou não à prática da corrida. A primeira semelhança entre os integrantes é o pagamento da mensalidade da assessoria. Segundo informações repassadas pelo coordenador da equipe, o valor da mensalidade varia em torno de duzentos reais

---

<sup>32</sup> Disponível em <https://www.undp.org/content/dam/brazil/docs/publicacoes/relatorio-nacional-desenvolvimento-humano-2017.pdf>. Acessado em 20 de abril de 2019.

mensais. Esse valor já pode representar uma certa seletividade de público no acesso ao grupo, contudo, os investimentos maiores não se concentram no pagamento desta mensalidade, mas em outros hábitos de consumo que foram identificados ao longo do trabalho de campo e que caracterizam a forma como os integrantes do grupo vivem a corrida de rua. Conforme entrevista realizada com o estagiário da equipe:

**Sheroll:** Tu acreditas que exista uma certa uniformidade de perfil de aluno quanto a classe social, escolaridade, hábitos de consumo, etc?

**Estagiário:** O que a gente vê com relação a classe social é que sim, a assessoria ela tem um valor mensal de investimento um pouco acima se tu for comparar com as outras assessorias de Porto Alegre. Nós temos um público alvo que, a gente não escolhe, mas acaba sendo um público com uma classe social um pouquinho mais vantajosa, então, acredito que tenha essa disparidade. (ESTAGIÁRIO DA EQUIPE AZUL EM 06/05/2019)

Para o estagiário da equipe, o que favorece a adesão de um público com maior poder aquisitivo ao grupo é a mensalidade ser um pouco acima das demais assessorias do mercado. No entanto, não negligenciando o fato de que duzentos reais já possam representar um empecilho de acesso ao grupo para uma grande parte da população, ainda assim, não parece ser este o grande ponto de seletividade, mas sim, o fato de os integrantes do grupo compartilharem de uma mesma forma de vivenciarem a corrida de rua e de consumirem em torno do esporte.

Durante as minhas observações, percebi que o grupo mantinha um número elevado de participantes nos eventos, esses eventos muitas vezes demandavam viagens, pagamento de passagens, hospedagens, pagamento de inscrição em provas, entre outros gastos. Mesmo aqueles alunos que não iriam competir, muitas vezes acompanhavam os colegas, para participar dos momentos de confraternização. Existe por parte da equipe, alunos e professores, uma valorização na participação em detrimento da competição, dessa forma, é valorizada a participação de todos nos eventos<sup>33</sup> independente das condições de treinamento.

Para fazer parte da equipe Azul, ou seja, compartilhar dessa forma de viver a corrida de rua, é necessário participar dos eventos que o grupo participa, não sendo essa uma exigência formal, mas uma exigência que vai se constituindo ao longo do tempo para que os integrantes possam se sentir parte da equipe. O trecho do diário

---

<sup>33</sup> Os eventos incluem não só as competições, mas jantares, encontros, palestras, eventos beneficentes, treinos especiais, etc.

de campo abaixo exemplifica alguns investimentos que são praticados pelos integrantes da equipe Azul, independentemente do nível de performance na corrida:

É a terceira vez que venho no treino do Parcão pela manhã e pela terceira vez vejo que uma senhora fazendo todo o trajeto caminhando, sem trotes nem corrida, todo o percurso em torno do parque é feito caminhando, em um passo não muito rápido. Já que era a terceira vez que via aquela senhora caminhando enquanto as colegas (nesse dia só tinham mulheres no treino) corriam, pergunto para a professora se aquela aluna está começando no grupo ou está com alguma lesão. A professora me responde que ela já está há algum tempo no grupo e que não está lesionada, mas que “ela faz o que ela quer, quando quer correr, corre, quando quer caminhar, ela caminha”. Eu já havia notado no treino anterior essa mesma aluna falando sobre tênis de corrida, ela havia pedido para um colega que estava viajando para o exterior trazer para ela dois pares de tênis especiais para corrida, lançamentos da marca Adidas. Segundo ela, os tênis que custavam 700 reais no Brasil, quando comprados lá fora, saíam pela metade do preço, então valia a pena trazer dois de uma vez só. As colegas mostraram interesse na compra e continuaram falando sobre o assunto. Visto os comentários dela no treino anterior com relação aos equipamentos, fiquei um pouco surpresa com a falta de ‘comprometimento’ com os treinos. Essa senhora estava com outros acessórios, bastante comuns entre os praticantes e que são bastante caros: meias de compressão, um relógio Garmin e um óculos escuro especial para corrida. Depois das suas voltas no parque caminhando, a senhora retorna à lona para alongar e pergunta para a professora sobre a TTT, ela gostaria de ir para acompanhar o grupo. A professora incentiva a participação da aluna, falando que todos os “azuis” deviam estar na TTT correndo ou prestigiando os colegas. A senhora confirma a participação. (Diário de campo do dia 16 de janeiro de 2019)

Os equipamentos listados acima, relógios, óculos escuros, tênis, meias de compressão, são bastante comuns entre os integrantes da Azul, incluindo aqueles que ingressaram há pouco tempo na equipe, conforme mostram as imagens abaixo, retiradas de postagens feitas pelos integrantes da Azul no aplicativo *Instagram* durante as minhas observações:

**Figura 5 Stories com Garmin no Instagram**



Fonte: Instagram

As imagens acima retratam um tipo de postagem feita com bastante frequência no aplicativo *Instagram*, feita por boa parte dos alunos. Podemos destacar dois elementos das fotos acima, o primeiro é o uso de um equipamento de GPS da marca *Garmin*, equipamento muito comum entre os corredores da equipe Azul. Esse equipamento que é um relógio com GPS capaz de registrar informações como distância percorrida e tempo de percurso tem um custo bastante elevado. O segundo elemento que podemos destacar são os tempos dedicados ao treinamento, outro investimento relevante que é realizado pelos integrantes da Azul.

A maioria dos integrantes da Azul dedicam pelo menos seis horas semanais para a prática da corrida, sendo que alguns relataram dedicar até doze horas semanais para os treinos. Ainda, em provas em que é necessário deslocamento, como a TTT, realizada no litoral, a maioria dos alunos dedicam os finais de semana para preparação, deslocamento, participação na prova e comemorações pós prova.

Dessa forma, é notável que os integrantes da Azul fazem altos investimentos financeiros e de tempo para a prática da corrida. Diante do envolvimento de tempo

dos integrantes com a prática da corrida e dos altos investimentos realizados, é possível questionar se esta prática não se relaciona com a perspectiva de lazer sério, trazida pelo autor Robert Stebbins e já explorada em outros trabalhos relacionados à corrida de rua (Oliveira, 2010). O lazer sério é definido pelo autor (STEBBINS, 2008) como sendo aquele que é praticado por amadores, de forma sistematizada, como hobby ou voluntários, encontrando solidez, interesse e realização. Em alguns casos, essa forma de lazer pode se transformar em uma carreira. Segundo Oliveira (2010, p. 35):

O lazer sério é caracterizado pelo zelo, entendido como realização sistemática e dedicada com o qual o sujeito praticante encara a atividade que se propõe a desenvolver. Esse zelo pode ser comparado em muitos aspectos ao que apresentam nas atividades que desenvolvem em seus trabalhos profissionais.

Em muitos aspectos a corrida praticada pelos integrantes da Azul se aproximam da perspectiva de lazer sério, em especial, com relação ao zelo e à prática sistematizada e dedicada da corrida de rua. Contudo, uma das principais diferenças com relação ao que é proposto por Oliveira (2010) é com relação ao comprometimento com os resultados, ou seja, com a melhora na performance na corrida, assemelhando a atividade a aquelas praticadas em seus trabalhos profissionais. Apesar de a corrida aparecer como uma das atividades principais no cotidiano dos integrantes da Azul, conforme mostram as figuras abaixo, ela está atrelada quase sempre a uma ideia de comprometimento com a participação e com a equipe e não com a competição.

**Figura 6 Perfis no Instagram**



Fonte Instagram

As imagens acima mostram o perfil de dois integrantes da equipe Azul no Instagram. Na descrição, logo abaixo a foto de perfil, é possível colocar poucos caracteres. Esses são apenas dois exemplos, mas muitos alunos na equipe Azul colocam em seus perfis no Instagram a descrição “corredor” ou “corredora”, muitas vezes ao lado da profissão, mostrando ser a prática da corrida, uma atividade com espaço relevante na vida desses indivíduos e que remete à identificação.

A identificação é uma das qualidades apontadas por Stebbins no lazer sério (OLIVEIRA, 2010, p. 37):

A partir da prática das atividades por determinado grupo de pessoas, começa a haver uma forte tendência à identificação, sendo a quarta qualidade identificada. No resultado do reconhecimento entre os entusiastas das suas práticas, crenças e atitudes no lazer sério, se origina a identificação, quarta qualidade. A identificação se interliga a outras duas qualidades no lazer sério que são: a de ethos único ou mundo social específico e a dos bens duráveis ou premiações. A qualidade de ethos único compreende o mundo social que é construído a partir da prática de entusiastas durante anos na busca de seus interesses. Esse mundo social também será chamado de mundo dos corredores no trabalho.

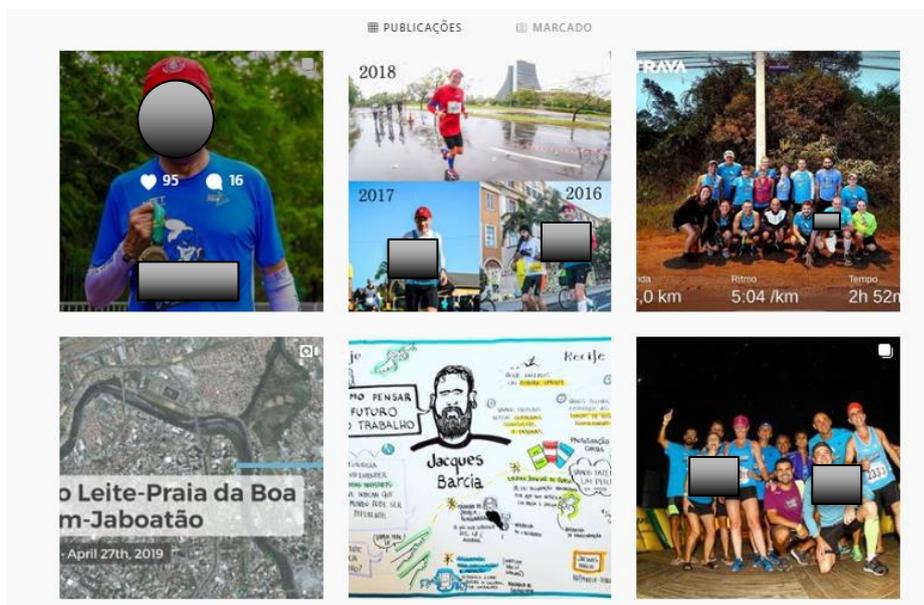
Pacheco (2012) ao estudar um grupo de vôlei feminino também associa a seriedade no lazer com o compromisso com os resultados, contudo considera outros

elementos para considerar que a prática esportiva do grupo se assemelha a perspectiva do lazer sério:

A seriedade no lazer atravessa os compromissos que cada uma das mulheres assumia com o grupo. Para entrar no Moinhos era preciso estar ciente que, um sábado por mês, a equipe estaria participando das rodadas na Liga Master e que, toda semana, havia treinamentos nos quais seria preciso suar a camiseta. Evidentemente, as ausências eram permitidas, mas seria preciso encontrar uma justificativa reconhecida pelo grupo que, por sua vez, geralmente, insistia em uma negociação. Essa ideia dos compromissos com o grupo fazia parte da lógica de funcionamento dos Caídos na Praia, um grupo de praticantes de futebol estudados por Stigger (2002). Entre os integrantes dos Caídos, era necessário assumir um compromisso com o grupo, no qual a assiduidade nas rotinas e horários dos jogos de domingo era um critério com peso especial para incorporação de um novo membro ou identificação de um “bom integrante”. (PACHECO, 2012, p. 93)

A obrigatoriedade de participação nos treinos e por entrega de resultados não são elementos que pude identificar na equipe Azul. Contudo, considero que existe um certo ‘compromisso’ individual dos integrantes, com seus próprios objetivos e com a ‘imagem’ de corredor. Esse compromisso é revelado, também, nas redes sociais, visto que ao colocarem na descrição a palavra “corredor”, os integrantes se ‘comprometem’ com a publicação de conteúdos relacionados ao tema, sendo necessário para isso estar nos treinos e competições.

**Figura 7 Feed no Instagram de um corredor da equipe Azul**



Fonte: Instagram

A imagem acima mostra o *feed* de um corredor da equipe Azul no *Instagram*, cuja a descrição no perfil, já mostrada na figura 6, consta: “corredor apaixonado”. Nota-se que a maioria das postagens do aluno estão relacionadas com o universo da corrida: fotos com medalhas, fotos com a equipe, vídeos com o trajeto percorrido nos treinos, entre outras. Uma das fotos publicadas mostra a sua participação nas Maratonas de Porto Alegre, nos anos de 2016, 2017 e 2018 e a sua última foto mostra a sua participação na Maratona de Porto Alegre de 2019 (foto com a medalha de participação em mãos).

O *feed* do aluno revela alguns elementos encontrados na perspectiva do lazer sério, alguns já retratados anteriormente, como a identificação, o *ethos* único ou mundo social e os bens duráveis ou premiações. Contudo, os outros elementos propostos por Stebbins para a perspectiva do lazer sério, também são encontrados como características gerais do grupo: a perseverança ou risco, a carreira e o esforço ou aquisição de habilidades.

Apesar de ter relatado anteriormente o caso de uma aluna que durante todas as minhas observações não praticava a corrida, participando dos treinos apenas caminhando, a maioria dos alunos demonstraram ter metas individuais, normalmente vinculadas à participação de provas específicas e ao desejo de concluir essas provas. Como exemplo, posso citar o caso da aluna relatado na introdução desse trabalho cuja a meta era conseguir concluir o percurso de 21 quilômetros correndo, para que pudesse participar da Maratona de Nova Iorque.

A maioria dos corredores da Azul possuem a perspectiva de carreira dentro da corrida de rua, não havendo o interesse em tornar-se um atleta profissional, mas sim em alcançar objetivos individuais e progressivos dentro do esporte. A carreira, segundo Oliveira (2010), é desenvolvida através de processos que envolvem as conquistas obtidas pelos praticantes como resultado de suas performances nas atividades, juntamente com o reconhecimento social que obtém. A publicação de participações em competições ao longo dos anos e a divulgação do alcance de metas nas redes sociais, revelam o orgulho em compartilhar as conquistas obtidas assim como a necessidade de reconhecimento, visto que as publicações são feitas de forma pública, para que outras pessoas possam visualizar.

Diferentemente do grupo de corrida estudado por Oliveira (2010), a seriedade no lazer encontrada na equipe Azul não está atrelada a ideia da competição:

Entre os corredores, os que realizam o esporte desta forma são ditos “competitivos” ou “que levam a sério”. Para os corredores que levam “a sério” sua prática esportiva, o importante não é competir, o importante é ganhar. Melhor dizendo, os corredores no lazer sério não entram em pista com uma postura popularmente expressa pelo dito “o importante é competir”. Nenhum deles procura a participação em primeiro lugar, a busca essencial é pelo desempenho na prova. “Não me vem com essa de participar, qualidade de vida ... qualidade de vida pra mim é isso. Eu tô aqui pra ganhar...” explica um corredor, contribuindo para as afirmações anteriores. (OLIVEIRA, p. 33, 2010)

No trecho acima, Oliveira (2010) coloca uma das características que faz com que o grupo estudado seja considerado por ele um grupo que leva a corrida “a sério”: o importante é ganhar. Contudo, identifiquei que as seis qualidades trazidas por Stebbins (2008) para considerar a perspectiva do lazer sério (perseverança, carreira, esforço, identificação, *ethos* único e premiações) não são incompatíveis com a forma com que os integrantes da equipe Azul praticam a corrida de rua, estando presente na cultura do grupo esses elementos, mesmo que, ao contrário do grupo estudado por Oliveira (2010), o importante não seja ganhar e sim, ser um corredor, participar.

O fato de os integrantes da Azul não competirem entre si e não buscarem os melhores lugares nas competições não exclui a possibilidade de um certo comprometimento com a prática. Existe a preocupação em melhorar a performance individual, quase sempre, além do comprometimento em manter a frequência de treinamento e os hábitos que fazem com que eles se possam dizer ‘corredores’.

Considero que os integrantes da Azul levam a corrida de rua “a sério” uma vez que investem boa parte do seu tempo de não trabalho à prática da corrida de rua, investem financeiramente na prática e se identificam como corredores. Dessa forma, existe uma série de investimentos que são necessários para a prática da corrida na equipe Azul, incluindo a perseverança e o esforço, que são qualidades no lazer sério que serão exploradas ainda nesse capítulo.

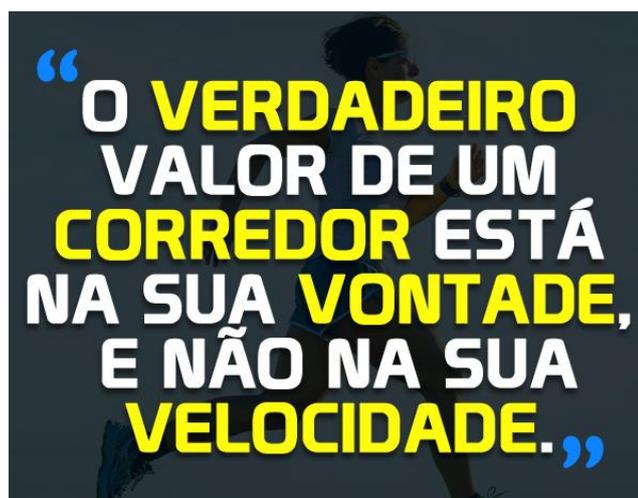
## 5.2 A VITÓRIA PARA ALÉM DAS PISTAS: A PERSEVERANÇA E O ESFORÇO.

E agora? Me pergunto eu, no meio de uma corrida: que é que eu estou fazendo aqui? É a hora em que as dores batem, os músculos repuxam, a idade pesa, a sede castiga, o suor resfria, a respiração se entrecorta, o coração solavanca, e a mente, apesar de tudo, comanda: vamo que vamo!!!!

A corrida tem dessas coisas, exige da gente engenho e arte, fazer das tripas coração, como se diz nas ruas, e buscar dentro de si alguma coisa de bom que ainda reste depois do cansaço, do desânimo e do fracasso. É quando, sem mais nem porquê, a gente se vê sorrindo, rindo, dando até um salto no ar e dizendo: pernas, para que te quero (a gramática não é escorreita, mas as pernas entendem o chamado geral).

*(Rodolfo Lucena, para Folha de São Paulo)* <sup>34</sup>

Figura 8 O valor do corredor



Fonte: Instagram

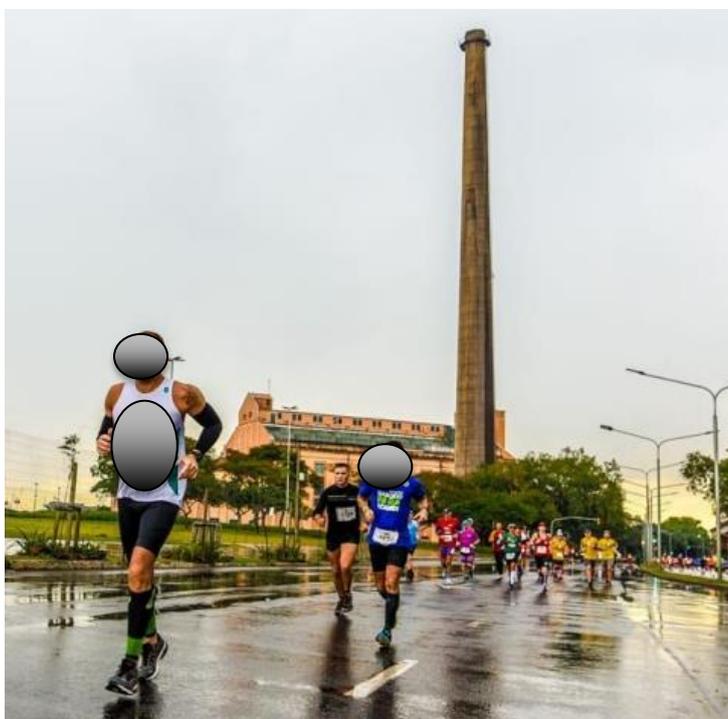
A imagem extraída de uma postagem no Instagram de um dos alunos da Azul revela uma das facetas importantes do universo da corrida de rua e que é encontrada

<sup>34</sup> Disponível em <https://rodolfolucena.blogfolha.uol.com.br/2014/11/17/correr-e-pura-poesia-ha-que-ter-furia-engenho-e-arte-e-um-tantao-de-amor/> . Acessado em maio de 2019.

na forma como a equipe Azul vivencia a prática da corrida de rua: a valorização do esforço e da perseverança.

A perseverança, segundo Stebbins (2008), está relacionada à convivência com medos e riscos tanto no campo real quanto no campo simbólico, o oposto da perseverança seria a desistência. O esforço está vinculado à busca por aprendizados necessários para o desenvolvimento das atividades (OLIVEIRA, 2010), à superação de limites. Essas duas características são encontradas na forma como a equipe pratica a corrida de rua, mas além disso, são características que extrapolam o universo da corrida e são colocadas como elementos importantes para outras esferas da vida, como retrata a publicação abaixo:

**Figura 9 Imagem da Maratona de Porto Alegre**



*Fonte: Instagram*

Essa foto foi tirada num dos meus momentos de maior sofrimento ao longo dos 42.195 m da última maratona. Ali, eu estava no quilômetro 37, esse junto com o 36 foi onde tive as minhas piores parciais 6'03" e 6'02" respectivamente. Foram os únicos quilômetros onde meu pace 35 passou da casa dos 5 para a dos 6. O problema disso, era que se eu continuasse pelos próximos 4 quilômetros finais com essas parciais meu objetivo de fechar a

---

<sup>35</sup> Pace é o tempo que se leva para percorrer 1 km. Normalmente é o parâmetro utilizado para acompanhar a performance na corrida.

maratona abaixo das 4 horas não se concretizaria. Durante esses dois quilômetros de muita dor eu tinha certeza que não iria conseguir superar meu objetivo. Foram aproximadamente 12 minutos de uma frustração profunda comigo mesmo. Nisso chegou um momento que pensei: ok, não tenho o que fazer, tô muito cansado, muito dolorido, paciência! Já tô super feliz por completar a maratona, fodasse o tempo, fodasse o sub 4h! Foi então que eu relaxei, comecei a destensionar minha musculatura, tirar o foco de mim, comecei a observar a paisagem que estava linda naquele momento, a prestar a atenção na leve chuva que caía. Automaticamente minha respiração ficou mais profunda, minha passada começou a alargar visto que os meus músculos estavam mais soltos, meu jogo de braço ficou mais leve, minha cabeça elevou-se naturalmente, minha postura encaixou novamente, sem eu perceber estava mais rápido. Os meus paces nos quilômetros seguintes foram 5'46", 5'47", 5'38", 5'30". Fechei a prova em 3h57min! O último quilômetro, a segunda parcial mais rápida em toda minha prova, foi pura adrenalina e emoção. Chegar ali e ver toda aquela multidão te parabenizando é surreal! As vezes a vida é isso, tirar o peso daquilo que te gera tensão, que te faz sofrer e aceitar. Porém, sem desistir, sem parar. Apenas mudar a perspectiva, o foco. Olhar pro que te faz sorrir, mesmo que seja pequeno perto do que te faz sofrer, e quando menos se espera a linha de chegada estará ali. Porém, se não estiver, se ela nunca chegar, não tem problema, você esteve sorrindo ao longo do caminho. (Texto publicado juntamente com a imagem da Figura 9 no Instagram).

A publicação trazida acima revela uma característica muito presente na equipe Azul: a ideia de que o corredor é uma pessoa resistente, perseverante, esforçada e vencedora. A perseverança e o esforço são características que são cultuadas com orgulho pelos integrantes do grupo. Relatos de sofrimento e superação foram frequentes durante as minhas observações, não sendo valorizado nesses relatos o desempenho realizado na prova ou no treino, mas sim os contratemplos que foram superados para concluir os percursos.

Conforme Marinho (2017) essas características estão relacionadas a uma dimensão moral:

Ideias de perseverança, esforço, obstinação, estratégias de medidas e cálculos vão dando forma a um comportamento associado às práticas esportivas. Como Vigarello aponta, através da determinação se obtém o sucesso que leva o praticante a tornar-se "alguém". Transformar a fraqueza em força está relacionado a uma melhor capacidade de resistir às dificuldades da vida. Vemos assim que o sentido do esporte alcança uma dimensão moral da existência, acompanhando o aumento da obstinação pelo treinamento calculado. Lembrando ainda que a relação prática esportiva e ascensão social se aproxima nesse período, embebida no princípio do século 20, na ideia de "trabalhar sobre si mesmo para progredir na vida". (MARINHO, 2017, p. 6)

Para Vigarello (2008), as aprendizagens esportivas vão convergir com os projetos de desenvolvimento pessoal em uma sociedade que enfrenta sempre mais

competição. A prática de esportes promete a autoconfiança, detalhando a maneira de tornar-se mais forte, a de abrir o próprio caminho na vida.

A transferência dos feitos na corrida de rua para outras esferas da vida parece ter extrapolado o universo da corrida de rua de forma realmente efetiva. Durante as minhas observações foi relatado pelos alunos que em algumas disputas por vagas de emprego era interessante informar as provas de corrida que foram concluídas, sendo muitas vezes visto como uma vantagem competitiva pelos empregadores, conforme aponta um trecho de uma reportagem que revela o que pode ser colocado em um bom currículo:

Competir em provas de esportes de resistência como maratonas, triatlons ou ciclismo mostra dedicação e resiliência, diz Alyssa. Essas qualidades são desejáveis para desenvolvimento de negócios, gerência de contas e cargos de vendas, entre outros empregos.<sup>36</sup>

Ainda que as considerações de Bourdieu acerca dos esportes e suas relações com as classes sociais tenham sido estabelecidas com base em um contexto de sociedade bem específico, existem algumas considerações que podem ser usadas para pensar o contexto brasileiro. O autor entende que classes diferentes cultivam tipos de corpos diferentes e preferem envolver-se com esportes e exercícios físicos distintos em função do que as características destes permitem expressar e/ou alcançar em dimensões éticas e estéticas próprias do *habitus* de classe.

Bourdieu não enfatiza os esportes que integrariam as práticas culturais da classe média, contudo, de forma semelhante a alguns setores da classe burguesa, frações da classe média dedicam-se a esportes que associam as funções higiênicas tanto como a distintiva, particularmente às classes populares. Nesse ponto, Gonzalez (2013, p. 70) salienta:

O autor encontra lógica no fato de que essas práticas, altamente racionalizadas e que exigem uma fé intensa nas promessas de resultados que serão alcançados posteriormente, se encontram enraizadas nas disposições ascéticas em indivíduos que queiram ascender socialmente. Isso porque esses agentes estão preparados para encontrar satisfação no esforço mesmo e para aceitar - tal é o significado de toda a sua existência - as satisfações diferidas que premiarão seu sacrifício presente!

---

<sup>36</sup> Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2017/02/12-hobbies-que-caem-bem-no-curriculo-e-um-que-deve-ficar-de-fora.html>. Acessado em janeiro de 2019.

Ainda que essa relação não seja direta, entre o tipo de esporte praticado e a classe social do grupo, é possível dizer que a ideia do esforço e da superação de limites é uma ideia almejada pelos integrantes da equipe Azul, almejada não só na prática da corrida, mas em outras esferas da vida, representando valores que são importantes para eles e talvez representem um aspecto distintivo para o grupo.

Também não é possível dizer que todos os integrantes da Azul pertencem a uma mesma classe social (na concepção de classe de Bourdieu<sup>37</sup>), como já dito anteriormente, contudo, os integrantes da equipe apresentam algumas semelhanças quanto às condições de vida, sendo a maioria deles pessoas que dependem da sua força de trabalho para o seu sustento, ainda que esse trabalho seja intelectual, não pertencendo nem à parcela mais rica da população, nem à mais pobre, o que popularmente chamamos de classe média (SALATA, A.R., 2015). Dessa forma, podemos dizer que os valores referentes a perseverança e ao esforço fazem sentido para o grupo, para a sua prática da corrida de rua e para outras esferas das suas vidas, podendo haver uma relação entre o modo de vida com a classe social desses sujeitos.

### 5.3 “VAI AZUL”: O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

---

<sup>37</sup> Para Bourdieu a utilização do capital cultural somado ao capital econômico gera a produção do capital simbólico, cujo consumo de bens produz a distinção de classe.

**Figura 10 Propaganda equipe Azul**



*Fonte: Stories Instagram*

Um dos fatos que mais me surpreenderam quando iniciei minhas observações na equipe Azul, era o como os integrantes do grupo se orgulhavam em vestir a camiseta da equipe e se dizerem 'Azuis'. O fato de a equipe ser constituída por uma empresa que presta um serviço de assessoria esportiva me levaram a crer, antes das observações, que não haveria o sentimento de pertencimento por parte dos alunos, pois o vínculo inicial do grupo era a contratação de um serviço. É difícil imaginar um cliente contratando o serviço de uma empresa e logo em seguida vestindo a camiseta com o logotipo da marca e se orgulhando por ser um cliente de determinado serviço.

Essa minha ideia inicial, obviamente, não levava em consideração alguns elementos que só foram possíveis constatar com a observação participante. Na pista ou nos parques, nos treinos da Azul, não há apenas a prestação de um serviço, na verdade, este serviço fica em segundo plano. O que há, mais evidentemente, é o encontro de pessoas que tem o interesse em praticar a corrida de rua de forma coletiva.

Ainda assim, ainda que as relações comerciais ficassem em segundo plano durante os encontros da Azul, não era somente isso que estimulava o 'vestir a camiseta da equipe'. Em primeiro lugar, como já retratado no capítulo anterior, a

gestão da empresa se esforça em estimular a concepção de que o grupo é uma família, uma equipe, e como mostra a imagem que abre esta subseção (extraída do perfil do Instagram da equipe Azul), que juntos eles são a Azul.

Durante os treinos, raros eram os alunos que não estavam com a camiseta da equipe, entre outros acessórios com a marca da empresa. Mesmo quando os alunos praticavam atividades fora dos encontros do grupo, eles usavam a camiseta da equipe. Inclusive, existe um hábito entre os alunos, quando se encontram na rua correndo ou visualizam um integrante da equipe treinando fora dos locais de treino do grupo, um grito de reconhecimento: “vai Azul”.

**Figura 11 Treino no CETE**



*Fonte: registrado pela autora*

Na foto acima, em um treino no CETE, é possível ver que os alunos estão todos com a camiseta da equipe posicionados para que a professora registre uma foto, que mais tarde seria postada no Instagram da equipe. Essa divulgação dos alunos da equipe no Instagram é um outro estímulo para que os alunos participem dos treinos, vestindo a camiseta. A Azul costuma repostar todas as publicações dos seus alunos. Durante os treinos, os alunos comentavam que ‘precisavam’ registrá-los, pois queriam aparecer no Instagram da equipe. Se para os alunos essa divulgação é importante, talvez como forma de reconhecimento, para a empresa Azul, essa divulgação é a melhor forma de captar novos clientes:

**Sheroll:** Como a Azul capta novos alunos?

**Coordenador:** Hoje nossa maior propaganda é o boca a boca e o Instagram. Postar alunos realizando os seus treinos, pessoas diferentes, estimula outras

peças a quererem correr e fazer parte da equipe. Quando as pessoas olham que não é só o cara atleta que corre, que tem a tiazinha, o vovô, a blogueirinha, todo mundo correndo, elas se sentem mais aptas a tentar. Além disso, mostra a cara da Azul, que são as pessoas. Não adianta investir as vezes uma fortuna em propaganda se o cara não consegue captar o que é o nosso clima de treino, o que é fazer parte da equipe. Aqui a gente nota que quanto mais pessoal é o contato, mais dá certo. (COORDENADOR DA EQUIPE EM 20/04/2019)

Como já relatado anteriormente, a equipe Azul é uma empresa que atua há quase 10 anos no mercado da corrida de rua em Porto Alegre, sendo uma empresa reconhecida no meio e possuindo alguns privilégios de acesso a espaços de treinos e competições. As pessoas reconhecem a Azul como uma empresa de qualidade no ramo, sendo esse um importante fator para que as pessoas também sintam orgulho em fazer parte da equipe.

Outro fator relevante para vestir a camiseta da equipe é o fato de isso identificar o corredor de rua. Existe um orgulho em se dizer um corredor de rua, como já retratado anteriormente, esse orgulho é expressado nas redes sociais. Como retratado por Oliveira (2010), pertencer ao contexto esportivo e se apresentar como “corredor” tem um valor simbólico de superioridade física, disciplina e outros valores que em geral, dão ao indivíduo um lugar de respeito na comunidade.

O pertencimento é compreendido como o sentimento que conecta os atores através dos laços sociais, que faz com que estes sintam-se parte do grupo (RECUERO, 2007). Para Breiger (1974) há dois tipos de laços sociais, os denominados laços relacionais, que decorrem da interação social e os laços associativos, decorrentes do pertencimento aos grupos. No primeiro caso, o laço decorre das trocas entre os indivíduos. E, no segundo, ele é decorrente de um vínculo material entre um indivíduo e, digamos, um país. Esses laços não são dependentes da interação diretamente.

Recuero (2005) esclarece que Breiger inspirado nos trabalhos de Goffman, coloca que o laço social também pode ser constituído através de associação. Goffman explicava que os indivíduos eram conectados a outros indivíduos através de relações sociais. Entretanto, a conexão entre um indivíduo e uma instituição ou grupo tornava-se um laço de outra ordem, representado unicamente por um sentimento de pertencimento. Tratava-se de um laço associativo. Conforme Recuero (2005, p. 2), sobre as considerações de Breiger:

Para o autor, portanto, o laço social não depende apenas de interação. Laços relacionais, portanto, são aqueles constituídos através de relações sociais, apenas podem acontecer através da interação entre os vários atores de uma rede social. Laços de associação, por outro lado, independem dessa ação, sendo necessário, unicamente, um pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo. Neste trabalho, entenderemos os laços associativos como meras conexões formais, que independem de ato de vontade do indivíduo, bem como investimento social. Esses laços associativos podem emergir da existência dos laços sociais, constituindo-se num pertencimento relativo à existência de um grupo social mais denso, mas podem também não ser resultado de nenhuma interação social e nem representar a conexão de um indivíduo com um grupo, mas sendo um mero reconhecimento formal da existência de um vínculo material entre um indivíduo e, digamos, um país. Neste sentido, não interferem na estrutura social, tratando-se, simplesmente, de uma classificação.

No caso da equipe Azul, há os dois tipos de laços entre os integrantes da equipe, os decorrentes das trocas entre os indivíduos e os laços associativos, que não dependem da interação diretamente. Muitos alunos não se conhecem pessoalmente, mas interagem através dos grupos de *Whatsapp* e do *Instagram*. Apesar de haver um laço associativo, esses laços são fortificados através dessas redes, proporcionando uma sensação de pertencimento, conforme Recuero (p. 12, 2007):

O pertencimento que estabelece as relações entre essas redes é voltado à associação que, por sua vez, é baseada na identificação. Essa identificação frequentemente conectada à uma construção de identidade, demonstração de gostos e preferências. O capital social que é concentrado nesses grupos é, justamente, o da informação (Bertolini e Bravo, 2004). Estar em tais redes é poder usufruir de informação que é divulgada nas mesmas e, mais do que isso, poder usufruir da informação que o pertencimento proporciona, que auxiliará na construção da identidade.

O sentimento de pertencimento é um fator relevante para permanência no grupo, assim como o orgulho em ser um “corredor” que pertence a uma equipe que possui certa trajetória no universo da corrida de rua. Além disso, a equipe Azul possui algumas características que são diferenciais no mercado da corrida de rua, mas que acabam tornando-se características que identificam os corredores do grupo, como será tratado no próximo subcapítulo.

#### 5.4 O DIFERENCIAL DA AZUL: SUA POSIÇÃO NO MERCADO E NAS PISTAS

Durante boa parte das minhas observações de campo, acompanhando a equipe Azul, pude estar por perto de uma outra equipe, que vou chamar de 'equipe Amarela', para não identificar o grupo. Essa equipe estava lado a lado da equipe Azul nos treinos do CETE, nas competições e era a única empresa com o mesmo espaço privilegiado, juntamente com a Azul, na última maratona de Porto Alegre.

**Figura 12 TTT de 2019**



*Fonte: registrado pela autora*

Na foto acima é possível ver um grupo de pessoas com as camisetas amarelas, próximo ao grupo de alunos da equipe Azul. As duas equipes, que funcionam de forma parecida, são constituídas através de empresas, normalmente estão sempre próximas nas competições e locais de treinos, mas possuem características bem distintas, que só puderam ser entendidas na aproximação com o campo.

Aparentemente as duas equipes são muito parecidas: são reconhecidas no mercado da corrida de rua, funcionam como assessorias esportivas, praticam treinos nos mesmos locais, possuem alguns parceiros comerciais em comum, possuem

valores de mensalidade parecidos e propõem o treinamento da corrida em grupos. Contudo, durante as observações foi possível notar que entre os corredores as equipes possuem diferenças significativas do ponto de vista simbólico.

A começar, os professores que trabalham na equipe Amarela são em sua grande maioria atletas ou ex atletas. Enquanto na equipe Azul temos alguns professores que nem praticam a corrida de rua, na equipe Amarela foi possível encontrar professores atletas de triatlão, maratonistas (incluindo o campeão da Maratona Internacional de Porto Alegre de 2019), atletas de ciclismo, entre outros profissionais que disputam os pódios em diversas modalidades.

Essas diferenças entre os professores das duas equipes apontam para algumas divergências entre os objetivos na corrida entre esses dois grupos. Apesar de algum contato com a equipe Amarela, eu não observei o cotidiano desse grupo, não estive sistematicamente em seus encontros, contudo, pude verificar como os alunos da Azul enxergavam a outra equipe, evidenciando alguns pontos que me permitiram identificar as diferenças entre elas e os porquês de os alunos da Azul não optarem por fazer parte da equipe 'concorrente'.

Como já relatado, os professores da equipe Amarela apresentam características diversas dos professores da Azul. Enquanto os professores da Azul apresentam corpos muito parecidos com os de seus alunos, inclusive na diversidade, (magros, gordos, altos, baixos, homens e mulheres) os professores da equipe Amarela são todos homens e, com raras exceções, apresentam corpos atléticos, magros e com a musculatura definida, dignos de corredores dos pelotões de elite.

Essa diferença entre os professores evidencia uma diferença com relação à gestão da equipe. Enquanto na equipe Azul o importante para a gestão é a boa relação dos professores com os alunos, para a Amarela, o importante é a apresentação física e a capacidade técnica dos professores na corrida de rua - pelo menos, é dessa forma que é enxergado pelos corredores. Essa diferença acaba impactando a maneira como os alunos enxergam as duas equipes, influenciando na escolha por uma equipe ou outra.

Em um dia de observação, num treino no CETE, um grupo de alunas observava com bom humor as diferenças entre as duas equipes:

Sentamos no chão, eu e mais quatro alunas. Mais de uma cuia de chimarrão circulando, estava muito quente, tentava me proteger do sol enquanto tirava

as fotos que sempre me solicitam nos treinos. Como era aniversário de uma aluna, nesse dia, ela havia levado alguns doces para compartilhar com os colegas de treino. Ficamos falando sobre comida, sobre doces e salgados de festa. Em certo momento olhamos para o lado, estava um grupo grande da equipe Amarela. As alunas começaram a rir e comentar as diferenças. A equipe Amarela estava toda nos colchonetes, alongando, alguns alunos preparando suas doses de proteína pós treino, outros comiam bananas. Eles conversavam sobre os tempos das provas enquanto avaliavam a passada de um colega que estava na pista. As alunas riem das diferenças, comentam: “que vergonha, nós aqui comendo doce e tomando chimarrão!” Outra aluna balança os ombros e comenta que não abre mão do doce só pra correr: ah não, eu corro pra poder me dar a esse luxo! Elas continuam falando das diferenças, olhando para os alunos que correm na primeira raia, a raia para os corredores mais velozes: olha a passada daquele cara ali! Outra comenta: realmente, os caras são outro nível! (Diário de campo do dia 17 de janeiro de 2019)

A divulgação nas redes sociais também é feita de maneira bem distinta. Enquanto na equipe Azul há a valorização das fotos em grupos e dos momentos de confraternização da equipe, a Amarela privilegia as publicações com alunos que conseguiram lugares nos pódios, ou seja, os melhores desempenhos:

**Figura 13 Campeões da Amarela**



Fonte: Instagram

Na imagem acima, uma montagem com cinco fotos, onde aparecem alunos da equipe Amarela que alcançaram os melhores tempos (geral e por categorias) em uma prova realizada na serra gaúcha.

**Figura 14 Campeões da equipe Amarela**



*Fonte: Instagram*

Na foto acima, também retirada do perfil do *Instagram* da equipe Amarela, a montagem com cinco fotos, também dos melhores colocados em uma mesma prova. Enquanto as postagens da equipe Amarela se concentram em mostrar como os alunos possuem bons desempenhos nas competições, a equipe Azul se esforça para postar imagens que ressaltam o trabalho em equipe, os momentos de confraternização e para ressaltar que o importante é a união do grupo.

**Figura 15 Equipe Azul reunida**



*Fonte: Instagram*

Na foto acima a imagem de um encontro na serra realizado pela equipe Azul, na descrição da postagem: “Para iniciar a semana com o pé direito!!! Sempre bom lembrar que existe muitas pessoas torcendo por você! #juntossomosazul.

**Figura 16** Parte da equipe Azul



Fonte: Instagram

Na foto acima, também a imagem de uma parte da equipe Azul em uma competição na serra gaúcha. Na descrição da imagem nenhuma menção à vencedores: “Final de semana de muito treino e diversão”.

Graças a uma série de publicações no perfil do *Instagram* da equipe Amarela, pude conhecer um pouco melhor algumas características dos alunos da equipe, assim como os motivos pela escolha da Amarela. No perfil do *Instagram* da equipe há uma série de postagens com os alunos da assessoria, em que são descritos: nome, idade, profissão, tempo na corrida, sonho de corredor, primeiro desafio e o porquê da escolha pela equipe Amarela, conforme mostram as imagens abaixo:

Figura 17 Perfil de aluno equipe Amarela



Fonte: Instagram

Figura 18 Perfil de aluno da equipe Amarela



Fonte: Instagram

**Figura 19 Perfil de aluno equipe Amarela**



Fonte: Instagram

Com relação às profissões e idades não existem grandes diferenças entre os alunos da Azul e da Amarela, as grandes diferenças se concentram nos motivos para fazer parte da equipe e nas expectativas com relação à corrida. Nos três perfis são cotados motivos para fazer parte da equipe Amarela que não apareceram nas entrevistas com os integrantes da Azul. Na figura 17, o aluno cita como um dos motivos para a escolha da equipe o fato dela ter excelência em performance. Na figura 18 o aluno cita, como um dos motivos para fazer parte da equipe, o conhecimento dos professores e, na figura 19, a aluna cita a competência como um dos fatores para a escolha da equipe.

Através dessas publicações no aplicativo Instagram, foi possível perceber que, apesar de oferecerem os mesmos serviços, de serem assessorias esportivas, ou seja, empresas, e de terem preços semelhantes de mensalidades, entre outras semelhanças, as duas equipes possuem características bem distintas com relação à gestão da equipe (forma de divulgação e contratação de professores, principalmente), o que sugere que os significados atribuídos à prática da corrida, pelos integrantes das duas equipes, sejam distintos. Esses significados situam essas empresas no mercado, atraindo alunos com perfis e intenções diferentes na prática da corrida.

## **6. EMPRESA, EQUIPE, GRUPO, ASSOCIATIVISMO: AFINAL, O QUE SÃO AS ASSESSORIAS ESPORTIVAS PARA CORRIDA DE RUA?**

Este capítulo busca discutir o que são os grupos de corrida formados por assessorias esportivas. Dessa forma, discuto os aspectos relativos a origem empresarial do grupo, contudo, relacionando com formas de associativismo, buscando evidenciar que, apesar de o associativismo formado a partir de grupos empresariais, como a equipe Azul, não serem explorados na literatura, nem ao menos considerados como formas de associativismo, eles apresentam aspectos semelhantes às associações formais e informais e não podem ser entendidos apenas como um grupo de clientes de uma empresa.

### **6.1. ASSESSORIAS ESPORTIVAS: UMA NOVA FORMA DE ASSOCIATIVISMO?**

Os grupos de corrida, surgidos no movimento social aqui denominado de ‘fenômeno da corrida de rua’, são caracterizados por uma complexidade no que diz respeito aos aspectos de sua formação. Apesar de as assessorias esportivas serem empresas que oferecem serviços para os corredores amadores, não foi possível reduzir às relações existentes na equipe Azul às relações existentes entre uma empresa e seus clientes.

A primeira afirmação, para responder à pergunta que faço no título dessa sessão, é que, sim, as assessorias esportivas são empresas. Contudo, elas não podem ser entendidas apenas sob essa perspectiva. As assessorias não se mantêm apenas pela oferta e pelo consumo de um serviço, mas pela formação de um coletivo. Tentando compreender o que eram as assessorias (confesso que esse estranhamento foi feito de forma tardia, após o trabalho de campo) passei a me questionar, quais eram os vínculos que mantinham aquele grupo.

Ao mesmo tempo que o grupo não podia ser reduzido a uma lógica de oferta e demanda de serviços, eu não poderia excluir a importância dessa relação no caso da equipe Azul, visto que, sendo os locais públicos e não pertencentes à assessoria, aquelas pessoas poderiam se reunir, formando um grupo de corrida, excluindo a

participação da empresa. Eles continuariam sendo um grupo de corrida, se encontrariam nos mesmos locais, participariam das provas. Contudo, aquelas pessoas pagavam um valor mensal para permanecerem no grupo, se reuniam nos locais e nos horários estipulados pela assessoria, seguiam os protocolos de treinamento dos professores empregados dessa assessoria, utilizavam acessórios com a marca da empresa e, ainda, se identificavam como uma equipe e não como clientes.

Para tentar explicar um pouco do meu estranhamento com relação à formação dos grupos gerenciados por assessorias esportivas, falarei um pouco sobre o que é uma empresa. Uma empresa, diferentemente de algumas outras formas de instituições, tem como objetivo, em sua constituição, o lucro:

Atividade empresarial ou empresa, é uma atividade econômica exercida profissionalmente pelo empresário por meio da articulação dos fatores produtivos para a produção ou circulação de bens ou de serviços. O conceito jurídico de empresa não pode ser confundido com o de um sujeito de direito, o de uma pessoa jurídica, tampouco com o local onde aquela atividade econômica é desenvolvida. (COELHO, 2010, P.16-17)

Empresa, dessa forma, é a atividade econômica do empresário. No caso da equipe Azul, a empresa é constituída sob a natureza jurídica de empresário individual, a saber, empresários individuais são:

II - as pessoas físicas que, em nome individual, explorem, habitual e profissionalmente, qualquer atividade econômica de natureza civil ou comercial, com o fim especulativo de lucro, mediante venda a terceiros de bens ou serviços (Decreto 3000/99)

No caso da equipe Azul, o proprietário, empresário individual, não faz parte dos encontros do grupo, não presencialmente. Contudo, a administração financeira da empresa é feita pelo proprietário. Dessa forma, a manutenção da empresa, conseqüentemente da equipe, enquanto grupo orientado por uma assessoria, se dá, entre outros, pela lucratividade do empresário, visto que, sem lucro a empresa perderia sua finalidade.

Diferentemente de uma academia de ginástica, por exemplo, em que o serviço oferecido é o de utilização de um espaço e de equipamentos e orientação de atividades por profissionais, o serviço oferecido pela equipe Azul, enquanto empresa, é diferente. Os alunos de uma academia podem frequentar a academia

individualmente (não excluindo as formas de sociabilidade existentes nesses ambientes), no entanto, os clientes da equipe Azul, pagam para fazer parte de um coletivo ou, como a própria empresa se denomina, equipe:

A Equipe Azul<sup>38</sup> é uma Assessoria Esportiva focada em grupo de corrida e caminhada. Fundada em novembro de 2009, seu objetivo é levar saúde e bem-estar através da atividade física aos seus alunos. A Azul trabalha com condicionamento físico por intermédio de avaliações e de uma prescrição segura e personalizada para o treinamento físico adequado. Cada aluno é único e exclusivo para a Azul, por isso a equipe trabalha com a individualização do treinamento dentro de um grupo. Este grupo é formado por pessoas que buscam no esporte uma atividade diferenciada, para lhe trazer um desafio, seja de começar a correr ou fazer uma Maratona. Por isso somos Azul! Buscamos dentro da coletividade a personalização do treinamento focando nos objetivos individuais. (Site do grupo)

Apesar de a corrida ser um esporte individual podemos considerar que a cultura da corrida de rua inclui o aprendizado coletivo, ou ainda, sendo as competições parte dessa cultura, não é possível imaginar sua prática de forma totalmente individualizada. Wacquant (2002) considera que a produção do boxeador, sendo o boxe, para ele, o mais individual dos esportes, só é possível através de práticas coletivas. Para Wacquant (p. 120, 2002) existe um "paradoxo de um esporte ultra individual cuja aprendizagem é completamente coletiva". Apesar de o autor considerar o boxe ultra individual, considero a corrida mais individualizada em alguns aspectos, pois ela pode ser praticada de forma solitária, sem a participação em competições. Ainda, existem corredores na equipe Azul que iniciaram na corrida de rua sem nenhuma orientação profissional e sem a companhia de qualquer pessoa e só após a iniciação na prática decidiram fazer parte de um grupo.

Quando frequentamos as pistas e locais de treino, podemos ver pessoas correndo sozinhas, com seus fones de ouvido, sem interação com outros corredores. A corrida pode ser praticada de forma individual. Contudo, apesar dessa peculiaridade, o que presenciamos hoje no universo da corrida de rua é um aumento de sua prática em grupos, como reforça a reportagem abaixo:

Alguém de meia-idade, magro, treinando sozinho, absorto em seus próprios pensamentos, dentro de um parque. Se essa é a imagem que você tem do corredor típico, esqueça. O esporte foi transformado nos últimos anos. Comunidades de corrida plurais, relacionamentos em redes sociais e a apropriação do espaço público tornaram a modalidade mais urbana e jovem

---

<sup>38</sup> As únicas palavras que foram alteradas são aquelas que caracterizam a marca da empresa.

em todo o mundo. A corrida deixou de ser uma prática solitária para se tornar o esporte individual mais coletivo que existe.<sup>39</sup>

A dimensão individual da corrida colabora em alguns aspectos para a adesão aos grupos, pois não é necessário, como no caso da equipe Azul, ter uma performance mínima para fazer parte da equipe, como retrata uma das alunas entrevistadas:

**Sheroll:** Já fez parte de algum outro grupo de corrida ou de algum outro grupo esportivo?

**Aluna 3:** Pois então, eu tentei. Eu queria praticar algum esporte e também queria encontrar um grupo legal, que fosse divertido e não uma obrigação, sabe? Tipo ir na academia, que pra mim é muito chato. Até porque é aquela coisa sozinha, nem sempre tem alguém para ir junto. Aí eu procurei alguns lugares e acabei encontrando um grupo de vôlei feminino da ACM que era só de mulheres da minha idade. Só que fiquei pouco tempo, porque me sentia atrapalhando. Elas já tinham experiência com o vôlei e eu nunca havia praticado, aí ficava muito difícil de me enturmar. É diferente na corrida, eu não corria nada, mas tudo bem, eu não atrapalhava ninguém, fazia meu treino na boa e mesmo assim nunca me senti excluída, muito pelo contrário, muitos me incentivavam. Eu me senti parte da equipe desde muito cedo, até quando eu mal aguentava uma volta completa nessa pista. (ALUNA 3 EM 09/05/2019)

Dessa forma, as assessorias esportivas como a Azul, conseguem atrair tanto as pessoas iniciantes na prática da corrida, quanto as pessoas que já possuem experiência, mas que querem praticar a corrida de rua de forma coletiva. Na descrição da empresa, exposta anteriormente, fica claro que o serviço oferecido está atrelado a uma ideia de coletividade. Dessa forma, o aluno não contrata a assessoria para correr individualmente, mas para fazer parte de uma equipe, ainda que o treinamento seja personalizado. Dessa forma, podemos dizer que a Azul é uma empresa de assessoria esportiva, que oferta serviços relacionados à corrida de rua, unindo pessoas com o interesse nessa prática esportiva, formando, assim, a equipe Azul. A equipe Azul é formada por alunos e professores, praticantes da corrida de rua, que realizam treinos coletivos e participam de provas e competições representando essa equipe.

Apesar de eu estar tentando fazer uma separação conceitual, essa não é possível de ser estabelecida quando olhamos para o campo. Podemos dizer que esses conceitos são inseparáveis ou se misturam, pois, a equipe só existe em função da empresa, assim como a empresa só existe em função da equipe. Durante as

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.ativo.com/corrída-de-rua/pelas-ruas/new-running/>. Acessado em 10 de junho de 2019.

minhas observações participantes, muitas vezes era difícil diferenciar o grupo de outros que não se estabeleciam nessa relação empresarial. Como mostram minhas observações em um treino na pista de atletismo na Redenção:

Nesse dia consegui chegar mais cedo na pista, eram sete horas da manhã, cheguei junto com a professora. Pela primeira vez eu vi nessa pista um grupo grande, com camisas de cor roxa. Eles eram muitos e já estavam correndo. Os alunos da Azul ainda não haviam chegado, ficamos só eu e a professora, conversando e organizando a lona com os colchonetes, para receber os alunos. Perguntei para ela, qual era o nome daquela assessoria, dos de camisas roxas, que eu nunca havia visto. Ela me respondeu que não era uma assessoria, era um grupo de idosos que se juntaram para treinar e competir, mas que era a primeira vez que treinavam por ali. Fiquei observando o grupo, estavam a alguns metros do local onde sempre ficam os professores da equipe Azul, eles tinham um professor, também tinham uma lona estendida no chão com o nome da equipe, onde estavam os pertences dos que estavam correndo. Também tinham um recipiente térmico com água. A forma de organizar o espaço era muito parecida com a da equipe Azul. O professor estava com um cronômetro no pescoço, motivando os senhores de cabeça branca que corriam com a camisa roxa. Alguns integrantes do grupo estavam junto com o professor, conversando, enquanto outros corriam. (Diário de campo nº 20, dia 8 de janeiro de 2019)

Mais tarde, nesse mesmo dia, pesquisei na internet o que era esse grupo. Não encontrando sites que falassem sobre, descobri, através do *Facebook*, que o grupo de corrida fazia parte de um projeto, gratuito para idosos, pertencente ao SESC/RS<sup>40</sup>, segundo dados na descrição do grupo: “o Programa é um movimento social organizado para mostrar que o idoso tem muito a contribuir com a sociedade”<sup>41</sup> Em que pese eu tenha identificado alguma diferença com relação aos alunos, sendo eles idosos, eu não consegui identificar em um primeiro olhar as diferenças nessa forma de associativismo e a forma como se organizava a equipe Azul. Ali na pista, estavam ambos os grupos, lado a lado, com um professor, alguns materiais e alunos interessados na prática da corrida.

Dessa forma, entendendo que os alunos procuram a assessoria para a prática da corrida em grupos, passei a me questionar se aquilo representava alguma forma de associativismo. O grupo de corrida estudado por Marcellino (1999) era compreendido como uma espécie de associativismo, que tinha sua origem em um grupo formado a partir de um interesse comum. Marcellino (1999), baseado no conceito de Norberto Bobbio, se refere às associações voluntárias como sendo grupos

---

<sup>40</sup> Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul.

<sup>41</sup> Descrição contida na página do Facebook, não referenciada para preservar a identidade do grupo.

informais que são constituídos livremente, aos quais as pessoas têm acesso por livre escolha, em que os interesses podem ser individuais ou coletivos. Marcellino (1999) discorre sobre os interesses ligados ao associativismo:

Quase sempre um outro interesse no lazer-arte, esporte, etc. – dá as bases, e até serve de “desculpa” para a satisfação de interesses sociais, mesmo porque o limite, aqui colocado, não é observado de forma clara na realidade. Isso quer dizer, por exemplo, que após frequentar, por um certo período, um grupo que corre ou caminha todas as manhãs, a continuidade das corridas e caminhadas pode não dizer respeito apenas ao seu aspecto físico, mas também à oportunidade de convivência. (MARCELLINO, 1999, p.17)

Para Marcellino (1999) as associações voluntárias são grupos sociais normativos, portanto, uma entidade organizada, pela coligação de indivíduos entre si, através de um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, estipulando os fins, poderes e procedimentos de todos os participantes, tendo por base modelos de comportamento oficialmente aprovados.

Silveira (2008) ao tratar do associativismo esportivo baseia-se nos conceitos de Simmel de sociação. Para a autora, sociação consiste nas interações *entre, com, contra* e *para* indivíduos, dessa forma, é possível interpretar o associativismo como um tipo de sociação. Associativismo de acordo com esse conceito remete-se a formação de um grupo pelas relações sociais que surgem entre seus integrantes com determinado fim. Silveira (2008) analisa duas maneiras principais de associativismo: as institucionalizadas e as sem vínculo institucional, sendo estas últimas o foco do seu estudo. Para a autora o associativismo informal ou sem vínculo institucional é aquele em que as relações sociais são estabelecidas pelas pessoas durante o cotidiano do grupo.

Os exemplos de trabalhos trazidos por Silveira (2008), assim como Marcellino (1999), colocam como associativismo institucionalizado aquele caracterizado pela participação em associações e clubes. Marcellino (1999) coloca esse tipo de associativismo como um conglomerado humano de maior porte, no qual nem todos se conhecem e, assim sendo, estabelecem-se canais indiretos de participação, assim como o grupo de corrida objeto de seu estudo, cuja formação se dava por uma associação sem fins lucrativos.

O sociólogo Paulo de Sales Oliveira (1981) ao contestar a ideia de que o brasileiro é pouco associativo, aponta que esta interpretação decorre de formas reducionistas de entendimento do associativismo, por exemplo, a exclusiva

valorização das associações formalizadas. Para o autor a participação associativa através das relações interpessoais nas quais as pessoas necessariamente se conhecem e travam contato frente a frente, assim como a formação de grupos que se formam pela relação entre conhecidos em uma escala ampliada cuja a ocorrência se dá normalmente em festas, reuniões, bailes, etc, também são formas de associativismo.

Em que pese o trabalho associativista se caracterize por ter uma espécie de organização no que se refere a regras reconhecidas e compartilhadas, Barreto (1987) considera que uma associação necessita de estruturas para seu funcionamento, mas que estas não devem ser ‘engessadas”. Segundo o mesmo autor, as estruturas de funcionamento devem estar em contínua reconstrução, para não cair no determinismo de estruturas permanentes que as transformariam em uma “organização” (Barreto, 1987, p. 47).

O mesmo autor ressalta que existe uma ligação entre esses grupos (associativos) e as Sociedades da qual fazem parte, nascendo em virtude de uma necessidade não satisfeita e que é preciso satisfazer. O associativismo presume participação, é mediante seu exercício constante que se dá o engajamento, possibilitando a participação ativa.

Diante das contribuições trazidas pelos autores a respeito do associativismo, questiono se os grupos formados através das assessorias esportivas para corredores de rua podem ser entendidas como uma forma de associativismo institucionalizado. A maioria dos trabalhos, como os que foram citados até então, colocam como associativismo institucionalizado aqueles formados por instituições sem fins lucrativos, como os clubes esportivos, as associações e os sindicatos. Dessa forma, seria possível falar de um associativismo institucionalizado formado a partir de uma instituição com fins lucrativos? Foi extremamente difícil encontrar trabalhos e autores que tratassem dessa temática, ao que tudo indica, esta forma de organização associativa é desconsiderada quando tratamos de associativismo, não só o esportivo. Contudo, existe um novo conceito de clubes esportivos – os chamados clubes-empresas – que tratam de uma forma de associação formada através de instituições com fins lucrativos. É através dos estudos que tratam dessa forma de organização que eu busco fazer uma aproximação com a forma de constituição das assessorias esportivas para corredores.

Em que pese a maioria dos clubes esportivos na América Latina serem entidades sem fins lucrativos (FERNANDES, 2000), alguns clubes já estão surgindo com essa nova configuração e alguns deles, antes sem fins lucrativos, estão mudando de personalidade jurídica (FERNANDES, 2000). Ainda que a maioria dos clubes sejam constituídos sem a finalidade de lucro, a movimentação financeira oriunda dessas instituições faz surgir uma série de questionamentos quanto às suas finalidades:

No Brasil, essa concepção mercantil do esporte é relativamente recente, quando comparada com a Europa, sendo a Lei Geral sobre Desportos, conhecida como Lei Pelé, a primeira tentativa de institucionalizar e regulamentar essas práticas. Essa Lei afetou diretamente os clubes brasileiros, pois previa a transformação dos mesmos em sociedades civis com fins lucrativos ou sociedades comerciais. Ao longo do tempo, a Lei Pelé sofreu alterações e, atualmente, os clubes não têm mais a obrigatoriedade de mudar sua personalidade jurídica. Entretanto, vários deles começaram a adotar diversas práticas empresariais, passando, inclusive, a promover e gerenciar sua marca segundo os preceitos propostos pelas diferentes correntes teóricas do branding. Para tanto, os clubes buscaram no marketing esportivo as ferramentas necessárias para projetar sua identidade e, assim, ampliar sua base de recursos. Entretanto, surgiram diversos conflitos entre a identidade de clube e a de empresa, sendo que as lutas em torno da melhor definição da identidade corporativa dessas organizações se tornaram constantes. (ALBINO, CARRIERI, FIGUEIREDO, HEITMANN E BARROS, 2009, P. 82).

A questão que se estabelece aqui, é um modelo diferente de associativismo, visto que a finalidade maior de uma empresa é a lucratividade, diferentemente de uma organização sem fins lucrativos cuja a finalidade maior é atender os interesses dos associados:

A lucratividade máxima é o objetivo de toda e qualquer empresa, a fórmula para atingir essas metas é a maximização dos recursos, a eliminação de ineficiências, a melhoria da produtividade e a implantação de modernas formas de administração. (FERNANDES, 2000, P. 27)

O Código Civil (Lei nº 10.406/02) define as associações como a união de pessoas que se organizam para fins não econômicos (art. 53). Os clubes são associações desportivas. Segundo SEBRAE (2019) a finalidade das associações:

De modo geral, essas organizações não têm a atividade econômica como objetivo principal, mas defende os interesses de um grupo que encontrou na união de esforços a melhor solução para determinados problemas. Têm, entre outras, as seguintes finalidades:

- a) Filantrópica;
- b) Religiosa;

- c) Prestar assistência social e cultural;
- d) Atuar na defesa dos direitos das pessoas ou de classes específicas de trabalhadores e/ou empresários;
- e) Defender o meio ambiente;
- f) Atuar como clubes de serviços;
- g) Servir como clubes esportivos.

Do ponto de vista das finalidades das instituições podemos ver uma diferença bem clara entre as que são constituídas sobre o formato de empresas e as que são constituídas como associações ou outras formas de organizações sem fins lucrativos. Contudo, quais as implicações do ponto de vista dos associados ou clientes? Para aquelas pessoas que fazem parte dos grupos formados através de empresas, quais seriam as implicações desta forma de associativismo? De que forma elas se diferenciam das outras formas de associativismo esportivo?

Uma das principais diferenças talvez esteja sobre o aspecto da gestão dessas formas de organização. As decisões tomadas em uma empresa são tomadas pelos proprietários, enquanto que em uma associação elas partem dos associados, mesmo que de forma representativa. Essa diferença se deve, obviamente, aos propósitos diferentes de cada tipo organizacional, como já falado anteriormente. O estatuto do Sport Club Internacional, clube esportivo da cidade de Porto Alegre, traz em seu artigo segundo: “Todo o poder emana dos associados, que o exercem por meio de seus representantes eleitos ou, diretamente, nos termos deste Estatuto. ” A Associação Atlética do Banco do Brasil de São Paulo, coloca em seu estatuto:

Art. 12 - A Assembléia Geral é a reunião de todos os associados Efetivos e Beneméritos (oriundos da categoria de Efetivos), em pleno gozo de seus direitos, com poderes para decidir quaisquer assuntos relativos à Associação, inclusive os não contemplados neste Estatuto. Poderá ser Ordinária ou Extraordinária e suas deliberações obrigam a todos associados, ainda que ausentes ou discordantes. (Estatuto AABB/SP)

Os exemplos trazidos dos estatutos sociais evidenciam uma das principais diferenças com relação ao associativismo formado a partir de empresas. Nessas formas de associativismo, os clientes não possuem poder nas tomadas de decisão, ao menos dessa forma. Contudo, entendendo que a finalidade de uma empresa é a lucratividade e esta depende do pagamento pelos serviços ou produtos, existe uma certa ligação entre as decisões tomadas por uma empresa e o desejo de seus clientes.

No caso da empresa Azul, conforme minhas observações em campo, existem algumas formas de participação dos clientes nas tomadas de decisão da equipe. A participação em competições, aquelas que seriam assessoradas pela empresa, normalmente eram acordadas com os clientes, verificando o interesse de cada um dos participantes da equipe:

Durante boa parte do treino de hoje os alunos se reuniram com o professor para falar das próximas provas. O professor apresentava o calendário de provas nacionais e internacionais e dizia que iria fazer uma enquete no WhatsApp para que cada um falasse sobre o interesse em participar. Aquelas competições que tivessem maior número de pessoas interessadas, ele iria conversar com o proprietário para que a Azul fosse assessorando, levando toda estrutura. Ele alertava os que estavam ali presentes que mesmo que a Azul não fosse assessorando, eles poderiam combinar de participar das competições, que ele iria arrumar uma forma de organizar e de a equipe estar presente no maior número de provas possíveis. (Diário de Campo do dia 17 de janeiro de 2019)

Também constatei outras formas de participação dos clientes da equipe azul. Em uma das minhas observações percebi que um grupo de alunas falava algo sobre um dos professores para o coordenador, pedindo para que o professor mudasse algumas de suas condutas:

Enquanto estava sentada na lona, na área de alongamento, eu e o coordenador, três alunas que haviam terminado o treino vieram conversar com ele. Elas não se importaram muito com a minha presença e começaram a falar do professor novo, que havia entrado no lugar de um professor antigo. Elas pediam para o coordenador conversar com ele para ele agilizar na entrega das planilhas de treino e para ele levar os materiais (água, copos, fitas de alongamento, etc), pois ele havia esquecido em mais de um treino. Elas fizeram questão de salientar que o professor era muito querido e simpático, mas que tinha algumas coisas diferentes do professor anterior e que elas achavam que ele devia manter a mesma sistemática. O coordenador acata as reclamações das alunas e diz que irá conversar com ele. (Diário de campo do dia 06 de dezembro de 2018).

Em uma das entrevistas, a questão da participação nas decisões foi evidenciada por uma das alunas:

Sheroll: No teu ponto de vista o que diferencia a Azul de outras assessorias?  
Aluna 6: Eu acho que o principal é o ambiente familiar. Tem várias assessorias que os professores são professores, os alunos são alunos e não há essa relação próxima dos alunos com os professores. É um pouco mais distante. Com a Azul a gente tá muito próximo da organização, a gente participa até da escolha dos uniformes. Eu e as gurias queríamos fazer uma viseira floreada da Azul. Não deu outra, a gente foi lá, falou com o professor

e fizemos. Agora é sucesso, todo mundo comprou. E várias outras coisas, a gente ajudou a organizar a festa de aniversário da equipe, tudo. Acho que isso é o diferencial, não é só uma assessoria, somos uma equipe.

Obviamente que a participação dos alunos no processo de tomada de decisão é restrita, não atingindo decisões no que se refere a organização administrativa e financeira da empresa, diferentemente do que ocorre em muitas associações em que os dirigentes são eleitos e a gestão, incluindo a financeira, é feita com a participação ativa dos associados.

A diferença na finalidade das organizações interfere na forma de gestão dessas organizações e na forma de participação associativa. Ainda, poderíamos questionar se o fato de a finalidade maior de uma empresa ser a lucratividade, não impediria a possibilidade de se falar em um associativismo, visto que este é caracterizado pela cooperação em torno de objetivos comuns (Marcellino, 1999). Quando falamos de uma empresa, podemos pensar que os objetivos dos clientes podem ser diversos, principalmente com relação aos objetivos do empresário.

Também há a possibilidade de se pensar a equipe Azul como uma forma de associativismo informal, como colocado por Silveira (2008), sendo aquele em que as relações sociais são estabelecidas pelas pessoas durante o cotidiano do grupo. Poderíamos pensar que o associativismo se dá no contato entre os clientes da empresa. Contudo, não me parece a melhor forma de olhar para as relações existentes na equipe visto que é o fato de ser um cliente/aluno da empresa Azul o laço inicial dos participantes, semelhante ao que ocorre em um processo de sindicalização ou associação, em que o participante se torna um sindicalizado ou associado no momento em que assina sua entrada. O mesmo ocorre na equipe Azul, no momento em que assina o contrato de prestação de serviços da empresa, ele já pode se dizer um Azul, podendo usar a camisa da equipe e representá-la em eventos e competições.

O contato entre os integrantes da equipe Azul nem sempre é direto. A equipe possui vários canais de comunicação (grupos de mensagens por celular, grupos em redes sociais virtuais, etc), visto que, muitos alunos não se conhecem pessoalmente. Ainda assim, eles se reconhecem como uma mesma equipe. Semelhante ao que Marcellino (1999) define sobre as relações no associativismo institucionalizado, no qual nem todos se conhecem e, assim sendo, estabelecem-se canais indiretos de participação.

Visto as considerações acerca do associativismo, apesar de a formação dos grupos ter a origem numa relação empresarial, o fato de a finalidade de uma empresa ser a lucratividade, essa ideia não me parece estar desassociada dos conceitos trazidos sobre o associativismo. Justifico meu ponto de vista uma vez que os clientes, alunos da equipe, também tem interesse na manutenção da empresa e nos serviços por ela oferecidos, pela manutenção do grupo, não havendo dessa forma um desencontro de interesses, mas sim, um acordo tácito. Há, de ambos os lados, empresário e clientes, o interesse na continuidade das atividades do grupo.

Oliveira (1981) ao contestar a ideia de que o brasileiro é pouco associativo, aponta que esta interpretação decorre de formas reducionistas de entendimento do associativismo. Para o autor há uma exclusiva valorização das associações formalizadas. A crítica trazida pelo autor pode ajudar a compreender a falta de estudos sobre o associativismo formado a partir de empresas, mas por outro ponto, não só pela valorização exclusiva das associações formalizadas, mas também pelo entendimento de que o associativismo só pode ocorrer pela formação de instituições sem fins lucrativos.

A ideia de associativismo aparece muitas vezes como um instrumento da democracia, como aponta esta cartilha sobre associativismo (INCUBADORA SOCIAL, 2015, p. 5):

O Associativismo é um instrumento vital para que uma comunidade saia do anonimato e passe a ter maior expressão social, política, ambiental e econômica. É por meio de uma associação que a comunidade se fortalece e tem grandes chances de alcançar os objetivos comuns. O Associativismo é fruto da luta pela sobrevivência e pela melhoria das condições de vida de comunidades. Associação é uma pessoa jurídica, devidamente registrada em cartório e constituída livremente pela união de pessoas. Essa união acontece pra melhoria das condições de vida do grupo e da comunidade. A participação, a solidariedade, a cooperação em torno de objetivos comuns, têm sido fundamentais para assegurar melhores condições de vida das comunidades. Essa prática, mais do que uma forma de organização, é uma construção e uma conquista social.

O associativismo é visto, na maioria das vezes, como um instrumento de atuação comunitário, para atuar na busca de direitos ou melhores condições. Como afirma Barreto (1997, p.49): “O associativismo, enquanto mecanismo democrático, conduz o homem à consciência de suas vinculações com a comunidade...”. Essas ideias acerca do associativismo podem dar uma pista sobre a não consideração de grupos como a equipe Azul como uma forma de associativismo. Contudo, o fato de o

grupo ser formado por clientes, não exclui a possibilidade do grupo atuar na luta por seus interesses.

A Azul, por ser uma empresa com um número grande de alunos e por atuar há 10 anos no universo da corrida de rua, possui uma atuação importante no cenário dessas atividades, pelo menos em algumas cidades do Rio Grande do Sul. Existem alguns fatos observados que me levam a afirmar a relevância da Azul. O fato mais relevante é que a Azul é uma das duas empresas que possui espaço privilegiado pelo quarto ano consecutivo na Maratona Internacional de Porto Alegre:

Pelo quarto ano seguido a Azul e a Amarela<sup>42</sup> formam uma parceria para propiciar o melhor para os melhores, nossos alunos e amigos de todo o Brasil. Nos últimos anos recebemos em média 500 pessoas de vários estados brasileiros. Esse ano não será diferente. Estaremos em uma estrutura única dentro do jockey club, fechada, o que protege do frio, chuva. Guarda volumes, e banheiros exclusivos são outros diferenciais. Este ano vamos mais além. O desafio proposto pelo professor da equipe Amarela em adotar um dos pontos de hidratação da prova, onde passarão quase 10 mil pessoas foi aceito e vamos transmitir toda a energia que esses guerreiros merecem. Os staffs da prova fazem um belo trabalho, mas tenho certeza que os corredores fazendo esse papel vai ser lindo de ver. Nós sabemos o que o atleta vai estar passando e sem dúvidas as palavras certas para incentivar. A red bull estará presente conosco para animar ainda mais o ambiente. Você curtiu a ideia? Não vai correr a prova? Bora colar junto e torcer para esses guerreiros? A largada da prova está marcada para as 07:00. Vamos fazer dessa a melhor maratona dos últimos anos!!! (Texto retirado de uma publicação no Instagram no perfil da Azul)

Esse espaço privilegiado relatado acima é algo realmente relevante visto que nenhuma outra assessoria ou grupo possui espaço coberto dentro do Jockey Club, apenas as duas empresas mencionadas. A Azul possui privilégio na utilização de outros espaços, não só nas provas. Logo nas primeiras observações na pista de atletismo no CETE, notei que a equipe Azul ocupava sempre a mesma área, durante todos os meses de observação. A área ocupada não era reservada à equipe, contudo, o espaço já era considerado pelos frequentadores do centro como de uso da Azul:

Notando que os pertences da equipe sempre ficavam no mesmo local, mesmo quando o espaço estava lotado, questiono o professor, como eles conseguiam usar sempre o mesmo espaço. O professor responde que como eles usam há muitos anos, sempre nos mesmos dias e horários e pelas pessoas conhecerem a equipe, as pessoas que frequentam a pista e as outras equipes já sabem que aquele espaço é da Azul. Pergunto se algum dia eles já tiveram o espaço ocupado por outra equipe, o professor responde que as equipes que também ocupam a pista respeitam os espaços umas das

---

<sup>42</sup> Nome alterado.

outras e que raramente acontece e que das vezes que aconteceu, ele conversou com os responsáveis e pediu para sair do lugar, já que é tradição da equipe estar sempre no mesmo ponto. (Diário de campo do dia 8 de novembro de 2018).

O privilégio na utilização dos espaços ficou evidente em vários outros momentos. Em diversas provas o coordenador da equipe Azul era chamado pelos organizadores de eventos para que pudesse opinar sobre as decisões da organização das provas. Além disso, a própria utilização da pista de atletismo do CETE, parece já ter sido restrita para utilização dos grupos, fato que conseguiu ser revertido com alguns acordos, segundo o coordenador:

Quando eles quiseram bloquear a entrada de pessoas não cadastradas na pista a gente reivindicou a liberação, pelo menos para os grupos de corrida. O espaço é público, mas no fim nós oferecemos umas doações para o Centro e eles permitiram novamente o ingresso da equipe. Aqui, depois de reformado ficou a melhor pista para treinar, são nossos treinos mais lotados, a gente não podia perder o espaço. (Diário de campo do dia 8 de novembro de 2018).

Os exemplos foram trazidos para evidenciar que os grupos de corrida, formados através de empresas podem atuar como instrumento na busca de direitos ou melhores condições para os interessados na prática da corrida.

Outra diferença que poderíamos questionar é com relação ao pertencimento. Segundo Recuero (2007) o pertencimento é compreendido como o sentimento que conecta os atores através dos laços sociais, que faz com que estes sintam-se parte do grupo. Teriam diferenças com relação ao sentir-se parte do grupo entre os sócios de um clube associativo ou um clube empresa? E entre os corredores de uma associação para corredores como a CUCA, estudada por Marcellino e os corredores da equipe Azul?

Conforme os dados trazidos por Marcellino (1999) posso considerar que os laços que unem os integrantes da equipe Azul são mais eficazes na manutenção do grupo. Uma das principais diferenças com relação a essas duas equipes se dá pelas características da equipe, sendo a equipe Azul uma equipe mais homogênea, enquanto a CUCA apresentava características mais diversificadas entre seus integrantes.

Os dados apresentados por Marcellino (1999) mostraram que o desnível socioeconômico entre os integrantes da equipe era um dos principais fatores para o desligamento do grupo. O privilégio no tratamento dos atletas com maior potencial

para a competição em detrimento de participantes em geral, também foi apresentado como um dos motivos para a saída da equipe. Como principais causas para permanecer no grupo, o autor identificou o interesse na corrida e em segundo plano os interesses sociais, manifestado pelo ambiente de camaradagem, no fazer amigos ou mesmo no “bate-papo” após os treinos.

Ao contrário, na equipe Azul, os interesses sociais aparecem em primeiro lugar como motivos para permanecer no grupo, assim como estar entre “iguais”, tanto do ponto de vista da performance na corrida, quanto com relação a características como profissão, nível de escolaridade e estilo de vida (expressão trazida nas entrevistas).

Através das entrevistas realizadas com nove dos alunos da equipe Azul, após o trabalho de campo (roteiro 1.2, apêndices) foi possível identificar que os principais motivos para que os alunos permaneçam no grupo estão relacionados com aspectos relativos ao sentimento de pertencimento.

A equipe Azul é vista para alguns como uma família. Como já retratado anteriormente nesse trabalho, esse aspecto é valorizado pelos gestores da Azul e realmente se mostrou um elemento importante para os integrantes da equipe. Conforme uma das entrevistas, com um aluno cuja performance na corrida de rua é bastante superior a maioria dos demais integrantes, incluindo os professores:

**Sheroll:** Eu noto que tu tens uma performance muito superior aos demais, correndo várias maratonas internacionais que muitas vezes não são acompanhadas pela Azul. Vejo que tu acompanhas as alunas mesmo depois do teu longo treino. Por que tu continuas na Azul? Não tens vontade de procurar uma equipe com um perfil mais profissional?

**Aluno 1:** Não, nem pensar. Pra mim isso é diversão. Eu sempre corri fácil, acho que pela minha genética, eu sou magro, perna grande. Então não me custa nada ajudar as meninas, eu gosto. A Azul é uma família pra mim. O professor sabe, as vezes eu nem venho pra correr, fico aqui só fingindo (risos). Não tenho a pretensão de competir, meu negócio é viajar, me divertir, conhecer pessoas. Eu sou apaixonado pela corrida, mas não assim, por obrigação. Quando vira obrigação perde a graça. Eu gosto é de estar entre as pessoas e se eu posso ajudar elas a correr, eu ajudo, por isso eu fico aqui depois do treino e acompanho as gurias no final, já boto o papo em dia. (ALUNO 1 EM 02/05/2019)

Outro fator que se mostrou importante para permanência no grupo foi o fato de encontrar na equipe amigos com interesses parecidos e com estilos de vida parecidos, como já retratado no capítulo 4 deste trabalho. Em mais de uma entrevista houveram relatos de que a inclusão no grupo foi facilitada pela identificação com os

demais integrantes, em aspectos diversos, como retratado no trecho da entrevista abaixo:

**Sheroll:** Como conheceu a equipe Azul?

**Aluno 4:** Já faz um tempo, eu estou há cinco anos no grupo, mas lembro que tinha várias pessoas próximas que corriam na Azul. Tipo o Juiz corria na equipe, o defensor, o advogado (risos), todo judiciário corria! (risos). Resolvi tentar também, né!? Deve ser bom esse negócio! E realmente, aí depois que eu vim pra equipe, ainda reencontrei vários conhecidos, uns colegas. Aí foi bem fácil continuar a correr, porque tu encontra pessoas com a vida parecida com a tua, que tem a vida corrida e que se divertem correndo. Tu vê, que loucura, não basta a correria do dia a dia (risos). (ALUNO 4 EM 14/05/2019)

Aspecto retratado no trecho da entrevista acima e que também se mostrou como fator relevante para a adesão e continuidade no grupo é que a corrida na Azul é vista como diversão e não como competição, aceitando e incentivando alunos com interesses que não se concentram na performance e na competição:

**Sheroll:** Pratica a corrida de rua com qual objetivo?

**Aluna 2:** Objetivo? Difícil dizer, comecei meio sem objetivo, mas acho que por saúde, meio que pra fazer alguma coisa. Aí depois comecei a me divertir e fiquei. Porque no início foi bem sofrido, eu achava que nunca ia gostar de correr, mas aguentava porque no final eu me sentia melhor do que não fazendo nada. Agora a corrida é meu lazer, pra mim, na maioria das vezes é divertido, ainda mais as provas, é muito legal, o clima, as pessoas. Bom, tu viu né? Deve ter te dado vontade de participar, é muito legal! Ainda mais quando tu participa em grupo, as provas em grupo são as que eu mais gosto, mas o pessoal tem que estar com o mesmo intuito, o de participar. Mas eu encontrei o meu grupo pras provas, nosso negócio é completar as provas, participar. (ALUNA 2 EM 08/05/2019)

As referências à uma prática divertida são frequentes e não se relacionam somente à prática do esporte, mas às demais atividades que são realizadas pelo grupo, como as viagens, as festas e os eventos, mostrando ser um fator relevante para permanência no grupo:

**Sheroll:** Pretende continuar no grupo de corrida? Como imagina o futuro na equipe?

**Aluna 2:** Eu pretendo. Não tem porque sair, é muito melhor ter uma equipe pra correr e eu não pretendo parar de correr tão cedo, a não ser que aconteça algo que me impossibilite. Tem coisas que ficam muito mais fáceis de fazer quando se está com uma equipe. As viagens, que é a melhor parte pra mim, se não fosse pelo grupo eu não sei se eu teria vontade de ir sozinha, me inscrever nas provas, então vale muito a pena pagar a mensalidade, eles dão todo o suporte, além do pessoal ir todo junto e ser muito melhor. Ainda tem as coisas que são exclusivas para os alunos né? As festas, os treinos, isso tudo, que é a parte divertida de correr, só faz sentido em equipe, imagina fazer isso tudo sozinha, não faz sentido! (ALUNA 2 EM 08/05/2019)

E por último, não menos importante, as referências a uma certa seletividade dos integrantes do grupo, principalmente com relação à renda e classe social, identificado através de expressões nas respostas tais como “na Azul não tem maloqueiragem”, “é todo mundo gente boa”, “é só gente de bem”, estiveram presentes nas respostas, revelando-se um fator importante para adesão e permanência no grupo:

**Sheroll:** Por que escolheu a equipe Azul?

**Aluno 4:** Como eu te falei, eu conhecia várias pessoas que corriam na Azul e eu sabia que eram pessoas com um certo nível, né?! Então imaginei que a equipe fosse boa e que o grupo também fosse um grupo que eu fosse me adaptar. Eu adorava jogar futebol, mas aí as vezes os caras chamavam um pessoal de fora pra formar time, sabe? Aí era complicado porque tinham pessoas de tudo que é situação, até umas maloqueiragens as vezes! É a real! Aqui a gente consegue achar pessoas que tem as mesmas vontades e as mesmas condições, então é fácil fechar uma equipe pra viajar pra fora pra participar das provas, por exemplo. Não é só grana sabe, mas o pessoal tem um nível bom, resumindo: na Azul não tem maloqueiragem (risos). Agora abandonei a bolinha no final de semana, até porque atrapalha na corrida. (ALUNO 4 EM 14/05/2019)

Fica evidente nas respostas que os laços sociais são os principais fatores que levam com que as pessoas permaneçam na equipe Azul, ao contrário dos integrantes da CUCA, cujo principal motivo para fazer parte da associação estava no interesse na corrida de rua, voltada aos interesses esportivos. Dessa forma, não é possível dizer que o fato de um grupo ser formado a partir de uma empresa, impede que os integrantes desse grupo tenham o sentimento de pertencimento, muito pelo contrário, o sentimento de pertencimento se dará por outras características, como no caso da Equipe Azul, pelo contato com pessoas com os mesmos objetivos e com estilos de vida semelhante.

Entendendo que associativismo é a formação de grupos pelas relações sociais que surgem entre seus integrantes com determinado fim (SILVEIRA, 2008) considero que os grupos formados por assessorias esportivas – e a equipe Azul em particular – podem ser compreendidos como uma forma de associativismo, contudo com vínculos distintos de outras formas de associação. Entre estes vínculos podemos destacar as questões relacionadas à renda e outras características socioeconômicas que parecem ter um papel decisivo para que os integrantes estabeleçam seus laços sociais, interferindo no sentimento de pertencimento ao grupo, que se estabelece não

só pelo interesse comum na prática da corrida de rua, mas também pelo compartilhamento de outros hábitos de vida.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta sessão final dedico-me a retomar de forma sucinta os caminhos que percorri para responder as questões desta pesquisa. Durante o trabalho de campo foram muitos os temas que foram levantados, o universo da corrida de rua é um universo realmente rico, em especial para uma não nativa como eu. Contudo, foi preciso privilegiar alguns aspectos e abandonar outros. Apenas nesse pequeno momento em que escrevo essas considerações, já me vem à cabeça dezenas de outros assuntos que poderiam ter sido explorados e que tiveram que ser abandonados. Esses abandonos, necessários, geram certa angústia e me instigam a continuar os estudos sobre a corrida de rua. Essa angústia de certa forma é minimizada, também, à medida que penso que este trabalho possa servir de referencial para que outros pesquisadores explorem esse universo.

Este estudo buscou compreender como se constituem e como se mantêm as assessorias esportivas para corredores de rua. No caminho para encontrar as respostas, alguns outros temas cruzaram meu trajeto, alguns puderam ser explorados de forma mais objetiva, como as questões relativas ao associativismo e outras precisaram ser deixadas de lado, como as relações entre a prática da corrida de rua e as classes sociais, que apesar de tangenciarem a maioria das minhas discussões, não tive fôlego e nem tempo hábil para poder discutir de forma mais aprofundada.

Para contextualizar o meu tema de pesquisa apresentei um breve histórico da corrida de rua, mostrando que a prática no meio amador passou a ter uma maior adesão a partir da década de 70. Ainda assim, nesta época, era vista como excêntrica para a maioria da população brasileira. Foi a partir da década de 70 que a corrida de rua foi se popularizando, contudo, o aumento significativo no número de adeptos se deu a partir dos anos 2000, surgindo uma maior variedade de provas com modelos variados, surgindo novos modelos de grupos de corrida e todo um mercado em torno desta prática esportiva.

As assessorias esportivas para corredores amadores surgem em sua grande maioria no Brasil a partir dos anos 2000, apresentam algumas características diferentes das equipes formadas em clubes de atletismo. Os agrupamentos conhecidos anteriormente a essa época eram chamados de equipes de corrida e eram formadas por atletas que compunham a elite das corridas e buscavam sempre a alta performance.

As assessorias esportivas passaram a ofertar serviços para todos os tipos de interessados na prática da corrida, iniciantes e iniciados. Nesse contexto surge um amplo mercado em torno da corrida de rua, onde se destacam os serviços de assessoria esportiva e um vasto calendário de provas nacionais e internacionais.

A equipe Azul surge no mercado da corrida de rua em Porto Alegre em 2009, com o propósito de ofertar serviços para pessoas com interesse em praticar a corrida de rua em grupos, mas que não necessariamente busquem a competição como objetivo na corrida. Através de algumas estratégias, a empresa consegue se diferenciar no mercado, buscando uma descaracterização da relação cliente/empresa, incentivando o pertencimento e selecionando o público através de um valor de mensalidade acima do mercado e ofertando serviços e produtos que caracterizam uma corrida de rua 'elitizada'.

As estratégias de posicionamento de mercado praticadas pela Azul acabam influenciando a maneira como os indivíduos praticam a corrida de rua dentro da equipe, contudo isso não deve ser encarado como uma via de mão única. Apesar de a empresa influenciar a forma como os indivíduos praticam a corrida de rua, os alunos já procuram a empresa por essa se adequar ao que elas esperam de um grupo de corrida. A relação entre a equipe Azul e seus alunos, ou clientes, deve ser encarada como uma via de mão dupla, onde há a satisfação de interesses de ambas as partes.

O grupo é constituído então com a formação de uma empresa que oferta serviços à clientes interessados em um determinado modo de prática da corrida de rua. Essa empresa se mantém em primeiro lugar, como toda empresa, pela lucratividade. Contudo, essa lucratividade é alcançada através da satisfação dos clientes que buscam objetivos determinados na equipe Azul.

Os alunos da Azul permanecem no grupo pelo forte sentimento de pertencimento, incentivado pela gestão da equipe e facilitado pela seleção dos clientes, fazendo com que os alunos se sintam entre seus 'iguais'. Além disso, há um

forte sentimento de orgulho em ser um “corredor” atrelado à valores relacionados à perseverança e esforço, atribuídos aos corredores, características estas que são almeçadas e valorizadas pelos integrantes da equipe Azul. Essas qualidades presentes na forma de correr da equipe Azul, aproximam a prática da perspectiva do lazer sério. Apesar de não se constatar a busca pelo resultado esportivo e pela competição entre os pares, as características encontradas na equipe Azul são condizentes com a proposta de lazer sério de Stebbins.

As redes sociais, como o *Instagram*, se mostraram um forte elemento para compreender o universo das práticas esportivas. É através de redes como essas que os indivíduos muitas vezes mostram suas preferências e os significados que atribuem às práticas. As redes sociais se mostram relevantes também para o entendimento do mercado esportivo, visto que para muitas empresas estas já se tornaram o principal meio de divulgação das suas marcas. Através do aplicativo Instagram, principal forma de divulgação da Azul, foi possível perceber como a empresa se posiciona no mercado e o seu diferencial com relação a outras equipes, em especial a equipe Amarela, aparentemente sua principal concorrente.

Por último, ressalto a importância de se olhar para essas organizações como novas formas de associativismo esportivo. Não olhar para esses grupos como formas de associativismo é desprezar as relações existentes nessas organizações e reduzir esses grupos a meros conjuntos de clientes. Entendendo que associativismo é a formação de grupos pelas relações sociais que surgem entre seus integrantes com determinado fim, não há porque não considerar as assessorias esportivas como formas de associativismo e dessa forma ampliar os estudos sobre a temática.

Através desse estudo, foi possível identificar que os laços sociais são os principais fatores que levam as pessoas a permanecerem na equipe Azul. A forma de constituição do grupo não determina as relações que existem entre os integrantes. Ao contrário do que acontece em algumas associações, os grupos formados a partir de empresas podem possuir vínculos fortes e atuarem para a conquista de seus objetivos individuais e coletivos. O caso da CUCA, usado com o objetivo de comparação neste estudo, evidencia que apesar de o princípio de uma associação ser a união de pessoas para o alcance de um objetivo comum, nessas organizações podem haver, sim, interesses muito diversos, sendo estes, inclusive, os principais motivos para as dificuldades de consolidação do associativismo.

Contudo, apesar de considerar as assessorias esportivas como formas de associativismo não podemos desconsiderar o fato de que este tipo de associação não é possível para todos. Enquanto as associações muitas vezes buscam unir esforços para o alcance de objetivos que não são possíveis de serem alcançados individualmente, as assessorias esportivas como a Azul se fortalecem não só pela união de pessoas, mas pelo poder econômico que possuem. As parcerias comerciais, a visibilidade das marcas e a lucratividade dessas empresas possibilitam uma série de privilégios, como a utilização de espaços públicos, através de acordos financeiros ou trocas de favores.

Dessa forma, não é objetivo desse trabalho apresentar as assessorias esportivas como uma forma de associativismo mais viável ou capaz de organização comunitária. O objetivo é mostrar que existem outras formas de associativismo esportivo, e estas não devem ser desconsideradas. Assim, é possível compreender melhor o universo das práticas esportivas, levando em consideração os inúmeros fatores sociais que influenciam e se relacionam com estas práticas.

Ainda que tenham restado muitos assuntos a serem tratados, muitos diálogos em aberto, considero que através desse trabalho etnográfico foi possível trazer informações empíricas que confrontaram com alguns saberes e com alguns consensos muitas vezes não questionados. Considero o ponto de maior relevância dessa dissertação é que consegui abrir novas discussões, em especial acerca do associativismo esportivo. Contudo, de forma alguma, essa discussão se esgota por aqui, muito pelo contrário, considero este trabalho um breve início.

## REFERÊNCIAS

ALBINO, J. C. A.; CARRIERI, A. P.; FIGUEIREDO, D.; SARAIVA, F. H.; BARROS, F. L. R. S. Sport Club Internacional e a constituição da identidade corporativa de “clube-empresa”. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 48, art. 4, p. 81-100, 2009.

BALBINOTTI, M. A. A. e colaboradores. Perfis motivacionais de corredores de rua com diferentes tempos de prática. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 37, n. 1, p. 65-73, 2015.

BARNABÉ, I. R. Elites, classe social e poder local. **Revista Estudos de Sociologia**, v. 4, n. 7, p. 01-16. ISSN: 1982-4718. 1999.

BARRETO, Sebastião Luiz Costa. **Associativismo no Brasil**. Boletim de Intercâmbio, Rio de Janeiro, v. 6, n. 30, p. 44-53, 1987.

BÔAS, R. V. **The campus experience: Marketing para instituições de ensino**. São Paulo. Summus: 2008.

BOGDAN, R C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. **Gostos de classe e estilos de vida**. In ORTIZ, R. (org.) Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2<sup>o</sup> Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999,

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Coisas ditas São Paulo: Brasiliense, 2004

BRASIL. **Decreto nº 3.000 de 26 de Março de 1999**. Regulamento do Imposto de Renda – Diário Oficial da União, Brasília, 26 Mar. 1999.

BRASIL. **Código Civil, Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. 1<sup>o</sup> edição. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

BREIGER, R. The Duality of Persons and Groups. **Social Forces**, vol 53, n. 2, p. 181- 190, dez 1974.

CARDOSO, R. C. L. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In. \_\_\_\_\_. A aventura antropológica. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo/SP:PAZ E TERRA. 1988. p. 95-106

COELHO, Fábio Ulhoa (2010). **Manual de Direito Comercial** 22ª ed. São Paulo: Saraiva.

DELLARI, M. M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. 2009. 129. P. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

DIAS, C. Corrida de rua no país do futebol. **Record**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-32, jan./jun. 2017.

DIAS, Cleber; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização: notas de uma história recente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 249-271, jul./ set. 2009.

AABB – SÃO PAULO. ESTATUTO SOCIAL. Disponível em [http://www.aabbsp.com.br/editor/assets/conteudos%20efetivos/estatuto\\_social\\_17\\_10\\_09.pdf](http://www.aabbsp.com.br/editor/assets/conteudos%20efetivos/estatuto_social_17_10_09.pdf). Acessado em: abril de 2019.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE ATLETISMO. Estatística 2016. Disponível em: <<http://www.atletismofpa.org.br/estatistica-2016.html,67>>. Acessado em: maio. 2018.

FERNANDES, L. F. F. **A gestão dos clubes de futebol como clube empresa: estratégias de negócio**. 2000. 134 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Administração, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina. 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Ed. Afiliada. Rio de Janeiro.1989.

INCUBADORA SOCIAL. **Associativismo**. Santa Maria – RS. Disponível em <http://w3.ufsm.br/estudosculturais/arquivos/incubacao-artilhas/CARTILHA%20ASSOCIATIVISMO.pdf> Acessado em maio de 2019.

Gonzalez, F. J.. **Bases sociais das disposições para o envolvimento em práticas de movimento corporal no tempo livre** [recurso eletrônico] / Fernando Jaime Gonzalez. - Porto Alegre : Orquestra, 2013. Disponível em [http://www.cbce.org.br/upload/biblioteca/Fernando\[1\].pdf](http://www.cbce.org.br/upload/biblioteca/Fernando[1].pdf)

LIMA, RP. **A fantasia de atleta no imaginário de corredores amadores – análise do papel das marcas esportivas na construção da imagem de participantes de grupos de corrida**. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LINCK, B. S. **Grupos de corrida de Porto Alegre : levantamento sobre esses lugares de sociabilidades urbanas.** 2018. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Ufrgs, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174695?show=full>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

MAGNANI, J. C.; TORRES, L. L. **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** São Paulo: Edusp, 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Para tirar os pés do chão: corrida e associativismo.** São Paulo: Hucitec, 1999.

MARINHO, M.B. **A constituição dos grupos de corrida de rua da cidade de Alagoinhas-BA e a configuração de identidades.** In: 18. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2017, Anais... Brasília, 2017.

MIRANDA, C. F. **Como se vive de atletismo: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas.** 2007. Dissertação (mestrado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NAHAS, M. V.; GARCIA, L. M. T. Um pouco de história, desenvolvimentos recentes e perspectivas para a pesquisa em atividade física e saúde no Brasil. **Revista Brasileira da Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 1, p. 135–148, 2010.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** In. OLIVEIRA, R. C. (org.) O trabalho do antropólogo. 2ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2006.

OLIVEIRA, B.; CAMPOMAR, M. C. Revisitando o posicionamento em marketing. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 41-52, janeiro/março 2007.

OLIVEIRA, S.N. **Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida.** 2010. 102 p. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, S. N. DOLL, J. ‘This is The End, MyBeautifulFriend’: lazer sério e o fim da carreira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 215-236, jan./mar. 2017.

POCHMANN, M. O emprego na globalização. São Paulo: Boitempo, 2001. Brasil: segunda grande transformação no trabalho? In: **Revista Estudos Avançados**. V. 28, n. 81. São Paulo, 2014.

Recuero, R. Um estudo do capital social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, núm. 28, 2005, pp. 88-106

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciberultura).

RECUERO, R. **Considerações sobre a Difusão de Informações em Redes Sociais na Internet**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS, 2007.

RIES, A.; TRIOUT, J. **Posicionamento: a Batalha por sua mente**. São Paulo: M.Books, 2009.

ROJO, J. R. et al. Transformações no modelo de corridas de rua no Brasil: um estudo na “prova rústica Tiradentes”. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 25, n. 1, s.p., 2017

ROJO, J. R. **Processo de transformação das corridas de rua: um estudo da prova rústica Tiradentes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2014.

SALATA, A. R., Quem é Classe Média no Brasil? Um Estudo sobre Identidades de Classe. Dados - **Revista de Ciências Sociais** 2015.

SALGADO, J. V. V.; CHACON-MIKAHIL, M. P. T. Corrida de Rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**, Campinas, v.4, 1, pp. 100-109, 2006.

SCALCO, L. M. Por isso corro demais... Notas etnográficas de uma corredora iniciante. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. RBSE 9 (25): 312-355, Abril de 2010.

SEBRAE, 2019. <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/conheca-os-tipos-de-associacoes-existentis-no-brasil,1dee438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>

STEBBINS, Robert A. **Serious Leisure: a perspective for our time**. New Jersey: Transaction, 2008. 156f.

STIGGER, M.P. **Desporto, Lazer e Estilos de Vida: uma análise cultural a partir das práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto**.

Tese de Doutorado. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2000.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar**. Petrópolis: Vozes, 2008. V.3

WACQUANT, L. **Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1988.

## **APÊNDICES**

## 1.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado colaborador (a),

Você está sendo convidado a participar de um estudo etnográfico, cujo o título é:

**A ELITE AMADORA, FORA DOS PELOTÕES DE ELITE: um estudo etnográfico em uma assessoria esportiva para corredores amadores.**

Você deve ler com atenção o constante no presente termo antes da assinatura e do consentimento para a participação na pesquisa.

Você deve estar ciente de que sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, te identificar, será mantido em sigilo.

Você poderá se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar se justificar, e por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo do programa.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido o livre acesso as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo antes, durante e depois da sua participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre

consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

NOME: \_\_\_\_\_

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Pesquisadora: Sheroll Bernardi Meira  
(Mestranda do PPGCMH – ESEFID – UFRGS)  
Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

## 1.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS

Entrevista Semi – estruturada

### **Dados gerais:**

Idade:

Profissão:

Grau de escolaridade:

Estado Civil:

Bairro de residência:

Tempo no grupo de corrida:

### **Sobre a escolha pela Equipe Azul e permanência na equipe:**

Como conheceu a equipe Azul?

Como foi o ingresso no grupo?

Praticava corrida de rua antes de ingressar no grupo?

Já fez parte de algum outro grupo de corrida ou de algum outro grupo esportivo?

Quais motivos levaram à escolha pela equipe Azul?

Quais motivos fazem permanecer no grupo?

Pretende continuar no grupo de corrida? Como imagina o futuro na equipe?

### **Sobre a relação com a prática da corrida de rua:**

Como começou a praticar a corrida de rua?

Pratica outros esportes?

Pratica a corrida com qual objetivo?

Quais os principais benefícios em praticar a corrida de rua?

Quais as principais desvantagens em praticar a corrida de rua?

O que mais gosta do universo da corrida de rua (treinos, competições, o grupo de corrida, equipamentos, etc)?

Qual a importância da corrida de rua na sua vida?

### **Sobre os investimentos realizados para a prática da corrida de rua:**

Quanto tempo diário/semanal dedica à corrida de rua?

Quantas provas participa por mês/ano?

Além do pagamento de mensalidade da assessoria, faz algum outro investimento mensal para a prática do esporte?

Já participou ou pretende participar de provas internacionais?

Quais equipamentos possui para a prática da corrida, incluindo vestuário?

Com relação à sua renda, como considera seus investimentos financeiros para a prática da corrida (baixo, médio, alto)?

Com relação a outros gastos (lazer, saúde, etc) como avalia seus investimentos financeiros para a prática da corrida?

### 1.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES/ESTAGIÁRIO

Entrevista Semi – estruturada

**Dados gerais:**

Idade:

Grau de escolaridade:

Estado Civil:

Tempo no grupo de corrida:

**Sobre as características e os diferenciais da empresa Azul:**

Qual tu acreditas ser o diferencial da equipe azul com relação as outras assessorias?

Quais os motivos que levam à escolha pela equipe Azul?

Quais os motivos que fazem com que os alunos permaneçam na equipe?

Como a Azul capta novos alunos?

**Sobre os alunos da equipe:**

Tu acreditas que exista uma certa uniformidade de perfil de aluno quanto a classe social, escolaridade, hábitos de consumo, etc?

Quais as principais características dos alunos da equipe Azul (sexo, idade, escolaridade, etc)?

**Sobre a relação com a corrida de rua:**

Pratica corrida de rua? Há quanto tempo? Começou a praticar quando?

Pratica outros esportes?

Quais os principais benefícios em praticar a corrida de rua?

Quais as principais desvantagens em praticar a corrida de rua?

O que mais gosta do universo da corrida de rua (ensinar, treinos, competições, o grupo de corrida, equipamentos, etc)?

Qual a importância da corrida de rua na sua vida?